

O artigo 4.º do regulamento diz que *obtida a concessão* o pretendente designará o lugar onde quer que ella se torne effectiva.

O terreno será depois mandado medir pelo governador, que providenciará sobre as reclamações que possa haver.

Mas como poderá realizar-se isto?

O pretendente não tem uma carta da provincia onde deseja ir estabelecer-se; não sabe quaes são os terrenos baldios; não conhece quaes os terrenos já concedidos e os que estão por conceder; e o ministerio da marinha poucas mais informações lhe póde dar, porque não possui os elementos indispensaveis para isso.

De modo que o colono começa por não saber o sitio onde póde pedir a concessão, e fica sujeito, á decisão de reclamações possiveis ainda se a obtem.

Mas dado mesmo que existisse uma carta geographica, isso não bastaria ainda assim. A carta só não resolve o problema.

Á companhia, sociedade ou individuo que se dispoem a arriscar os seus capitaes n'uma exploração colonial, não é mister sómente saber onde póde pedir a concessão; é necessario que saiba o que ha-de fazer com esse terreno, como deve utilisal-o, a que especie de cultura será mais productivamente applicavel, quanto póde render e quanto póde custar o seu amanho.

Para os que estão lá será talvez aproveitavel a lei, mas com esses nada temos; ainda bem que já lá estão. O que se tracta é de promover a emigração de capitaes para lá.

Ora nós não comprehendemos como os capitaes, e os colonos que devem administrar-os, se arrisquem a ir lançar-se d'um modo estultamente aventureiro, n'uma empresa para a qual não teem nem dados nem informações, que sejam, se não uma completa garantia, ao menos uma justificação da tentativa, e uma probabilidade de exito.

É necessario, por tanto, que antes de tudo se façam explorações scientificas de character accentuadamente pratico, tendo por fim fazer conhecer os recursos da região explorada.

Os Estados Unidos da America podem servir-nos de guia para esses trabalhos, que aquelle paiz copiou, aperfeiçoando-os, do systema de colonisação da nação colonisadora por excellencia — a Inglaterra.

Nos seus vastos territorios, ainda inhabitados por assim dizer, o governo de Washington começa por fazer explorações geographicas e geologicas, que são a base de todo o futuro trabalho de colonisação.

Com effeito, de terras ainda incultas o que ha a saber? A sua disposição orographica; a situação dos rios,—sua navegabilidade e regimen; a natureza do solo,—sua productividade agricola e suas riquezas mineraes.

O reconhecimento geologico acompanha sempre o reconhecimento geographico; o primeiro não póde fazer-se sem o auxilio do segundo, e este é quasi inutil sem aquelle.

Este trabalho geral incita as grandes companhias a explorarem as minas, a abrir caminhos de ferro, a montar grandes explorações agricolas.

Estas levam os capitaes e arrastam atraz de si os operarios.

Em seguida o governo procede á medição dos terrenos, fazendo dos seus recursos um estudo mais minucioso, e offerece-os á venda.

Ás companhias de caminhos de ferro concede-se uma facha de terreno marginal, que ordinariamente tem 20 milhas de cada lado da linha; toda a conveniencia está em vender essas terras, e promover para ali a emigração; tratam por tanto tambem por seu lado de fazer os seus estudos, a que dão uma larga publicidade.

Tenho diante de mim um d'estes livros que tem por titulo «*Terras no Sul — 2.000:000 de acres de ricos terrenos para lavoura, sobre a linha do caminho de ferro de Cairo a Fulton — Arkansas*» (*Lands in the South — 2:000:000 acres of rich arable farming lands on the line of the Cairo & Fulton rail road — Arkansas*).

Abro este livro ao acaso. Encontro uma carta do *condado de Pulaski* onde estão indicados os terrenos já vendidos e os que se acham á venda. Esta carta é acompanhada de uma descrição no texto, indicando a productividade da terra, que é de um fardo de algodão, ou 50 a 75 *buschels* de milho por acre (isto é, 2 ½ fardos de algodão, em 4:370 a 6:530 litros de milho por hectare).

Dá informações sobre as madeiras da região, sobre a existencia de minas de ferro, de minas de chumbo, de prata, etc.

E cada um dos condados atravessados

pelo caminho de ferro tem o seu mappa especial com indicações preciosas sobre a natureza do terreno, a sua mais util applicação agricola, sua producção e as suas riquezas mineraes, se as ha.

Menciona-se a importancia dos impostos a pagar, o numero de escolas, de egrejas, etc.

Este livro é profusamente espalhado por toda a parte, como um annuncio.

O emigrante que parte para ali vae como para paiz conhecido, perfeitamente informado dos recursos do solo e do modo como póde exercer a sua actividade.

Compreende-se que por esta forma se possa promover rapidamente a colonisação d'aquelles territorios, como de facto tem succedido.

Mas todos estes trabalhos parcellares téem por base o trabalho de exploração geral do Governo Central, que é a chave de todo o systema, e sem o que a iniciativa particular teria de lutar com difficuldades quasi invenciveis.

Se queremos valorisar os nossos territorios d'Africa, é pois absolutamente necessario que sigamos marcha identica, procedendo quanto antes á sua exploração geologica. Sem isso será extremamente difficil attrahir para ahi o capital e o colono.

Não se intenda, porém, quando fallamos de explorações geologicas, que pretendemos, em nossa mente, dar a estes trabalhos uma feição puramente theorica; ao contrario; julgamos que devem visar mais especialmente a um fim pratico e utilitario; não é a geologia historica, mas a geologia economica o que de preferencia se deve estudar. E seguindo esta ordem de ideas intendemos que é sobre tudo ao conhecimento dos recursos mineiros, que a exploração deve prestar os seus primeiros cuidados e a mais particular attenção.

Só as minas, e a cobiça de um lucro immediato e rapido, é que podem determinar, em curto praso, a affluencia de capital ás nossas colonias.

A industria agricola, mais lenta nos seus progressos, não pode exercer sobre o capital as seduções de que é capaz a industria mineira.

Basta recordar a largos traços a historia dos paizes novos para que resalte com toda

a evidencia quanto influiu sobre o seu desenvolvimento a descoberta e a lavra das minas.

A' larga exploração de ferro, carvão e petroleo devem os velhos Estados da União Americana o seu prodigioso progresso, e toda a historia dos novos Estados e Territorios se resume na historia da lavra das suas minas.

A descoberta do cobre na margem sul do Lago Superior ficará assignalada para sempre como um dos mais notaveis acontecimentos da historia mineira d'aquelle paiz e é um dos mais frisantes exemplos do que temos em vista provar.

A primeira noticia da existencia de cobre n'aquella região encontra-se no livro de Lagarde, publicado em 1686.

Os Jesuitas francezes, que 30 annos mais tarde chegaram ao Lago Superior, onde as villas de *Marquette* e *Allouez* recordam ainda hoje os seus nomes, escreveram tambem sobre as minas de cobre.

Em 1765 o capitão Jonathan Carver publicou um livro contando taes maravilhas das riquezas mineraes d'aquella região, que a sua obra passou aos olhos de muitos como uma phantasia de viajante. Em todo o caso a sensação produzida foi tal que deu logar em Inglaterra á fundação de uma companhia para exploração d'aquellas minas.

Mas o capitão Carver não era mineiro; e por isso a designação dos sitios das minas foi por vezes errada. Viu por ventura n'esses sitios alguns blocos de cobre, e d'ahi concluiu, sem mais investigações, para a existencia de jazigos proximos. Esses blocos, porém, tinham sido provavelmente arrastados de logares muito distantes por effeito do phenomeno glaciario.

A companhia, fundada em 1770 com tanto entusiasmo, abandonou os trabalhos em 1776, sem outro producto mais que a historia dos seus desastres, consignada no livro de «Viagens e Aventuras no Canadá» de Mr. Alexander Henry, commerciante de pelles como Carver, e superintendente da primeira exploração mineira do Lago.

Sob uma tal direcção era inevitavel a queda.

A ruina d'esta primeira empreza lançou a desconfiança sobre aquellas minas; 70 annos mais tarde alludia-se ainda no Senado de Washington á existencia do cobre n'aquella região, como *supposta*.

O Estado de Michigan, que como todos os estados da União, tratam de fazer explorações geologicas no interesse de desenvolver as suas industrias, encarregou d'esse serviço o habil geologo Douglass Houghton.

O seu primeiro relatorio, apresentado em 1841, produziu uma impressão extraordinaria, e uma verdadeira revolução.

Desde 1844 até 1846 mais de 1:000 concessões de minas foram feitas.

A noticia d'aquellas descobertas percorreu rapidamente todos os Estados da União, produzindo um caloroso enthusiasmo.

O encontro da prata nativa associada ao cobre augmentou ainda a excitação. Formaram-se numerosas companhias; multidões de colonos se dirigiram para o Lago Superior a procurar minas e trabalho.

Em seguida á descoberta do cobre veio a descoberta de enormes jazigos de ferro, que asseguram áquelle paiz um largo futuro industrial.

Estabeleceram-se caminhos de ferro, fundaram-se villas, e as aguas tranquillias e silenciosas do Lago foram cortadas de possantes «Steamers».

Desde 1844 até 1875 o valor do cobre produzido foi de 93:000 contos.

O valor do minerio de ferro extrahido desde 1856 até 1875 foi de 63:000 contos.

Depois das minas veio a exploração das madeiras. Com a colonisação e a constituição da familia veio a agricultura, que ficará para sempre, ainda que se esgotem os jazigos.

Visitei e estudei aquellas regiões mineiras no começo de 1877; e tive occasião de vêr como era justificado o enthusiasmo produzido pelas minas e a poderosa influencia que ellas exerceram na colonisação.

Em «Central Mine» vi eu duas massas de cobre nativo, uma com 100 e outra com 200 toneladas, tendo um theor aproximadamente de 80 % e que valiam ao menos 60:000\$000 réis.

Sem as minas esta região estaria talvez deshabitada ainda. O inverno dura 6 a 7 mezes; a neve chega a uma espessura nos mezes mais frios de 3 a 7 pés; a navegação no

Lago interrompe-se durante uns poucos de mezes.

Quem se lembraria n'estas condições, de ir estabelecer-se n'aquellas paragens só pelo lucro que podesse deixar a agricultura?

Em 1847, os Estados Unidos, terminando a guerra com o Mexico, encorporaram as terras da California, que com outras provincias constituíam a Nova Hespanha.

Concediam-se immensas quantidades de terras aos colonos — 11 leguas quadradas usualmente — e o paiz estava quasi deshabitado. Tornam-se conhecidas em 1848 as suas riquissimas alluviões auríferas e a emigração cresce logo com extraordinaria rapidez.

Lançam-se n'aquella região os aventureiros de todo o mundo, arrastados pela cobiça do ouro. Muitos se arruinam n'esse jogo, muitos outros porém alcançam ahi fortunas fabulosas.

A actividade mineira caminha nas suas explorações para Norte e para Este. O governo manda proceder á medição dos terrenos e a explorações geologicas. Em 1859 descobre-se a região argentifera da Nevada, a que pertence o famoso filão de Comstock; em seguida tornam-se conhecidas as minas de chumbo argentifero de Utah, no paiz dos Mormons.

Dois annos bastaram, desde 1848 a 1850, para encher os valles do Sacramento e de S. Joaquim com uma população de 100:000 homens de todas as raças e condições, que 10 annos mais tarde se elevava a 620:000 e em 1870 chegava a 1.000:000.

Este maravilhoso resultado, que foi a consequencia immediata da descoberta das minas de prata e ouro, justifica-se pelas proprias minas.

O filão de Comstock, só por si, produziu até 1873, o valor em prata 171:000 contos.

O valor do ouro produzido nos Estados Unidos desde 1847 a 1773 inclusivè, foi, segundo o dr. Raymond, de 1.141:000 contos em numero redondo. O valor da prata durante o mesmo periodo foi de 174:000 contos.

Em 1874 a somma do valor do ouro e da prata produzido desde 1847 chegava ao numero fabuloso de 1.370:000 contos!

(Continúa).

LOURENÇO MALHEIRO.

PELO MUNDO

EUROPA

Nesta ultima quinzena, quer n'uma, quer n'outra casa do parlamento, unicamente se tem discutido a resposta ao discurso da corôa. A discussão, umas vezes energica, vehemente, quasi a precipitar-se no agravo pessoal, outras placida, frouxa, quasi a despenhar-se na chochice, só tem tido por objecto o descobrimento das irregularidades que regeneradores e constituintes commetteram em tempos já distantes, e as que os progressistas tem praticado durante o curto periodo da sua gerencia.

Estamos longe de ter a opinião que estas discussões são futeis, d'uma grande inutilidade, quando aos debates seja dada a conveniente direcção: mas, no caso subjeito, como meio de descredito dos nossos homens publicos, achamos, além de inconveniente, criminoso.

Mas a quem a culpa de que a este debate fosse traçada tal directriz? Não é a uma revista d'este genero, para um periodico com o programma do nosso, que compete averigual-o, nem mesmo em tal assumpto tocariamos, se não tivéssemos d'extranhar que opposição e governo não encontrasse logar em tão longas e bem estudadas orações para pedir, ou dar, explicações a respeito das medidas com que o actual ministro da marinha pretende operar a regeneração dos nossos vastos dominios coloniaes.

Seremos demasiadamente leigos nas conveniencias da politica, que se esmurra e injuria nas salas das sessões para cá fóra trocar abraços e charutos, mas parecia-nos azado o ensejo para que governo e opposição patenteassem os seus planos d'organisação e administração colonial.

Seja como fór, o caso é que sobre tal assumpto nada podemos dizer. Não fallaram as Sybillas, e, portanto, nada podemos declarar aos nossos leitores.

— Uma questão importante, que ha semanas preoccupa o mundo commercial e todos aquelles que nas nossas possessões africanas tem qualquer interesse, é o contracto, feito entre o governo portuguez e a casa Burnay & C.^a, de navegação para a Africa.

Na camara dos deputados o snr. Evaristo Brandão, ainda antes de estar publicado o respectivo contracto, pediu, ácerca d'elle, explicações ao ministro que, talvez por as julgar inopportunas se negou a dal-as e na camara alta, na sessão do dia 7, o snr. visconde de Chancelleiros no mesmo sentido annunciou ao governo uma interpellação.

Agora, que o contracto está publicado, é natural que o ministro da marinha, sem delongas, satisfaça os illustres parlamentares, e, então, teremos occasião de avaliar se os interesses das nossas possessões ultramarinas foram zelados, como convinha, pelo governo da metropole.

Na praça discute-se muito este contracto, e falla-se até que o despeito d'alguns capitalistas, por terem visto ser preferida a proposta da casa Burnay, dará logar a que haja duas carreiras de vapores, tendo por pontos extremos e d'escala os mesmos portos.

Esta concorrência, que a muitos se apresenta como uma vantagem para o commercio e para a facilidade de todo o genero de relações com os nossos compatriotas africanos, é por nós encarada como um perigo para esse commercio e para essa mesma facilidade nas relações coloniaes. Tememos que os productos trocados entre a metropole e as possessões não seja bastante para sustentar as duas empresas, e que da lueta entre as duas resulte o completo aniquilamento d'ambas. A concorrência é um bem para o publico, quando o campo de exploração é vasto, mas, n'esta hypothese, escasso como é, julgamos muito para receber a guerra entre as duas companhias.

— A's 11 horas da manhã do dia 16 de janeiro chegou a S. Petersburgo o tenente-coronel Nicolau Prjévalski, depois de ter durante dois annos, á testa d'uma expedição, explorado regiões ainda desconhecidas da Asia central.

Graças á sua coragem e á sua energia, diz um jornal russo, o intrepido viajante venceu innumeradas difficuldades e fez frente a muitos perigos. Emfim está de volta á sua patria, tendo-a coberto com os reflexos da sua gloria e tendo enriquecido a sciencia nacional com muitas e novas descobertas.

O mesmo jornal narra os festejos que tem sido feitos ao celebre viajante e enunera as distincções que lhe tem sido conferidas.

AFRICA

Depois de dilatado intervallo acabam de se receber em Berlim noticias do dr. Max Buchner, que dirige uma expedição na Africa equatorial.

As cartas d'elle, agora recebidas, tem a data do mez de fevereiro, de 20 de maio e do 1.º de julho; outras cartas, escriptas por elle em Janeiro e abril, não chegaram ao seu destino.

O dr. Buchner demorou-se seis mezes na *mussumba* (residencia) de Muata Yamro, onde, muito em socego, se ponde dedicar aos trabalhos de topographia, de photographia, a investigações de historia natural e a observações astronomicas, que promettem, para a determinação dos logares, fornecer os processos de Schut esclarecimentos importantes.

Com a data de 1 de julho escreve elle de Mueux Tschikambo, disendo que depois de ter mandado a maior parte da gente com as suas colleções para Angola, está proximo a pôr-se a caminho para o Norte. Uns cincoenta homens promptificam-se a acompanhal-o.

— No dia 1 de janeiro passado devia partir do Cairo um viajante, que se propõe atravessar o continente africano em toda a sua extensão, desde o Egypto até ao cabo da Boa Esperança.

João Maria Schuver, depois de ter herdado de seu pae, um dos mais ricos negociantes de Madagascar, uma fortuna bastante consideravel, foi para Oriente no principio da guerra russo-turca, onde fez toda a campanha, agregado ao estado maior ottomano, como representante do jornal inglez o *Standard*. Ha um mez que chegou ao Egypto, onde se tem preparado para fazer uma viagem em extremo audaciosa: propõe-se fazer a travessia completa da Africa, de norte a sul.

Este homem, apenas de vinte sete annos, tem felizmente uma constituição robustissima, que lhe permite o executar tudo quanto á sua phantasia sonha. Cinco annos de campanhas quasi constantes puzeram-n'o á prova de todas as fadigas, habituaram-n'o a todas as privações da vida de soldado e couçaram-n'o contra as consequencias perigosissimas dos contrastes das temperaturas extremas, reunidas muitas vezes sob a mesma latitude.

Schuver tem por companheiro de viagem um francez, M. Leão Peguignot, que por muito tempo viveu na Abyssinia, onde esteve prisioneiro. Os seus conhecimentos da lingua e dos usos d'este paiz serão preciosos para os dous viajantes atravessarem a região que confina com os estados do rei João.

AMERICA

Ultimamente publicou-se nos Estados-Unidos um relatório, que dá as mais interessantes noticias sobre o estado da civilisação dos Indios da America do norte.

Ha n'este momento, diz o relatório, em toda a extensão dos Estados-Unidos, nm numero d'Indios, avaliado em 255:000 não comprehendendo os do territorio d'Alaska (antiga America russa). D'estes, 78:000 vivem no territorio chamado Indiano, a oeste do Mississipi, e n'estes 78:000 ha 60:000 civilizados e 18:000 ainda no estado selvagem.

Os indigenas selvagens da America estão mostrando uma grande tendencia para a civilisação. De povos nomadas tornam-se sedentarios, e, pouco a pouco, vão passando ao estado de povo caçador e agricultor. Mas de todos os Indios os que, sem duvida, mostram mais affeição á vida civilizada, são os Pelles-Vermelhas. Estes já habitam cidades, em que ha escolas e muitas instituições uteis.

Em 1880 sete mil crianças frequentaram as escolas. Por toda a parte os filhos dos Pelles-Vermelhas manifestam as mais felizes disposições para aprender a lér, a escrever.



M. SAMARIN, REDACTOR DA «GAZETA DE MOSCOU» — Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)

XV

NICOLAU ILYIN

Dias depois deixei Solovetsk para me dirigir para o sul; mas perseguia-me a imagem do prisioneiro. A todos pedia informações e, por fim, consegui colher, a respeito d'elle, dados importantes e numerosos.

Independentemente da fabula popular do espectro de Solovetsk e das parencas de Ilyin com o gran-duque Constantino, muitas outras circumstancias da historia d'este in-

feliz preso explicam as sympathias que os Polacos por elle teem.

Em primeiro logar porque é um compatriota, ou, se não nasceu na Polonia, sua mãe era d'alli. Seu pae, d'origem sueca, tinha sido general do imperio russo. O filho, ainda muito novo, foi mandado para o collegio dos jesuitas de Polotsk: collegio notavel, que nos primeiros annos do reinado de Alexandre I tantos filhos familias guiou para o erro. Os nomes do nosso heroe fizeram com que elle se dedicasse ao estudo dos livros religiosos. S. Nicolau é o patrono dos pobres, e Ilyin é o nome russo do propheta Elias.

A sua educação foi cuidadosamente vigia-

da. Pela sua meiguice, pelo amor ao estudo, pelo seu espirito religioso tornou-se o enlevo dos mestres. Nunca ninguem o viu tomar bebidas espirituosas nem rogar pragas; nem mesmo dançar ou jogar. Quando chegou o momento de deixar o collegio fez um brilhante exame de sahida, que o classificou entre os primeiros alumnos, e entrou n'um regimento d'artilheria com a patente de segundo tenente. Na vida de quartel, como no collegio, fez-se tambem notar pela sua dedicação ao trabalho, pelo desprezo dos divertimentos e pela pureza do seu viver. Leitor infatigavel, dedicava dias e noutes a estudos nada apreciados no meio em que então vivia. Emquanto que os seus collegas despejavam grandes copos, ou dançavam durante uma noute inteira, elle passava as horas, que lhe deixavam vagas os exercicios militares, em companhia de Newton, de Swedenborg, de Bengel. Então era difficil o conhecerem-se as suas ideias religiosas. Dizia-se que seu pae era catholico grego e que sua mãe era catholico-romana; e, como todos conheciam as intenções do collegio jesuita de Polotsk, todos se convenciam de que os jesuitas não deveriam ter poupado esforços para chamar ao seu gremio tão distincto discipulo.

Em Polotsk, como na maior parte das cidades da Polonia, habitam um grande numero de judeus instruidos. Pelos estudos que fazia dos trabalhos de Newton e principalmente pela leitura das *Observações sobre o Apocalypse*, levado a procurar a convivencia dos rabinos, entreteve-se com elles a respeito das suas cogitações. Um dia, que n'uma synagoga assistiu a uma cerimonia religiosa, descobriu no rito hebreu umas formulas misticas, em que ninguem até então tinha attentado. Estudando *Mischna* e *Gemara*, chegou a imaginar que, com a ajuda do Espirito Santo, seria possivel encontrar uma profissão de fé, uma formula, que reunisse todos os numerosos membros da familia d'Abrahão debaixo da mesma bandeira. Era, sem duvida, um sonho, mas um sonho nobre e formoso!

Afagou silenciosamente esta ideia até ao momento em que julgou ser tempo d'operar a grande reconciliação que meditava. O enviado por Deus para transformar as sociedades religiosas era elle, Nicolau Ilyin, elle que, tendo nascido d'um pae catholico grego e de uma mãe catholico-romana, usando os no-

mes d'um propheta hebreu e d'um santo russo, servindo nos exercitos d'um imperador orthodoxo, tendo sido educado pelos jesuitas e depois instruido pelos rabinos, tinha todos os caracteres cosmopolitas que convinham a tão elevada missão.

Considerando que a doutrina hebraica não só era a mais antiga, a mais veneravel, mas tambem tendo formulas mais simples, do que as suas rivaes, elle tomou-a por base d'uma religião vasta e comprehensivel. O seu systema tinha, por ponto culminante, Deus, e por ponto inferior o homem. Supprimiu, como sendo cousas indifferentes, todos os pontos que dividem as diversas religiões: o mysterio da immaculada concepção, o symbolo da cruz, o baptismo, a confissão, a Egreja official, a casta sacerdotal. Esta grande eliminação unicamente deixava subsistir a unidade divina e a fraternidade humana, dogmas que Ilyin julgava serem os unicos d'uma importancia capital.

O novo apostolo, dotado d'uma agradavel presença e de palavra eloquente, começou a ensinar a religião do futuro; proclamou a proxima reconciliação de todos os amigos de Deus, de todas as sociedades religiosas originadas nas crenças d'Abrahão.

Os frades que o lançaram nas enxovias de Solovetsk accusam-n'o de impostura, de mostrar um falso zêlo pela Egreja orthodoxa; pretendem que, arrancando o general Vronbel, seu superior, da Egreja romana para o lançar nos braços da Egreja Russa, Ilyin só tinha em vista, como recompensa d'este serviço, o alcançar licença de livremente prégar a sua doutrina.

Estes factos são talvez exactos, mas tambem é possivel que as consequencias d'elles deduzidas sejam falsas. Na Russia um official, que não pertence ao culto nacional, encontra-se em grandes embaraços para satisfazer ás necessidades religiosas da sua alma. A menos de não estar aquartelado n'uma grande cidade, o militar catholico romano não póde assistir a uma missa, nem o protestante a um sermão e os officiaes crentes em qualquer d'estas religiões não teem mais recurso do que pedir ao cachimbo e ao jogo distracções, enquanto que os seus camaradas assistem ás ceremonias orthodoxas.

Ilyin naturalmente pensou que mais valia para Vronbel o tornar-se um catholico grego

fervoroso, do que ser um mau catholico romano. No principio da sua lucta religiosa parece que Ilyin queria servir-se da Igreja orthodoxa como instrumento de reconciliação entre todos os homens. Fazendo que as almas seguissem aquella fé, julgava pôl-as em melhor caminho para acceitarem a sua doutrina. O que em tudo isto ha de certo é, que elle converteu o seu general e obteve do bispo auctorisação para prégar.

O prelado suppunha, todavia, que o novo apostolo trazia ao seio da Igreja os espiritos dissidentes; não imaginava que elle acalentasse o atrevido projecto de construir um edificio espiritual mais vasto e que pretendesse erguer o estandarte d'uma doutrina nova. Ilyin ia por todas as provincias da Russia e aos habitantes, individuos d'imaginação aventureira, prégava uma doutrina talvez pouco orthodoxa, mas que o bispo, cheio de confiança, não contradizia. Em toda a parte attrahia os fleis, fascinava-os com os brilhantismos da sua eloquencia e com a pureza da sua vida.

Ilyin casára novo e o céo abençoára esta união concedendo-lhe dois filhos. Parecia que a felicidade domestica o deveria agrilhoar á familia, mas elle pensava que o melhor modo de ser grato á Providencia era o dedicar-se fervorosamente á obra que emprehendéra. Procurou um nome para os seus neóphitos e encontrou no *Apocalypse* um que julgou proprio para designar todos os corações sinceros, unidos n'este mundo pela pureza das suas intenções e predestinados para a felicidade immortal dos legitimos servos de Deus. Chamou-lhes — *Irmãos da Direita*.

Official instruido, administrador habil, ao mesmo tempo que era propheta foi encarregado pelo governo de dirigir os trabalhos d'uma mina nos montes Urals. Posto que com o maximo zêlo desempenhasse as suas obrigações d'engenheiro, tinha, todavia, tempo ainda para cathechisar os infelizes condemnados e converter á sua doutrina alguns dos que tinham desprezado a fé official. Os seus proprios inimigos affirmam que, por esse tempo, Ilyin levava uma vida santa. Nomeado director das importantes minas de Barancha e das suas officinas, que produzem uma grande quantidade de ferro e aço, encontrou, nos habitantes d'este districto, na sua maior parte exilados perseguidos por

causa das suas crenças religiosas, campo, onde bem se puderam desenvolver os seus talentos de prégador e d'apostolo. Mas os martyres livre-pensadores, com que deparou n'estas minas, foram para elle o que os chefes Cafres foram para o bispo do Natal. Mostraram-lhe o lado fraco da causa que defendia. Incutiram-lhe a duvida da possibilidade em obter concessão alguma dos metropolitanos e dos frades. Obrigado a escrupulosamente examinar a sua doutrina, Ilyin acabou por renunciar á fé orthodoxa e mesmo por não assistir ás ceremonias religiosas da Igreja russa.

Pouco a pouco um culto clandestino se foi desenvolvendo na provincia de Perm; Ilyin era seu chefe. A nova seita não foi conhecida se não quando Protopopoff, um dos neophitos, accusado de ter infringido os regulamentos das minas, foi julgado. O seu verdadeiro crime era ter fallado, em termos injuriosos, da Igreja official. Ilyin defendeu o réu com um grande enthusiasmo, o que não obstou a que Protopopoff fosse condemnado, mas attrahiu as attenções dos juizes sobre o advogado. O engenheiro em chefe das minas dos Urals officiou ao ministro, dizendo-lhe que n'um dos districtos da sua direcção se começava a enraizar uma seita nova.

Uma commissão especial d'inquerito foi nomeada pelo ministro; os membros da commissão partiram immediatamente para as minas dos Urals, prenderam alguns neophitos e apoderaram-se d'um manuscripto mysterioso. Interrogado Ilyin confessou ser o seu auctor; mas, com o Evangelho na mão, demonstrou que o documento apprehendido era o extracto quasi textual do sermão na montanha. Com uma argumentação esmagadora negou aos membros do inquerito o direito de julgar e condemnar as palavras de Christo. Os membros da commissão, enleitados com tão grande eloquencia e com tal coragem, não souberam que responder; todavia, como homens praticos, concluíram que um capitão d'artilheria, que sustentava doutrinas heterodoxas, devia necessariamente ter as faculdades intellectuaes em mau estado.

Logo que o Santo-Synodo se viu armado com o relatorio da commissão d'inquerito, depressa julgou o processo. O audacioso, que sonhára a união dos homens e das crenças, foi encerrado no mosteiro de Solovetsk

para aqui ser despojado do espirito d'innovação, do seu amor pelas reformas, para que a sua consciencia fosse submettida á direcção dos monges.

Eis aqui a razão por que este utopista está preso no convento. O Santo-Synodo trata os homens da tempera de Nicolau Ilyin como crianças transviadas, esperando sempre que, mais cedo ou mais tarde, entrarão no verdadeiro caminho. Estas sentenças ecclesiasticas são, pouco mais ou menos, concebidas n'estes termos:

«O réo será conduzido a tal mosteiro, onde será submettido a uma rigorosa disciplina e ahi ficará até que, tendo reconhecido os seus erros, a verdadeira luz se faça no seu espirito».

A menos que o encarcerado não seja um especulador, comprehende-se o tempo que podem durar estas reclusões!

Nicolau Ilyin é um homem de tal maneira instruido, que frade algum de Solovetsk póde sustentar com elle uma discussão importante. Um dos precedentes archimandritas tentou, uma vez, discutir com o preso; mas a dialectica de Ilyin e o muito conhecimento dos livros religiosos depressa o obrigaram a calar-se; o prelado que repellira a esquadra ingleza retirou-se da cella de Ilyin completamente batido.

Um dia, ajudado por uns soldados que o tinham conhecido em tempos mais felizes, o prisioneiro conseguiu evadir-se. Chegado n'um barco á ponta Onéga teria podido, protegido pelo povo, conseguir embrenhar-se pelo paiz; a prudencia aconselhava-o a que se escondesse para que os seus perseguidores lhe perdessem a pista; mas o intrepido apostolo desprezou estes conselhos da sabedoria humana e immediatamente recommçou a prégar publicamente. A policia prendeu-o e entre uma escolta segura foi novamente conduzido ao seu calaboiço. Os soldados que o tinham protegido na evasão foram condemnados a trabalhos publicos perpetuos para a Siberia.

Se ao preso não foi dado o mesmo castigo, foi porque os seus titulos de nobreza, a influencia da sua familia foram postas na balança da justiça e lhe valeram a commutação da pena.

Os esforços que tenho feito para obter o perdão do infeliz velho não teem tido resul-

tado até hoje; todos os meus requerimentos teem tido este vago deferimento: «Examinados os autos do processo Ilyin, n'elles não se encontra ordem de soltura (sic).» E todavia os homens do character de Ilyin, os homens que, para serem fieis á sua consciencia affrontariam os maiores perigos, que preferem viver com a paz da sua consciencia n'uma enxovia a habitar um palacio, onde seriam obrigados a vergar-se a mentiras ignobeis, esses homens são a melhor seiva das nações; os seus proprios erros merecem indulgencia.

XVI

DISSIDENCIAS RELIGIOSAS

Uma parte da população russa affasta-se em muitos pontos do culto official.

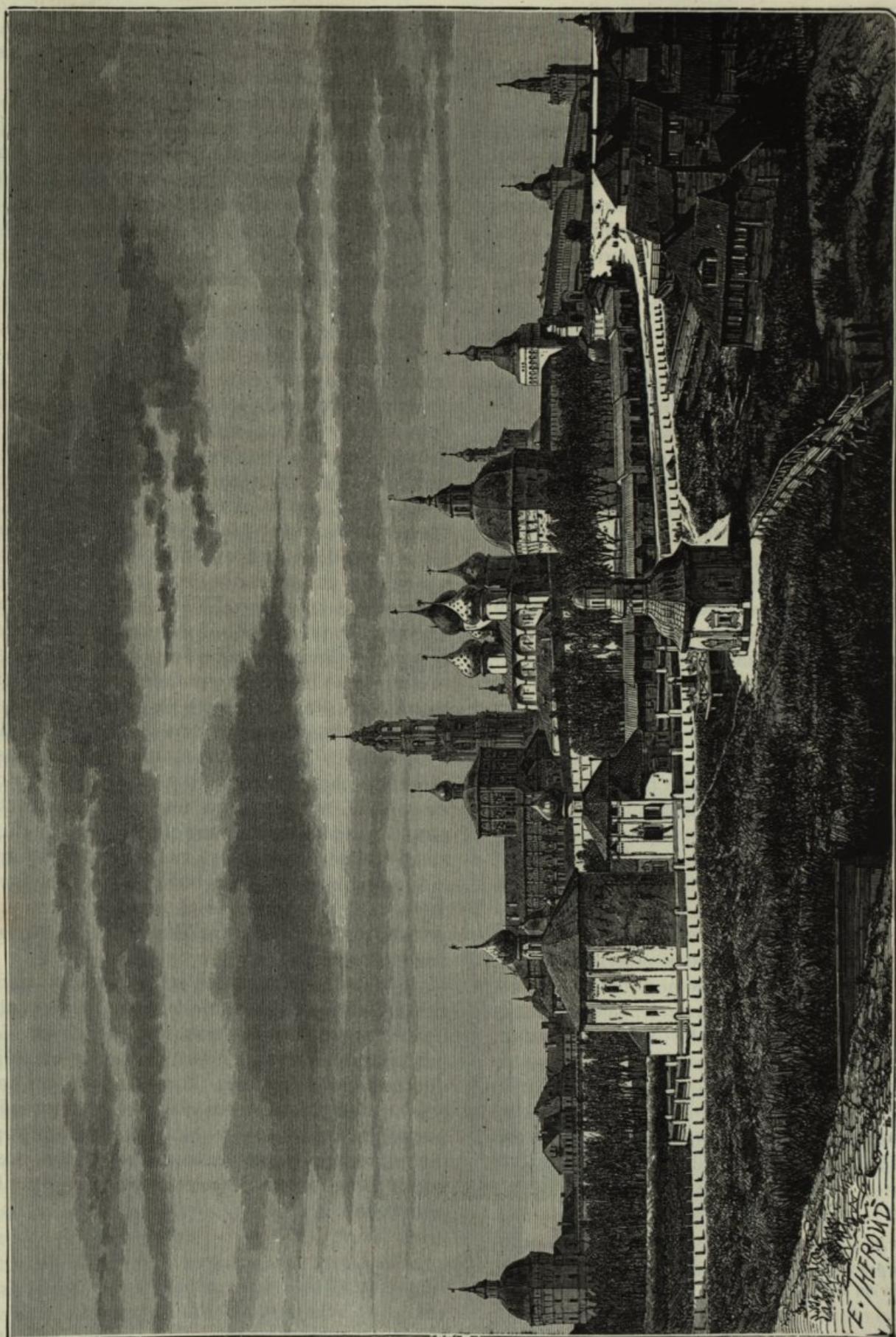
O imperador Nicolau não queria ouvir dizer que uma só das almas dos seus subditos se apartava da sua igreja. Para elle duas unicas palavras resumiam a sciencia de governar: «Autocracia e Orthodoxia», e o que o amo não queria conhecer, os seus ministros fechavam os olhos para não vêr. O czar tinha orgulho em repetir que milhões de musulmanos, de judeus, de budhistas viviam em paz sob o seu sceptro; mas que nacionaes se permittissem differir da sua opinião, teria sido um crime não menos grave do que uma revolta.

A Igreja fixava a crença de cada um e de todos, determinava as condições indispensaveis para que um Russo podésse escapar ás lavaredas do inferno. E não tinha o imperador jurado fazer observar estas leis?

Durante todo o reinado do imperador Nicolau acreditava-se, ou fingia-se acreditar no Palacio d'Inverno, que os dissidentes tinham desaparecido. Uma igreja christã, uma unica existia no imperio; e nunca o czar soube a verdade a respeito d'estes homens, que o sopro da sua colera devia ter dispersado.

Mas, apesar do que se dizia nas regiões officiaes, os dissidentes cresciam e multiplicavam-se.

Não ha ninguem na Russia que tenha a pretensão de conhecer os nomes, o numero e as differentes doutrinas d'estas seitas e ainda menos o segredo do seu desenvolvimento. Um profundo mysterio as envolve. O minis-



VISTA DO CONVENTO DE TROITSA — Desenho de E. Therond, segundo uma photographia

E. THEROND

tro da policia divide-as em quatro grupos principaes, que denomina assim:

I *Os Dukhobortsi* (Campeões do Espirito Santo) ¹

II *Os Molokani* (Bebedores de leite)

III *Os Khlysty* (Os que se açoitam)

IV *Os Skoptsi* (Os Eunucos)

É raro que, n'estes tempos, empregado algum tente assim illudir-se. A policia russa tem ás vezes ingenuidades encantadoras. Quatro grupos ao todo! Mas, como os seus irmãos da India, os dissidentes russos chamam-se legião e possuem uma centena de seitas.

A classificação não é menos incorrecta. A seita collocada em primeiro lugar, os *Campeões do Espirito Santo*, nem é antiga, nem tem força. Os *Bebedores de leite* são d'origem bem mais recente do que *Os que se açoitam* e do que os *Eunucos*.

A origem dos *que se açoitam* remonta a uma epocha antiga, que ninguem póde precisar; talvez ao decimo quarto ou ao decimo terceiro seculo. Os *Eunucos* são ainda mais antigos, provavelmente da epocha em que estas regiões eram chamadas a Scythia, emquanto que os *Campeões do Espirito Santo* e os *Bebedores de leite* começaram a divulgar as suas doutrinas no reinado de Pedro o Grande.

Além d'isto cada dia que passa vê nascer uma nova seita. Á maneira que a educação se propaga, os sectarios multiplicam-se. «Sinto apprehensões, dizia-me uma vez um *pope*, pelo que se está passando nos nossos tempos. Sou homem do meu seculo; mas ainda não vi um camponez aprender a lèr e começar a raciocinar, sem que se tornasse heretico». As almas estão atormentadas pelos receios, agitadas pela esperança; cada qual parece escutar uma voz interior e, se alguem ousa apresentar-se como propheta, é immediatamente seguido por uma grande multidão de discipulos. Este desabrochar de symbolos pertence á epocha presente, caracteriza-a. Dos acontecimentos nascem os apóstolos, das

necessidades as novas crenças. Este labutar dos espiritos tem manifestações politicas, assim como as tem religiosas.

Algumas informações por mim obtidas em provincias longiquas do imperio, permitem-me tornar aqui conhecidas muitas d'estas seitas, d'origem tão recente, que nem mesmo talvez o publico russo as conheça.

Os Pequenos Christãos

No anno passado (1868) desenvolveu-se uma seita nova em Atkarsk, cidade do districto de Saratov e da diocese do bispo de Tsaritzin. Dezeseis descontentes se separaram da Igreja orthodoxa, sem dar d'isso o menor aviso ao seu *pope*. Instituiram uma nova religião e começaram a prègar um evangelho a seu modo. As estatuas dos santos e os retabulos que estão nos altares são puras idolatrias, disseram estes dissidentes; o pão e o vinho, consagrados, ceremonias a que já passou o seu tempo. Elles são os apóstolos da verdade no mundo, foram elles que receberam de Christo a missão de ensinar os homens, de soffrer e de estabelecer a verdadeira religião. Para obedecer ás ordens dimanadas da divindade dirigiram-se á corrente do Volga e ahi mergulharam nas suas aguas, tomando depois d'este baptismo novos nomes e celebrando uma festa solemne. Isto passou-se no inverno, em quarta-feira de Cinzas, a 26 de fevereiro: o rio estava então gelado; foi preciso abrir buracos para chegar até á massa liquida. Estes novos crentes appellidam-se muito humildemente os *Pequenos Christãos*.

Não teem sacerdotes nem formulas para rezar. Não admitem as imagens, nem usam hostias, nem santos oleos. Para servir de pão consagrado amassam uns pequenos pasteis da fórmula e espessura d'uma moeda de dez reis, que se torna o objecto d'uma veneração particular, por que, aos olhos dos neophitos, os pequenos fornos, em que são cosidos, possuem virtudes misticas, extraordinariamente poderosas.

(Continúa).

¹ Veja-se, sobre as seitas da Russia, a narrativa *Voyage dans les provinces du Caucase*, par M. Basile Vereschaguine, publicada em 1869.

A ESTUFA DE SUA MageSTADE EL-REI LEOPOLDO II

ENTRE os grandes monumentos, levantados na Belgica á horticultura, figura a estufa de Sua Magestade El-Rei Leopoldo II, erecta nos jardins do seu esplendido palacio em Laeken.

Quando os membros do jury da exposição de Bruxellas estavam servindo-se do *lunch* que lhes era offerecido pela commissão da exposição—isto antes de darem principio aos seus trabalhos—entrou no salão um homem idoso, de barbas grisalhas, e tão sympathico como activo. Bateu com as mãos duas ou tres palmas para pedir aos convivas um momento de silencio, e disse: «Sua Magestade El-Rei acaba de me incumbir de participar que muito folgará em que os membros do jury, bem como os membros do congresso de botanica e de horticultura, visitem os seus jardins de Laeken. A recepção terá lugar ámanhã ás 3 horas da tarde, e a entrada será pela grade de ferro em frente do palacio.»

Estas palavras foram cobertas por uma estrepitosa salva de palmas, que traduzia a satisfação e o reconhecimento por tão delicada lembrança. Esse ancião, que acabava de fallar, era Mr. A. Ronnberg, director geral do ministerio do interior e um dos membros da commissão da Exposição Nacional.

Laeken fica a 5 ou 6 kilometros de Bruxellas, e é ahí que as testas coroadas belgas téem a sua residencia favorita.

Haviamos combinado com o nosso particular amigo Mr. Charles Joly, ex-vice-presidente da Sociedade dos Agricultores de França, e com o collaborador do *Jornal de Horticultura Pratica*, Mr. G. Delchevallerie, que durante muito tempo fôra director dos jardins do Kediva do Egypto, reunirmo-nos no Hotel de l'Empereur, onde estavamos hospedado com P. Wolkenstein, secretario da Sociedade Imperial de Horticultura de S. Petersburgo e redactor de uma notavel publicação russa, e com o dr. Éd. Regel, director do Jardim Botânico de S. Petersburgo, um venerando ancião, que todos respeitavam e que, apesar da difficuldade com que algumas vezes se exprimia em francez, tinha

sempre applausos quando fazia uso da palavra, tanto no congresso, como nos banquetes.

Era, porém, meio-dia e os nossos amigos não chegavam.

Formamos conselho e resolvemos partir pelo *tram-way*, que, segundo nos diziam, nos levaria perto do palacio, e deixamos um *petit-mot* ao *concièrge* para, no caso de nos virem procurar, saberem que tinhamos partido para Laeken.

Dirigimo-nos para a grande praça da gare du Nord, onde passavam *americanos* em todas as direcções.

Fazia um calor abrazador. O sol parecia tropical e as nuvens, que corriam de sul para norte, annunciavam trovoadas para a noite, o que não era para estranhar, porque as trovoadas são frequentissimas na Belgica.

Emfim, depois de vinte minutos, que pareceram um seculo, appareceu um *americano*, que se dirigia para Laeken.

Entramos. Atravessamos um bairro novo para nós, cheio de edificações mais ou menos modestas, mas todas elegantes.

Chegamos a Laeken.

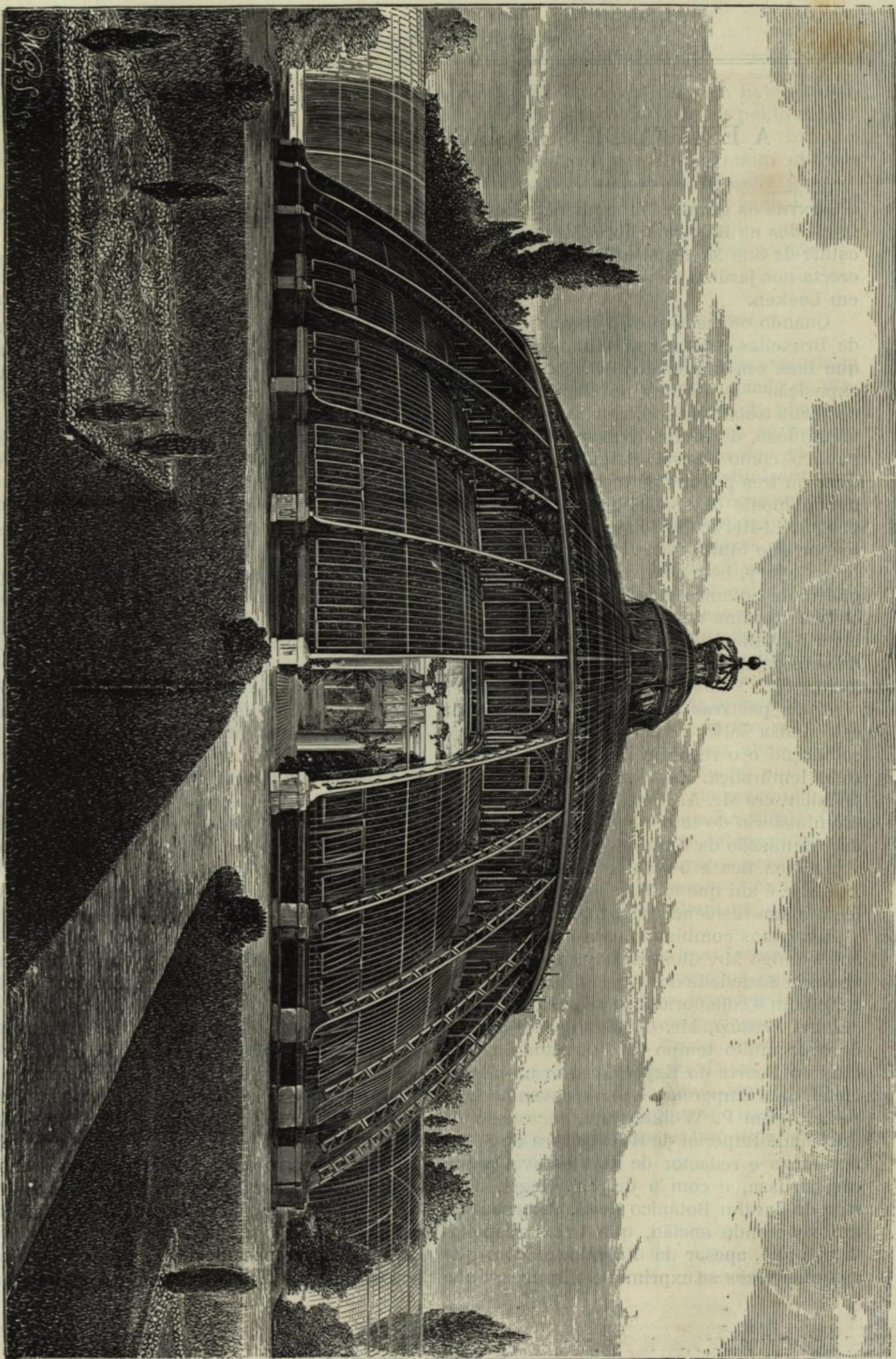
—Onde fica o palacio d'El-rei?

—Siga o senhor este caminho: no fim da avenida encontrará, á direita, um gradeamento de ferro e ahí principiam os parques d'El-rei.

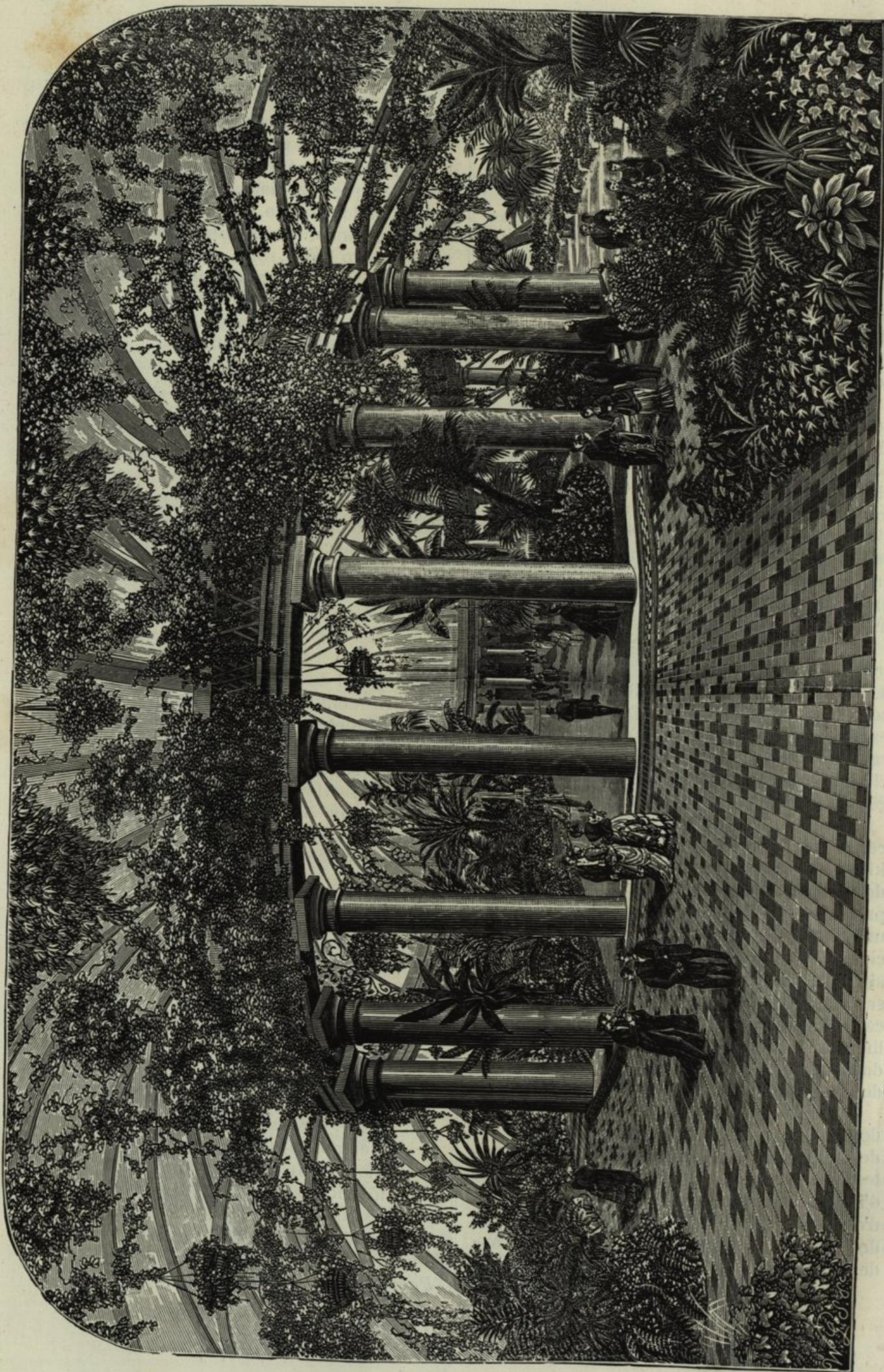
Andamos, andamos, andamos. A tal avenida não tinha fim e o sol, esse benefico astro que dá vida a toda a criação, lançava os seus raios luminosos sobre nós, não para nos vivificar, mas como se quizesse aniquillar-nos.

Estavamos esfalfados e, como Tantalos, que, apesar de ter a agua proxima dos labios, não podia beber, nós tinhamos centenaes de trens, que rodavam ao nosso lado, mas em todos elles viamos cavalheiros commodamente sentados, e indolentemente refesteladas algumas *cocottes* francezas, que se tinham aproveitado da exposição belga para ir exhibir ás suas *toilettes*, feitas segundo os ultimos figurinos de Pariz.

Paciencia, paciencia, diziamos nós em bom portuguez; e tanta paciencia tiveram as nos-



VISTA EXTERIOR DA ESTUFA DE SUA Magestade EL-REI LEOPOLDO II, EM LAEKEN — BELGICA



VISTA INTERIOR DA ESTUFA DE SUA Magestade EL-REI LEOPOLDO II, EM LAEKEN — BELGICA

sas pernas, que nos transportaram até ao fim da tal graderia de ferro, onde os guardas da rainha, com o seu chapéu tyrolez coquetamente implumado, faziam sentinella.

Eram 2 horas e meia da tarde e alguns dos nossos collegas já passeiavam em frente do portão.

Pouco a pouco chegavam os trens conduzindo outros, e ás 3 horas em ponto appareciam Mr. Ketels, camarista d'El-Rei, e o snr. A. Ronnberg, que nos vinham fazer a recepção.

Eramos talvez mais de cem visitantes e pôde-se dizer que todas as nações da Europa alli se achavam representadas.

Dirigimo-nos primeiramente para o palacio, onde a sumptuosidade dos salões é muito para ser admirada; estivemos no theatro-sinho, que é um pequeno encanto, e, para sahirmos para o jardim, tivemos de atravessar uma extensa galeria coberta de vidro, e onde se cultivam, todo o anno, plantas mimosas.

Ao descer a escadaria, e antes de se entrar na galeria, ha uma sala pequena, onde a luz não abunda e que tem o que quer que seja de phantastico. As paredes, forradas de espelhos collocados em diversas posições, reproduzem os *Fetos*, que formam, sobre rochedos, grutas em miniatura e dão proporções gigantescas ao recinto.

Estamos, emfim, ao ar livre. A vista alcança um horisonte longiquo. Os primeiros kilometros, cobertos de arvores frondosas e de extensas toalhas d'agua, constituem a propriedade d'El-Rei, uma habitação de fadas, um paraizo, no qual se respira alegria e felicidade. Mais ao longe avista-se uma aldeia-sinha, do centro da qual se elevam numerosas chaminés, tão altas que quasi topetam com as nuvens e que, symbolisando o trabalho, mostram a energia que a Belgica, a par das outras nações industriaes, tem sabido desenvolver nos ultimos annos.

Sahindo do palacio, e ao lado esquerdo, depara-se com uma grandiosa edificação toda de ferro e vidro. E' a grande estufa, ou antes, e talvez mais correctamente, o jardim d'inverno, porque, com effeito, as proporções d'esta construcção são superiores a milhares de jardins que possuem as casas das grandes cidades.

Acompanhados, ora por Mr. Honnberg,

ora por Mr. Ketels, os visitantes, livro de apontamentos na mão, tomavam as suas notas e gravavam, em breves palavras, as impressões que recebiam. Os *ciceroni*, de uma amabilidade extrema, facultavam todos os esclarecimentos e mostravam minuciosamente tudo quanto havia.

Dirigimo-nos para a estufa, atravessando avelludados, arrelvados do meio dos quaes se destacavam *açafates* de plantas de folhagem colorida, habilmente combinada.

A edificação é d'um estylo pouco vulgar n'este genero de construcções. A parte vitrea começa a 1 metro do solo e a armação de ferro assenta sobre uma fortissima parede feita de tijolo e pedra. A parte central tem aproximadamente 60 metros de diametro, e no centro a altura regula por 30 metros, pouco mais ou menos. A cupula é sustentada por trinta e seis columnas de pedra de 6^m,20 d'altura.

Como se vê da estampa que damos, representando o exterior da estufa, ha aos lados duas largas galerias, que, juntas ás dimensões da rotunda, dão á estufa uma extensão total de 120 metros!

Para melhor se calcular, diremos que tem mais 20 metros de comprimento do que a nave central do Palacio de Crystal Portuense!

Esta estufa foi feita pela Sociedade de construcção La Dyle, de Louvain, segundo os planos de Mr. Baltat, architecto d'El-rei e membro da Academia Real da Belgica.

No interior da estufa não se encontram plantas que exijam uma temperatura muito elevada, porque, como é de suppôr, é quasi que um impossivel fazer subir a temperatura á altura necessaria dentro de um edificio espaçossissimo, como é este.

O aquecimento tem sido uma das grandes difficuldades com que se tem luctado. O primeiro systema applicado não dava o resultado que se desejava, não obstante as modificações que se lhe fizeram.

Hoje os apparatus que estão em serviço são de Mr. Ch. Delacroix, que, sem satisfazerem completamente, têm força bastante para elevar um pouco mais a temperatura.

O interior é disposto em jardim, com espaçosas ruas cobertas de mosaico. Ha algumas plantas notaveis pelas suas dimensões descommunes na Europa. Podemos, nas *Palmeiras*, citar, por exemplo, o *Sabal Adan-*

soni com 18 metros, o *Sabal umbraculifera* com 25 metros e a *Caryota excelsa* com 15 metros. *Camellias* tão vigorosas como as vemos em Portugal, com 3 a 4 metros d'alto, e *Cycas* com dimensões que attestavam uma idade avançada.

A' beira das paredes havia um estreito alegrete cheio de *Fetos* e *Begonias*, de mistura com *Lycopodium* e *Tradescantias*. De distancia a distancia ha massiços e *açafates* de plantas dispostas com arte. Algumas trepadeiras enroscam-se aos arcos, e, pendendo em graciosos festões, cortam a monotonia á architectura. De resto a estampa que damos mostra perfeitamente a disposição interior d'esta maravilha, que faz a honra do architecto.

Entre os nossos collegas do jury, que nos acompanhavam, achava-se o dr. Maxwell Masters, sabio redactor do *Gardeners' Chronicle*, a quem devemos, por especial fineza, os desenhos que apresentamos hoje aos nossos leitores.

Ao deixarmos a grande estufa atravessamos o parque n'uma grande extensão, seguindo ruas sinuosas, habilmente delineadas com clareiras de tempos a tempos, que deixavam vêr novos panoramas, mas sempre encantadores. Os arvoredos frondosos abrigavam-nos dos raios do sol ardentissimo d'aquelle dia de julho. Os ramos das arvores, pendentes com o peso da folhagem, como que beijavam o chão e mostravam ao mesmo tempo o respeito que por elles tem havido. Ninguem ousaria cortar o mais insignificante ramo.

Aqui e acolá encontra-se um regatosinho serpenteador, que, deslizando limpido e sereno, se vae juntar com outras catadupas, que se por ventura não recordam o Niagara pela sua elevação e abundancia d'agua, teem o merecimento de serem feitas pela mão do homem, que soube estudar do natural os bellos effeitos que só a propria natureza sabe crear d'uma fôrma magica e inexplicavel. E dizemos inexplicavel, porque na natureza nada ha feio, ao passo que as obras d'arte são por vezes cheias de defeitos.

Leopoldo II possui uma propriedade esplendida e digna realmente d'uma testa coroadada. O seu gosto apurado e a paixão que sempre tem manifestado pelas flores, guiaram os importantes trabalhos dos seus dominios.

Leopoldo II é um homem affavel e intelligente. Não tem as vaidades dos homens mediocres, nem se dá ares d'importancia. Gosta de se confundir com o povo e de conversar indistinctamente com o titular, o artista e o simples operario. O rei dos belgas comprehende o seculo em que vive. Sabe que o estimam, porque é bom, porque é digno, porque é honesto e porque ama o seu povo com o mesmo ardor que os seus proprios filhos.

Dispõe de vastos conhecimentos sobre sciencias e artes, e nas suas viagens procura sempre instruir-se. E' um dos admiradores que tem Cintra. «A sua Cintra, dizia-nos Sua Magestade lisongeiramente, é um dos meus maiores encantos.» E quantos portuguezes ha que nunca viram Cintra?!

Cintra, com effeito, é um dos sitios mais apraziveis que tem Portugal, e onde El-rei D. Fernando possui um pittoresco parque, que rivalisa em belleza com todos que conhecemos. Cintra, por assim dizer, é o eden de Portugal. A temperatura excepcional, que se gosa alli, permite a cultura de vegetaes que, n'outra parte qualquer do paiz, pareceriam com a aproximação do inverno.

Os *Fetos arboreos*, por exemplo, apresentam uma vegetação luxuriantissima, e na quinta do snr. visconde de Monserrate não é raro vêr fructificar as *Cycas*, plantas que só com uns certos resguardos se vingam nas localidades mais amenas do paiz.

Para os belgas Leopoldo II é um idolo. Não o amam: adoram-n'o, estremecem-n'o. Quando passam ao seu lado saudam-n'o como se sauda um amigo dedicado. E' uma saudação sincera e espontanea, livre de hypocrisia e de convenção.

A tranquillidade, de que gosa este monarcha, contrasta com a que tem a maior parte dos chefes das outras nações da Europa. Ao passo que em muitos paizes o rei não sahe sem os seus batedores, os seus ministros, e, emfim, acompanhado d'um cortejo, que chega a ser ridiculo, se por ventura não é comico, Leopoldo II passeia pela cidade como um simples particular.

Um dia de manhã dirigimo-nos para a exposição, e, no *boulevard* Anspach, um dos mais formosos de Bruxellas, passava n'um *cabriolet* El-rei com a sua real consorte, que governava os cavallos. Não os haveriamos reconhecido se o nosso amigo Êm. Rodigas,

director do Jardim Zoologico de Gand, não nos dissesse:

—Aposto que não sabe quem vae n'aquelle trem?

—Ora, como hei-de eu sabel-o!

—Pois não o conhece! E' o nosso rei, com quem ainda hontem fallou.

Apenas um escudeiro acompanhava os reaes personagens.

E comprehende-se bem que Leopoldo II

gose da maior tranquillidade. E' filho d'um heroe que dizia ao povo: *Mon cœur ne connaît d'autre ambition que celle de vous voir heureux.*

E o filho segue religiosamente os passos do pae!

Que Deus o abençoe.

DUARTE DE OLIVEIRA, JUNIOR.

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero antecedente)

A população de S. Luiz, pouco mais ou menos, apresenta todos os typos que se encontram sobre as margens do rio; um dos mais caracteristicos é aquelle que exclusivamente se dedica á vida do mar e que habita defronte de S. Luiz n'uma aldeia chamada Guet-N'dar. Os habitantes de Guet-N'dar são todos pescadores; teem extraordinaria habilidade para fazerem manobrar as suas pirogas atravez dos muitos e perigosos recifes da costa. Estas pirogas terminam nas suas extremidades em ponta; os quatro homens da tripulação vão de pé e imprimem-lhe o movimento por meio d'uns compridos remos; deslocando-se fazem incessantemente contrapezo á acção das ondas e, assim, conseguem o conservarem-se em equilibrio sobre a crista das vagas.

O *laptot*, ou o marinheiro do rio, é um typo tão curioso como o que tripula as pirogas. Elle não gosta das aguas alterosas, ama as aguas tranquillias, as longas navegações fluviaes, os ruidos dos campos e das aldeias. Precorre sem custo as duzentas leguas que o separam de Bakel, com o auxilio da vela, quando o vento é favoravel, puxando o barco á sirga, quando nem remos nem vento lhe podem servir. A tripulação d'um d'estes barcos completa-se com uma manipuladora de cuscus e um *griot* que deve bater no seu tamboril a fim de marcar o compasso durante o trabalho.

O *laptot* que soube fazer economias, por fim de tempos torna-se proprietario do barco em que serviu como tripulante. N'este caso os negociantes de S. Luiz fornecem-lhe, a cre-

dito, as suas mercadorias e regulam contas depois da fazenda ter sido vendida no interior. Uma esteira, ou um tecto de colmo resguardam do sol o dono do barco; as mercadorias ou vão fechadas em caixões ou metidas no porão, se o barco o tem.

A mistura dos Europeus com os indigenas produziu uma população de côr, que conserva cuidadosamente o modo de viver de seus paes; as mulatas são designadas pelo nome portuguez de *senhoras*. Estas *senhoras* são excellentes donas de sua casa, que conservam n'um grande acieio e em escrupulosa ordem. A raça de côr no Senegal é geralmente amiga da raça branca, que lhe deu a riqueza e a educação, para o que ha conventos e collegios.

Os negociantes possuiam antigamente um grande numero de libertos, que foram totalmente emancipados em 1848 e que vieram augmentar o numero dos *marigotiers*.¹

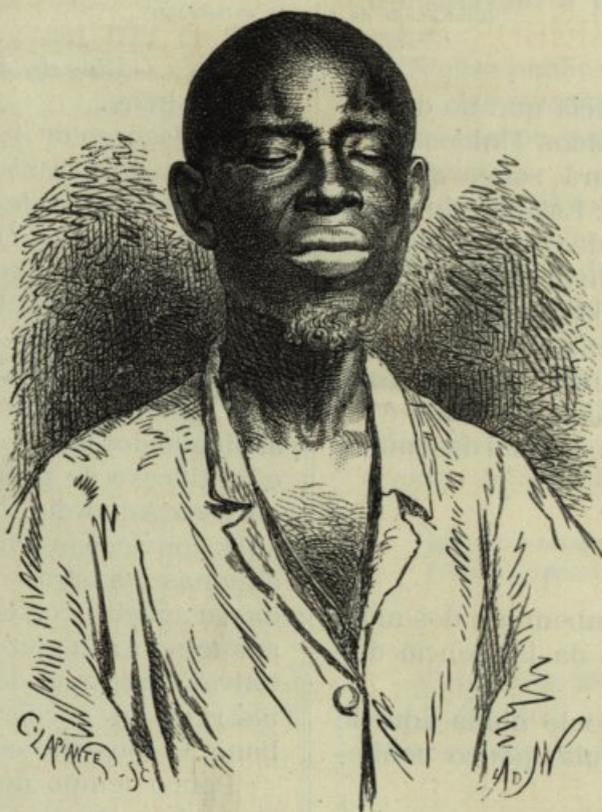
A população Yoloff, sedentaria, cultiva milho miudo nos campos circumvisinhos de S. Luiz. Quando os governadores fazem a guerra aos povos das margens do rio os Yoloff fornecem voluntarios; não é raro d'aquelle povo alistarem-se 1:500 ou 2:000. Os soldados de S. Luiz são geralmente fieis á sua bandeira e valentes, mas as recrutas dadas pelas provincias visinhas não offerecem as mesmas garantias e muitos d'elles na guerra só esperam o momento de poder saquear.

¹ No Senegal chamam *marigotiers* aos individuos que precorrem em barcos todos os ramos dos rios para negociarem com as tribus dos negros.

O regimen commercial do Senegal tem por diversas vezes variado. Esta região foi explorada por companhias que tinham esse privilegio exclusivo até 1790. Depois de 1819, anno em que a França novamente tomou posse d'esta colonia, o governo tentou introduzir alli a agricultura, dando premios aos que melhores proveitos tirassem. Este ensaio começado em 1822, não deu resultados serios. Baseava-se, como já disemos, nos premios

que se deixaram de pagar em 1830 e a agricultura desapareceu com elles. O algodão e o anil, que então se colheu, era de boa qualidade, a sua exploração é que era extremamente defeituosa.

Depois d'esta tentativa julgou-se que se devia voltar ao systema das companhias privilegiadas para explorar o commercio do Senegal. A primeira d'estas sociedades organizou-se em 1828. Tinha a concessão d'um com-



MOISÉS, «LAPTOT» — Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia

mercio exclusivo para as regiões montanhosas durante o tempo da baixa das aguas; durante as enchentes dos rios luctava com a concorrência dos extranhos á companhia. O governo mandára reconstruir em 1821 o forte Bakel para proteger o commercio e dar segurança aos negociantes que pretendessem esquivar-se á rapacidade dos pretos. O monopolio d'esta companhia, muitas vezes combatido, succumbiu em 1848. Esta medida liberal foi completada com a admissão dos navios estrangeiros no porto de S. Luiz; todavia a navegação pelo rio é exclusivo ainda unicamente dos barcos francezes. Depois do

decreto de 1848 era indispensavel o apoiar os esforços isolados do commercio com construcções estrategicas, que defendessem os negociantes das violencias dos indigenas do interior.

Este periodo d'expansão commercial fez com que successivamente se construíssem e reconstruíssem muitos fortes: Dagana foi reedificado em 1841; Mérinagen, que domina o lago Guier ou Paniéfoul, data de 1842; o forte Lampsar de 1815; Sénoudébou, sobre Falémé, foi construido no lugar do antigo forte S. Pedro; Podor foi reoccupado em 1854; em 1845 construiu-se Medine em Kasson; em 1859 re-

conheceu-se a necessidade de estabelecer um posto militar em Saldé, um outro em Aéré e de levantar um pequeno castello em Matan.

N'esta ligeira revista seria impossivel enumerar as guerras que os governadores do

Senegal teem sustentado contra as populações indigenas.

Os governadores annexaram á colonia diversos territorios, situados nos arredores de S. Luiz, o Quallo e o Dimar.

(Continúa).

EXPLORAÇÕES GEOLOGICAS E MINEIRAS NAS COLONIAS PORTUGUEZAS

(Continuado do numero antecedente)

PARA apreciar a influencia que no desenvolvimento dos Estados Unidos teem exercido as minas, bastará saber que ha actualmente n'aquelle paiz: Estabelecimentos mineiros, 7:974; machinas de vapor no serviço das minas, 41:000; rodas hydraulicas, idem, 134; operarios, idem, 154:000.

A somma dos jornaes pagos annualmente nas minas é um pouco mais de 67:000 contos; o capital invertido n'esta industria é de 200:000 contos; e o producto annual das minas é de 137:000 contos.

A Australia offerece tambem um dos mais extraordinarios exemplos da influencia das minas na colonisação.

No principio d'este seculo ainda aquelle enorme continente era muito pouco conhecido.

Em 1770 pisava-se pela primeira vez o terreno da colonia de Victoria, uma das mais importantes, e que fórma o angulo sul oriental da Australia.

Data de 1803 a primeira tentativa para colonisar, com os condemnados de Londres, o territorio de Port Philip.

O governo inglez não se esqueceu de enviar n'essa expedição, além do pessoal necessario para attender aos serviços medicos e religiosos dos degredados, *um mineralogista*.

Estabeleceu-se a primeira feitoria em 1834 e em 1836 fazia-se uma exploração scientifica.

Em 1839 havia em Victoria uma população de 6:000 almas e em 1851, epocha em que a colonia se tornou independente do governo

da *Nova Galles do Sul*, a população subia a 76:000 almas.

No decurso de 48 annos a população tinha augmentado na razão de 1:458 almas por anno. Era uma colonia de pastores apenas; as terras em cultivo abrangiam tão sómente uma área de 25:000 hectares.

Ha no Alentejo herdades mais extensas.

Em 1844 o celebre geologo Murchison, comparando as rochas da cordilheira Australiana com as do Ural, foi levado a declarar que a analogia dos seus caracteres mineralogicos o justificava de prophetisar a descoberta do ouro na Australia. Dois annos mais tarde as suas convicções avigoraram-se ao examinar algumas amostras de quartzo aurifero enviadas d'aquella região, e aconselhou mesmo aos mineiros inglezes a fazerem algumas tentativas no intuito de desenvolver as suppostas riquezas auríferas do continente australiano. O conselho corria impresso.

Pouco tempo depois, em 1848, a descoberta do ouro na California tinha produzido um tal entusiasmo em todo o mundo, que facilmente se acreditavam ainda as mais vagas supposições e por toda a parte se procurava o ouro.

Tudo isto estimulava as investigações.

Em fevereiro de 1851 encontrava-se, com effeito, uma pepita de ouro em Nova Galles do Sul, que produziu grande alarme; a nova colonia de Victoria que receiava vêr desaparecer todos os seus colonos, levados pelo entusiasmo do feliz achado da Nova Galles, mandou fazer officialmente investigações a fim de descobrir o ouro no seu territorio, e prometeu premios aos descobridores. Esta medida foi coroada do melhor exito; em junho d'aquelle mesmo anno descobria-se tambem o ouro em Victoria.

A fama d'estas descobertas percorreu a Australia e os colonos lançaram-se rapidamente sobre a cordilheira Australiana para participar das riquezas descobertas.

Apenas chegou aquella noticia a Inglaterra, milhares de emigrantes partiram immediatamente para o novo continente do Sul; aventureiros de toda a Europa, e muitos dos mineiros já praticos da California se dirigiram para alli a explorar esta região inteiramente virgem; ondas de Chinezes aportavam ás costas da «Australia Felix».

A população que era em 1851 de 76:000 almas, subia em 1874 a 814:000, e tinha augmentado, portanto, em 23 annos, na razão de 32:000 almas por anno.

Desde 1851 a 1874 o valor do ouro produzido pela colonia de Victoria foi de 800:000 contos. Na colonia da Nova Galles do Sul o valor da producção do ouro durante o mesmo periodo foi de 137:000 contos.

A colonia da Australia do Sul, que depois da terrivel crise de 1842 ia a cair em ruina, salvou-se com a descoberta das minas de cobre de Kapunda e de Burra. Esta ultima, uma das mais famosas de todo o mundo, pagou de dividendos, em 21 annos, 315 libras sterlingas por cada acção de 5 libras.

Seria possivel, sem o incentivo das minas, encaminhar-se para a Australia a grande corrente da emigração de todo o mundo?

A criação de carneiros seria attractivo sufficiente para chamar alli aquelle grande capital de braços e de actividade?

Seguramente que não.

É necessario accrescentar que o governo de cada colonia prosegue activamente na exploração scientifica dos recursos mineraes dos seus territorios e que a questão mineira é considerada da mais alta importancia.

Em Nova Galles do Sul e não sabemos se em outras colonias, um dos ministros gere especialmente os negocios das minas.

As republicas americanas de origem hespanhola hoje mais florescentes, devem ás minas o que são e vivem ainda em grande parte dos seus productos.

A Bolivia teve o *Grande Potosi*, cuja riqueza fabulosa se tornou proverbial em todo o mundo: a quantidade de prata que estas

minas produziram desde a data da sua descoberta, em 1545, até 1845 é assombrosa; segundo os calculos de Humboldt e Chevalier póde avaliar-se em 1.100:000 contos!

A quantidade total de prata produzida pelas minas reunidas da Bolivia e do Perú é calculada por Chevalier, desde o começo da lavra até 1845, em 2.326:500 contos.

Á entrada de Cortez no Mexico, os Aztecs trabalhavam o ouro, a prata, o estanho e o cobre.

N'essa região encontraram os hespanhoes, além das enormes riquezas já acumuladas, vasto campo para saciar a cubiça dos seus emigrantes.

O producto total das minas do Mexico desde o começo da lavra pelos hespanhoes até 1845 foi calculado por Chevalier em 2.431:260 contos. Ainda hoje a industria mineira representa para o Mexico uma parte importantissima da sua riqueza publica.

Durante o anno economico de 1872-1873 o valor dos productos de exportação dividia-se n'estes dois capitulos:

Minerios e metaes.	23:344 contos
Productos agricolas e industriaes	5:812 "
Total	29:156 "

N'aquelles 23:344 contos a prata, que é o que constitue a grande riqueza mineira do Mexico, entra pelo valor de 20:794 contos.

O valor da exportação dos productos das minas do Chili durante o periodo de 1843 a 1874 foi de 207:914 contos por anno.

Em 1873 o valor total da exportação foi

Minerios e metaes.	16:326 contos
Productos agricolas, industriaes, etc.	16:887 "
Total	33:213 "

E' o cobre a grande riqueza material e industrial do Chili.

Pelas informações que acabamos de dar vê-se bem que sem o auxilio da industria mineira a situação economica das republicas citadas seria ainda hoje bem mesquinha.

(Continúa).

LOURENÇO MALHEIRO.

PELO MUNDO

EUROPA

No paquete do dia 5 de março parte para Benguela o engenheiro de minas Lourenço Malheiro.

Encarregado este nosso distincto collega pela *Companhia das minas do Dombe Grande* de ir alli estudar jazigos mineiros de que a Companhia tem a concessão, n'um curto praso de tempo preparou todos os instrumentos e as mil coisas necessarias a uma expedição de tal importancia.

Se entre nós houvera ideias bem defididas sobre a colonização das nossas terras d'Africa, o governo portuguez aproveitaria esta occasião, em que um homem de raro merecimento na sua especialidade vae por conta de particulares fazer em determinada região uma exploração geologica e mineira, para ficar sabendo, aproximadamente pelo menos, a conta em que devem ser tidas as tão falladas riquezas mineiras das nossas possessões africanas.

Se isto assim acontecera, se Lourenço Malheiro, além da missão que lhe incumbiu a *Companhia das minas do Dombe Grande*, fosse encarregado pelo governo de, em mais larga região, fazer pesquisas e mesmo de dar começo ao levantamento da carta geologica dos nossos vastos dominios africanos, o paiz podia ficar certo que nenhum outro mais intelligente e conscienciosamente o serviria; mas, infelizmente, nada d'isto succederá e, todas as vantagens que a sciencia e a patria auferirem d'esta exploração, serão unicamente devidas á iniciativa da Companhia e á dedicacão do engenheiro explorador.

Lourenço Malheiro, d'uma grande energia, robusto do corpo, acostumado ás mil fadigas dos trabalhos de campo na nossa provincia do Alemtejo, tem todas as qualidades que fazem supôr auspiciosa uma tentativa d'este genero. O explorador voltará a Portugal com a consciencia de ter cumprido um dever e com a gloria de ter praticado, pela sua patria, o que as patrias nunca agradecem — o servir-as bem.

Que Lourenço Malheiro regresse, tendo levado a feliz exito a sua empresa, deseja-lhe bem do coração quem, n'uma convivencia intima e n'uma camaradagem jornalística diaria e de muitos annos, se acostumou a admirar-lhe o seu muito talento e a ter-lhe afeição d'irmão.

— Ha poucos dias o snr. A. F. Nogueira teve a extrema amabilidade de offerecer á redacção do periodico *A' Volta do Mundo* o seu magnifico livro — *A raça negra sob o ponto de vista da civilização da Africa*.

Nós, antes do snr. Nogueira nos ter brindado com tão valioso livro, já o tinhamos lido e a nós mesmo tinhamos feito a promessa de, n'um artigo especial, chamarmos a attenção dos nossos leitores para o trabalho mais util e mais bem deduzido que, sobre coisas d'Africa, recentemente tem sido publicado.

Estas linhas são apenas o nosso bilhete de visita agradecendo o brinde: brevemente cumpriremos a promessa.

— Nesta ultima quinzena tem-se discutido com certo vigor, com bastante mesmo, na camara dos senhores deputados, o contracto firmado entre o governo portuguez e a firma Burnay & C.^a para o estabelecimento d'uma carreira de vapores que ligue a metropole com as suas possessões d'Africa.

Como já ha quinze dias dissemos, este contracto foi mal recebido por parte de certo numero de negociantes da praça de Lisboa, que tem capitaes comprometidos n'uma especulação d'esta ordem, e muitos vêem no contracto uma sophismação do programma que regulava o concurso aberto para o estabelecimento da carreira de vapores. De todas estas razões nasceu a discussão agora travada na camara.

Posto que tenhamos uma opinião assente sobre o caso sujeito, entendemos não a dever emittir aqui, julgando-nos apenas na obrigação de dar noticia dos factos que tão fallado contracto gerou e continuará a gerar.

ASIA

No mez de junho o general Kauffmann foi de Tashkend á fronteira de Kouldja para tomar medidas a fim d'impedir que o exercito chinês invada esta região. A cidade estava embandeirada e o general, depois de ter assistido a uma cerimonia

religiosa, foi para um banquete, onde pronunciou um discurso, em que foram ditas estas palavras: «que estava incumbido de fazer com que a Russia desempenhasse a sua *missão historica* e pediu áquelles que o escutavam que o ajudassem, tanto quanto lhes fosse possivel, a cumprir tal encargo.»

No seu numero do dia 17 o *Japan Herald* refere que ha alguns annos a marinha russa solicitou do governador de Nagasaki a auctorização para occupar temporariamente um extenso tracto de terreno destinado ao concerto dos seus navios.

Ao principio construíram ligeiros abrigos com madeiras velhas, mas depois estes abrigos tornaram-se numerosos e mudaram d'aspecto e por fim vastas e confortaveis habitações se edificaram, uma para o almirante, outras para os officaes e ainda outras para os empregados d'administração, hospital, estaleiros, emfim, casas numerosas e lojas para uma população numerosa, que alli foi attrahida com a mira no ganho.

Em pouco tempo Inasa, que era um pequeno deserto, se transformou n'um centro de população importante, tão inteiramente russo, que o governo nem mesmo pôde obter que lhe paguem o aluguel, como aos outros estrangeiros — é verdade que sem missão historica — acontece.

AFRICA

Os alumnos subvencionados pelo governo francez, a fim de estudarem egyptologia, acabam de chegar ao Cairo. Por ora o seu numero é muito limitado e compõe-se d'homens de vinte a trinta annos d'idade, cujos conhecimentos d'egyptologia estão já bastante adiantados.

A escola d'egyptologia está sob a direcção de M. Maspero, sabio orientalista. M. Maspero é ainda novo, de profundos conhecimentos e depressa alcançará no Egypto, onde a sua vasta erudição é muito apreciada, uma grande importancia.

A sub-direcção da escola está confiada a M. Bourgoing, um sabio que tem consagrado toda a sua vida ao estudo dos hieroglyphos da arte arabe. Emfim M. Bonnet, que já tem feito numerosas viagens por estas regiões e que a este respeito já escreveu um bello livro, foi addido á escola e especialmente se occupará da litteratura arabe.

O fim da creação d'esta escola não é o decifrar os hieroglyphos: tem por principal objecto o estudo da litteratura indigena e o estudo da arte moderna entre os arabes.

O governo francez dá todos os recursos necessarios á escola.

Quando se curará assim entre nós da instrucção?

AMERICA

A 22 de janeiro uma grande multidão curiosa, que se pôde bem calcular em dez mil pessoas, reuniu-se no Central Park de New-York para assistir á inauguração da agulha de Cleopatra.

Este antigo monolitho de granito rosa, transportado ha alguns mezes do Egypto no vapor *Dessouk* foi inaugurado no centro do jardim publico, assistindo os secretarios do Estado e da marinha.

A um signal do capitão Goringue, commandante do *Dessouk* o obelisco começou a ser levantado lentamente. Quando chegou a formar com o solo um angulo de 45 graus deu-se ordem para que o movimento ascensional parasse e um photographo tirou a photographia d'agulha n'esta posição. Um minuto depois o movimento recomeçou para só parar quando o monolitho ficou perfeitamente perpendicular.

REGIÕES POLARES

Como já se sabe o professor Nordenskiöld prepara uma nova expedição aos mares polares. D'esta vez tenciona ir descobrir uma terra já avistada por Sannikoff que diz ter visto, quando fez a sua expedição de 1810 a 1812, ao nordeste de Kotelny e ao norte de Faddelesosky, altas montanhas afastadas. N'esta occasião o professor Nordenskiöld tenciona tambem explorar a nova Siberia.



VISTA DO CONVENTO DE TROITSA — Desenho de E. Therond, segundo uma photographia

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)

Os Mutualistas

A alguns mezes o governador de Kherson soube com espanto, que alguns camponezes do seu districto acabavam de ser presos por serem boas pessoas de mais. Os presos não se embebedavam, não rogavam pragas, não mentiam, não praticavam injustiças e, por conseguinte, não iam ao *pope* confessar peccados que não commettiam. Ninguém os podia surprehender praticando uma má acção; a policia, irritada por não encontrar motivo para os prender, resolveu-se a agarral-os e a mettel-os na cadeia, dando parte ao governador das suspeitas que tinha.

Estes camponezes virtuosos, que viviam n'uma cabana em Osnova, logar em que possuíam algumas terras, eram irmãos e chamavam-se Ratuschni. Não longe d'elles, na pequena cidade d'Ananief, morava um burguez chamado Vonsarski, que a policia trazia tambem debaixo de vista, por ser extremamente honrado para a classe a que pertencia. Este homem singular pagava as suas dividas, satisfazia todos os seus compromissos, vivia em paz com a esposa, mas nunca ia á igreja. Foi tambem preso com os irmãos

Ratuschni e mettido n'uma enxovia, até que aprouvesse ao governador o ouvir as explicações que elle podesse dar do seu procedimento.

Os frades, dizia-se, tinham instado por estas prisões, na esperança de que, se as provas faltavam para demonstrar os seus crimes, quando estivessem encarcerados as linguas fallariam e que, por fim, sempre se chegaria a saber alguma cousa que podesse servir para base d'accusação.

Vonsarski e os Ratuschni passavam por homens intelligentes, tinham tido relações com os colonos moravos estabelecidos ao sul. Suspeitavam-n'os de serem affeiçoados ao systema empregado por estes estrangeiros de jungir os bois e de pôr os cavalloos ao carro. Accusavam-nos de depreciarem as vantagens da organização das communas ruraes, para preconizar um systema mais religioso e mais equitativo, o de mutualidade de serviços; por isto lhes deram o nome de *Mutualistas*. Mas o seu crime principal era a sua indiferença pelas ceremonias religiosas.

O governador de Kherson viu immediatamente o que lhe ordenava o seu dever; mandou pôr em liberdade os prisioneiros. O clero

negro fulminou-o com as suas cóleras e começou a insinuar que o governador favorecia o schisma e a heresia. Este, sem que as diatribes lhe produzissem a mais ligeira commoção, oppôz ás furias dos frades o paragrapho onze das instrucções imperiaes relativas aos dissidentes, paragrapho em que é expressamente declarado que todo o homem tem o direito de crêr segundo a sua consciencia e não poderá ser incommodado por causa da religião que professar, emquanto não perturbar o paiz, pretendendo fazer proselytos. O governador, em fórma de conselho, disse-lhes que, se o clero da provincia queria mostrar-se fiel á sua missão, devia empregar o seu zêlo evangelico, não em punir, mas em fazer voltar ao redil as ovelhas tresmalhadas.

Os Refractarios ao imposto

Foi perto de Kazan que, pela primeira vez, ouvi fallar d'uma seita que se desenvolveu na provincia Viatka e cujos progressos preocupavam fortemente os ministros d'Alexandre II.

Os novos sectarios escolheram o cantão de Mostovinsk, no districto de Sarapoul, para theatro da insurreição que tentam contra os tyrannos d'este mundo. Viatka, situada na fronteira asiatica, povoada por Finnezes, Baschkirs, Russos e Tartaros, é uma das mais curiosas provincias do imperio. Toda a variedade de religiões floresce n'estes valles abruptos, sob uma multidão de nomes e de fórmas. Ha alli christãos, musulmanos, boudhistas, idolatras. As seitas são innumerables e os estrangeiros, que alli vivem, teem o direito de espiritualmente serem dirigidos pelos seus chefes religiosos. Não é facil seguir os esforços de propaganda que os sectarios d'uma crença fazem para supplantar a outra. Todavia os *Refractarios ao imposto* não podem passar despercebidos. Elles, se querem cumprir a sua missão, obedecer aos seus chefes, teem de mostrar-se em publico, confessar a sua doutrina e defender os seus pretendidos direitos. É esta a consequencia necessaria da sua conversão. Como todos os servos da corôa (e estes reformadores foram todos servos da corôa), receberam habitações e terras com a condição de, durante certo tempo, muito limitado, pagarem uma deter-

minada renda; no praso do pagamento recusaram-se a satisfazel-o.

Um pouco assustado com esta revolta, o governador de Viatka escreveu para S. Petersburgo, perguntando o que deveria fazer. Responderam-lhe que procedesse a um inquerito, que prendesse os cabeças do motim e que cuidadosamente vigiasse o caminhar do movimento. A policia agarrou duzentos *Refractarios*, dividiu-os em grupos e submetteu-os a interrogatorios. Alguns, por ordem do governador, foram postos em liberdade; quando sahi de Kasan vinte tres ainda estavam na cadeia districtal.

Ninguém os tinha podido convencer dos erros da sua crença; não quizeram prometter o abandonal-a e, o que é peor, recusavam-se obstinadamente a pagar as rendas.

Que proceder deve ter um ministro com gente que pretende que a sua consciencia lhe prohibe satisfazer os contractos que acceitou?

Os Napoleonicos

Em Moscou homens ha que tiveram a extraordinaria ideia de fantasiarem que a realisação das suas esperanças lhe viria de um paiz estrangeiro. São os *Napoleonicos*. Como todos os dissidentes odeiam o imperio e escarnecem da Egreja orthodoxa. Adoram em Napoleão o inimigo mais terrivel que nos tempos modernos teve a Russia; debaixo d'este ponto de vista o heroe francez foi realmente para o genero humano o Messias que elle pretendia ser para a Polonia opprimida, dividida entre ambiciosos conquistadores. Estes moscovitas pouco patriotas fizeram d'elle o Deus protector da raça slava.

Esta associação é clandestina; muito em segredo praticam as ceremonias do seu culto. Gente que conhece bem a Russia affirma que a seita se espalha e prospera. As reuniões fazem-se de noute e, por assim dizer, debaixo dos olhos da policia; mas ha em Moscou tantos outros dissidentes que se escondem, que não é para admirar, se mais estes escapam á myopia da policia. Os *Napoleonicos* erguem em suas casas um altar, collocam n'elle um busto do imperador francez e prostam-se ante elle. Mas isto não é caso extranhavel, visto que em muitas casas e, sobretudo, nos palacios da familia imperial, se encontram retra-

tos do grande capitão do seculo. Eu visitei a maior parte dos palacios da familia imperial russa e nem uma só vi em que não estivesse a imagem do illustre inimigo dos czars.

Os *Napoleonicos* estão convencidos de que o seu Messias ainda está vivo; de que atravessou os mares, para de Santa Helena passar para Asia central e que vive em Irkoutsk, nas fronteiras da Tartaria chinesa. Um dia virá sanar as divisões que dilaceram a grande familia slava; levantará um exercito poderoso e passará á espada os partidarios de Belzebuth, isto é: toda a dynastia reinante e os seus ministros.

A Igreja popular — Os Velhos Crentes

A profunda antipathia que existe pela Igreja official é causa originaria de todas as diferentes seitas que resaltam em todos os pontos do territorio da Russia.

Ainda hoje pouca gente sabe que na Russia, a par da Igreja orthodoxa, existe uma Igreja popular; e muito menos se sabe que esses dous cultos rivaes vivem n'um estado de guerra aberta, d'hostilidade perpetua. É portanto n'este facto que se póde encontrar a medida exacta dos progressos do poder do imperio.

A Igreja popular compõe-se dos velhos crentes, que não acceitaram as reformas do patriarcha Nikon, que seguem as velhas tradições e observam os antigos ritos.

Nunca ninguem soube o numero dos que, com o nome de *Velhos Crentes*, se separam da Igreja do Estado. Algumas vezes o governo tem querido envolvel-os nos rigores com que castiga os dissidentes, mas nunca os documentos officiaes os qualificaram de sectarios. Considerados no imperio como uma causa do seu enfraquecimento, teem sido temidos, odiados, lisongeados, maltratados, vigiados pelos espiões, presos pela policia, tentados por seducções de ministros; n'uma palavra, tem-n'os submettido a tudo, excepto a um recenseamento, porque o Estado receia conhecer a verdade que tal processo tornaria evidente. Um espirito mais lucido vive hoje no Palacio d'Inverno e esta grave questão está sendo estudada por todas as suas faces. Já nas regiões governamentaes se comprehendeu que sem os *Velhos Crentes*, embora

os frades digam o contrario, nenhuma empreza póde alcançar o seu fim. A qualquer projecto apresentado em conselho de ministros oppõe-se sempre esta pergunta: «Que dirão, que pensarão os *Velhos Crentes*?»

Um bispo, que viajou muito pela Russia, avalia o numero dos *Velhos Crentes* em dez, ou doze milhões. Um ministro d'Estado affirma que elles se elevam a dezeseite milhões. Um padre de Kem ainda vae mais longe. «A velha crença predomina hoje sobre metade da população do imperio e, se a liberdade de cultos se proclamar, tres quartas partes do povo russo a adoptará».

Este juizo está confirmado pelas minhas proprias observações. Um Allemão, que vive na Russia ha trinta annos, que conhece a fundo os seus habitantes e que, sendo lutherano, está fóra d'estas luctas religiosas, escreveu-me sobre este assumpto o seguinte: «Examinei individualmente a população e convenci-me que, de cinco pessoas, quatro pertencem já hoje á velha crença e, se o governo o consentisse, amanhã todos a adorariam».

Eu não direi tanto; mas vejo-me obrigado a reconhecer um facto, que, dissimulado nos documentos officiaes, me vae apparecendo todos os dias mais em evidencia e mais imponente. Os *Velhos Crentes* são o verdadeiro povo russo, emquanto que a Igreja orthodoxa é apenas uma seita acceite pelos nobres e pelos frades.

Os camponezes do Norte, quasi todos os Cossacos do Don, metade da população de Nijni e de Kazan, a maior parte dos negociantes de Moscou conservaram a fé antiga. Os homens mais ricos da Russia, exceptuando os principes e os generaes, que devem a sua opulencia ao favor imperial, são tambem velhos crentes. Todos os que teem nas suas mãos a prosperidade nacional; os reis da industria, do commercio, das finanças são membros da Igreja popular.

Quando se precorrem as ruas de Moscou, admirando as suas casas esplendidas, a cada momento se fazem curiosas descobertas.

«A quem pertence este palacio?»

— A Morozoff.

— Quem é?

— O que! não conhece Morozoff, o maior industrial da Russia? Tem cincoenta mil operarios nas suas fabricas. É um *Velho Crente*.

— Quem vive aqui?

— Soldatenkoff.

— Que modo de vida tem?

— É também um industrial, um dos homens mais influentes no paiz. Também, como Morozoff, é um *Velho Crente*.

— Quem habita este palacio?

— A senhora Rokhmanoff; é solteira. Em Londres ha também uma dama caritativa, uma mãe dos pobres; Rokhmanoff é talvez menos rica, mas a sua caridade não é menor do que a de *miss Burdett Coutts*. A casa, como vê, é grande; tem trinta quartos para pobres. E' uma crente do velho rito.

A todas as horas e a todos os momentos se ouve a mesma cousa. Se se vae a um bazar, a maior parte dos estabelecimentos pertencem a *Velhos Crentes*; são os filhos d'elles que mais povoam as universidades; nos hospitaes são ainda elles que occorrem á maior parte das despezas. É n'elles, e não nos observantes enervados e polidos do cerimonial da religião official, que se encontram as velhas virtudes e mesmo os velhos vicios russos.

«Entre nós, dizia-me um judicioso critico, cada sociedade tem ritos religiosos que lhe são proprios; ha ritos para o palacio, para os mosteiros, para o campo; ritos esplendidos, inventados para imperadores ou principes; taes como nenhum homem nascido na purpura melhor podia fantasiar para dar a reis estrangeiros uma ideia mais pomposa do seu culto: mas, comtudo, n'esse culto não ha as preces que os pescadores da Galilêa imaginaram para os pescadores do mar Branco.

O *Velho Crente* conserva a antiga simplicidade na religião, assim como a usa em todas as suas relações diarias. Conservador teimoso, oppõe-se a qualquer innovação, boa ou má, quer se trate de crear um synodo de frades, ou de transferir para uma outra cidade a sua capital, seja o deitar assucar na sua chavena ou illuminar as ruas a gaz. Para elle uma cousa desconhecida pelos seus maiores não póde deixar de ser a obra d'um inimigo vil e perigoso: repellil-a-ha infallivelmente.

Este respeitador do antigo culto é igualmente hostile ao imperio e á sua igreja. Um subdito russo fiel e leal reza diariamente pelo czar reinante; é um tributo a que o czar tem direito na sua qualidade de bom imperador e de bom christão; mas muitos dos *Velhos Crentes* recusam-se a implorar a protecção

divina para o monarcha que os governa; os seus titulos á soberana auctoridade parecem-lhe muito duvidosos; a religião do imperador, quanto a elles, é uma inspiração de Satanaz. A aguia de duas cabeças é imagem do demonio; o governo autocratico, o reinado do Ante-Christo.

A confusão deploravel, que hoje existe na vida moral e politica do imperio, data do tempo do patriarcha Nikon; este personagem, venerado por uns, odiado por outros, exerceu sobre os destinos da Russia uma acção poderosa.

Pelo tempo, em que uma ordem do rei retinha em Inglaterra Cromwell, prestes a partir para a America, um homem de pouco mais ou menos quarenta annos, de physionomia triste, desembarcava em Solovetsk para praticar as suas devoções deante das reliquias de S. Philippe. Dizia-se filho d'um lavrador dos arredores de Nijni; era casado, mas não vivia com a mulher. Tendo em tempo vivido n'um convento, tinha conservado sempre um intimo amor pelo celibato e, depois de dez annos ter vivido junto com a esposa, convenceu-a a fazer-se freira. Deixara-a no convento de Santo Aleixo, em Moscou, e corajosamente se pozera a caminho para o mar Branco.

Havia então na ilha d'Anzersk, no lugar em que hoje está uma granja, ermitões que deram agasalho ao peregrino. Foi aqui que elle tomou o habito e o nome de Nikon; mas o seu genio era tão pouco sociavel, que não tardou a dar-se tão mal com os seus compãheiros como se dera com a esposa. Eleazar, o fundador da ermida, desejava edificar uma igreja de pedra no sitio em que estava a capellinha de madeira; os dois homens puzeram-se a caminho para Moscou, a fim de implorar dos fleis esmolas para as obras. Questionaram os dois durante a ida e a volta. Por fim os ermitões, tendo esgotado a paciencia, expulsaram Nikon da sua companhia e, dando-lhe um barco, pão e agua, disseram-lhe que fosse para onde quizesse, com tanto que os deixasse. Lançado por um golpe de vento sobre um penedo da bahia Onega, Nikon levantou alli uma cruz com a promessa de a substituir por uma capella sob a invocação da Virgem, a quem rogou lhe abrisse o caminho das prosperidades.

Chegando á terra firme um certo numero d'ermitões, que viviam perto do lago Kojeo-



UM VELHO CRENTE — Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia

zersk, na provincia d'Olonetz, escolheram-n'o para seu prior. Foi d'aquí que lhe adveio todo o seu poder e toda a sua gloria. Tendo, para um negocio qualquer, ido á presença do czar Alexis, fez n'este principe tal impressão, que, n'um curto periodo d'annos, foi successivamente nomeado archimandrita, bispo, metropolitano e, por fim, patriarcha.

Mas Nikon alliaua á habilidade d'um corteção o orgulho d'um despota. Chegado á alta dignidade sacerdotal, governou a Igreja com mão mais firme e severa, do que o tinham feito os seus obscuros predecessores. Com a face acentuadamente colorida, com o nariz vermelho, o corpo grosso, o patriarcha mais parecia um aldeão do que um frade moscovita; o que não obstava a que a pompa e o brilho o embriagassem, a que a sua alma se inflammasse com immensa vaidade quando, na cathedral, se sentava n'um throno ao lado do czar. Fascinado pelo esplendor que o clero byzantino conservára mesmo debaixo da dominação turca, esforçou-se por introduzir na sua igreja aquelle ritual, sem pensar que, imitando o baixo imperio, copiava os modelos gregos da época mais corrompida. As suas primeiras tentativas foram habéis. Enviou alguns homens ao monte Athos com o fim de copiarem os livros sagrados mais antigos e mais authenticos. Nikon mandou traduzir em lingua slava os textos santos e ordenou que fossem comparados aos que estavam em uso na Igreja; este exame evidenciou um grande numero d'erros; foi preciso preparar uma nova edição mais completa e, sobretudo, mais exacta das Santas Escripturas e do livro dos ritos. Aqui começam os erros do patriarcha. Elle não sabia grego e, todavia, quando este trabalho, que não podia avaliar, lhe foi dado por prompto, pretendeu, com altiva arrogancia, impôl-o á Igreja. O clero oppôz alguma resistencia; o patriarcha appellou para o czar. Os padres hesitavam ante esta intrusão do poder civil: Nikon relaxou-os ao braço da policia e Alexis empregou todos os meios para o ajudar a executar o seu plano. Comtudo, não só nas cidades e nas aldeias, mas tambem no concilio, nos conventos, nas igrejas uma forte opposição se tinha manifestado. Seculares e clero mostravam-se egualmente hostis á reforma. O ritual era antigo e veneravel; a musica suave: para que ir tocar em ceremonias usadas nos

templos havia tempos immemoriaveis, que tinham servido ao baptismo, ao casamento e aos funeraes de vinte gerações. O texto, que substituia as antigas rezas, era tirado dos livros estrangeiros: Nikon dizia que era melhor; como podia elle sabel-o? Homem pouco lido, muita gente duvidava da sua instrucção. Em vez de empregar a persuasão para fazer adoptar as suas reformas, queria impôl-as á força. Não satisfeito em ter transformado o ceremonial, mudou tambem a cruz antiga. Uma nova benção foi introduzida, o gravado das hostias foi modificado. Segundo a vontade do czar, que não previa até onde levaria este movimento religioso, o concilio deu o seu assentimento aos actos do patriarcha. A nova letra, a cruz nova, a benção nova tornaram-se obrigatorias em todas as igrejas, em todos os conventos. O culto de Nikon foi reconhecido como culto official.

Os povos e os padres levantaram-se corajosamente em defeza dos antigos textos; a impressão foi profunda, principalmente no Norte, onde a côrte não exerce influencia alguma. Os Puritanos inglezes não tiveram maior desprezo pela versão biblica do rei Jacques, do que o tiveram os crentes russos pelos novos ritos; as Escripturas estavam agora em estylo mais mundano, podendo convir mais á Igreja e ao Estado; mas muito menos que as antigas eram capazes d'inspirar uma vida virtuosa e uma morte santa. A não ser o convento do mar Branco, nenhum outro se mostrou resolvido a repellir energicamente estas novidades. Unicamente o archimandrita, na sua qualidade de alto dignatario da Igreja, tomou o partido do patriarcha e do czar; a comunidade metheu o seu chefe recalcitrante dentro d'um barco e foram-n'o largar a Kem; depois do que, reunidos, elegeram dois chefes, Azarias e Gérontie, um director material e outro director espiritual do convento. Todos os cossacos que estavam de guarnição adheriram á sua causa. Apoiados pelas povoações da terra firme, que commungavam nas mesmas ideias, os frades sustentaram contra a Igreja nikoniana uma lucta armada, que durou mais de dez annos e, se por fim succumbiram, foi por terem sido atraídoos.

Os escriptores orthodoxos, que narraram os acontecimentos d'esta época, affirmam que os assaltantes, quando se apoderaram da pra-

ça, não foram além dos limites permittidos pelas leis da guerra. Unicamente foram passados ao fio d'espada os homens encontrados com as armas na mão e os outros mandados para conventos distantes, onde ficaram até abandonarem o seu erro. Mas velhos manuscritos, que se encontram nas mãos dos habitantes do littoral do mar Branco, contam os factos por outra maneira. Um pescador, que vivia no delta, um dia, na minha presença, tirou um d'esses manuscritos d'um

alçapão feito na cosinha e, apontando-me uma passagem escripta a tinta vermelha, leu-m'a com voz commovida. Affirmava formalmente que os frades tinham sido degolados, desde o primeiro até ao ultimo, pelos seus implacaveis inimigos.

O que os vencedores ganharam, perdeu-o a patria. Este triumpho dividiu a Egreja em dois partidos hostis e o fim do patriarcha ainda não poude realisar-se.

(Continúa).

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero antecedente)

Os Mouros por uns tratados rectificaram em 1858 as novas fronteiras da colonia. D'então para cá os Trarzas, os Bracknas e os Douaichs não tornaram a fazer correrias na margem esquerda do Senegal.

Primitivamente o commercio pagava *coutumes* (da palavra ingleza *custom*, alfandega) aos chefes mouros, pelo territorio dos quaes as caravanas passavam. A insolencia e a selvageria d'aquelles povos fizera-lhe encarar aquelles *coutumes*, que eram uns presentes, como tributos; d'isto resultavam difficuldades invenciveis. Os *coutumes* foram regulados; o governador obriga a pagar as gratificações acordadas nos tratados feitos com os diversos chefes.

Tranquillos do lado dos Mouros, toda a attenção dos governadores se voltou para o logar em que os energicos Foulahs luctavam contra a nossa influencia; nem menos de tres campanhas foram necessarias para esmagar o Fouta, que foi desmembrado. Dimar, Toro e Damga, provincias entre as quaes estava encravado o Fouta propriamente dito, foram recebidas debaixo do protectorado francez.

O centro do territorio dos Foulahs é a ilha Morfil, que divide o rio em dous; Podor, situada no seu braço principal, cobre os canaes do norte que separam a ilha do territorio mouro; Saldé na extremidade oriental tem o mesmo fim que Podor; defronte de Saldé, no braço meridional do rio, foi necessario estabelecer-se o posto Aéré, o que completa a segurança dos *marigotiers*.

Saldé é uma aldeia habitada pelos Torodos, aborigenes d'esta região.

Durante a estação secca os terrenos fecundados pelo Senegal parecem aridos; apenas alli se vêem algumas gramineas e alguns arbustos infesados. Na época das cheias o rio transborda por de cima das motas e inunda os campos, que são pouco elevados. Quando as aguas se retiram, em cada depressão do terreno se deposita a agua, chegando muitas vezes a formarem-se lagos.

O leito do rio é sulcado por diversos braços, que formam outras tantas ilhas. A grande massa das aguas só se reune na barra, seu unico desaguamento. A fortaleza de Lampsar foi construida para a guarda d'estes pantanos. A elevação do solo de Lampsar obrigou a administração da colonia a construir um dique que permite o juntarem-se as aguas sahidias do lago Guier ou Paniéfoul e, se as aguas assim recolhidas, continuarem a ser doces, fórma-se o projecto de as levar a S. Luiz, que não tem agua potavel.

Richard Toll ou o jardim de Ricardo, é um jardim creado pelo botanico Richard para servir de jardim d'aclimação. Em 1840 destruíram-se as plantações já feitas com o pretexto de que ellas poderiam servir para esconder o inimigo. O jardim está hoje em bom estado. A posição de Richard Toll é boa; está situado junto do canal Taouay, que serve de comunicação entre o rio e o lago Guier; os governadores mandaram alli construir um pavilhão, que lhes serve de casa de campo. Alguns industriaes fizeram perto de Richard Toll plantações d'algodão e é de esperar que,

bem regadas e bem cuidadas, ellas dêem aos cultivadores um animador interesse.

Dagana foi edificada em 1821; serve para conter em respeito as provincias de Ouallo e de Fouta, que teem por limite esta ultima aldeia, antes da occupação franceza, dividida entre os dois chefes das provincias, onde cada um tinha a sua séde de governo.

Dagana tem a frente para o rio; é bastante espaçoso para poder conter habitações para os empregados e para a guarnição. Os Darmankous e os Trarzas occupam alguns pontos em volta de Dagana.

As margens do rio tomam outro aspecto desde que as aguas se tornam doces e a vegetação apresenta-se viçosa, bella. Podor defende Morfil. Uma aldeia de Bracknas está situada em frente de Podor. Uma pequena cidade tem alli pouco a pouco encontrado o seu desenvolvimento. Com o fim de facilitar a chegada das caravanas á cidade foi construida uma ponte em frente de Podor.

Durante o tempo das chuvas as margens do rio, abaixo de Podor, ficam submergidas e aquella immensa massa liquida apresenta o aspecto d'um lago enorme.



O NIVELAMENTO — Desenho de A. Marie, segundo uma photographia

N'estas occasiões os Mouros, que vivem n'uma região semeada de pequenos outeiros, retiram-se para os lados do Tagant e de Sabel. Alguns monticulos, situados em frente de Podor, são chamados Chamanah. No tempo das chuvas para penetrar no interior é necessario caminhar por cima dos Chamanah.

Os Bracknas teem a mesma constituição politica que os Trarzas. São mahometanos exaltados.

Os Douaichs frequentam Dagana; este nome significa captivo; um dos seus chefes libertou-os do captivo que pesava sobre elles; são Berbères Azenagh. As dissensões entre as suas familias de maior influencia enfraquecem-os. Os Douaichs e os Tichits

teem o rosto mais largo que o dos Mouros; é achatado. A cabeça é formosa, ainda que a testa seja pouco arqueada; o nariz é correcto e os olhos á flôr do rosto; fizeram-me lembrar os beduinos que encontrei em Marrocos.

Ha já alguns annos que os chefes Mouros comprehenderam que teem um grande interesse em estreitar relações com a França. O desejo de se livrar das extorções de Marrocos lançaram-n'os nos braços do xeque Oued Noun. Os chefes das poderosas tribus que habitam as margens do Senegal, taes como os Trarzas, os Bracknas, cançados das guerras que lhes eram preciso sustentar contra os governadores do Senegal, acceitaram as condições que lhes foram impostas pela

auctoridade franceza. As tribus independentes, que vivem entre Oued Noun e o Senegal, estão bastante abaladas pelo ascendente que exercemos sobre os seus visinhos e póde-se portanto, prevêr o momento em que os seus interesses os aproximarão de nós.

VI

Legendas do alto Senegal — Houba Foul — Kholý Satigny — Poema de Samba Foul — Character do chefe do rio Senegal — Guet-N'dar — Cayor.

Não ha povo que não tenha um passado



ALTO SENEGAL: UM PASTOR PEUL — Desenho de Emile Bayard, segundo uma photographia.

poetico, em que as legendas e as acções epicas se combinem, e não contenham em si o germen do desenvolvimento d'esse povo. Os povos que habitam o Senegal foram guerreiros e religiosos; os chefes de tribu chamam-se *far* ou *faring* nos Estados mandingues, *tonka* entre os Sarracoletes, *teign* ou *tignam* entre os povos foulahs ou serrères, *bour* ou *damel*

entre os yoloffs. Todos estes chefes teem uma auctoridade real e cada aldeia gosa d'uma certa autonomia sob a administração do seu chefe e do conselho dos anciões.

Na origem da nação foulah, Denia, patriarcha da raça, instituiu as castas. Receberam o deposito das leis, os Torodos, que quizeram servir-se d'esta preponderancia para

subjugar a auctoridade dos *teigns*; veremos ainda repetirem-se tentativas de revoluções analogas para fazer passar a auctoridade das castas guerreiras para a mão dos legistas; os *teigns*, mais politicos que os seus descendentes, expulsaram do Fouladoughou os

Torodos, que emigraram para o alto Senegal.

Em seguida Houba Foul conduziu os seus guerreiros para o meio dos povos idolatras, que elle submetteu á lei do islamismo.

Então formaram-se as sub-raças. Hamet e



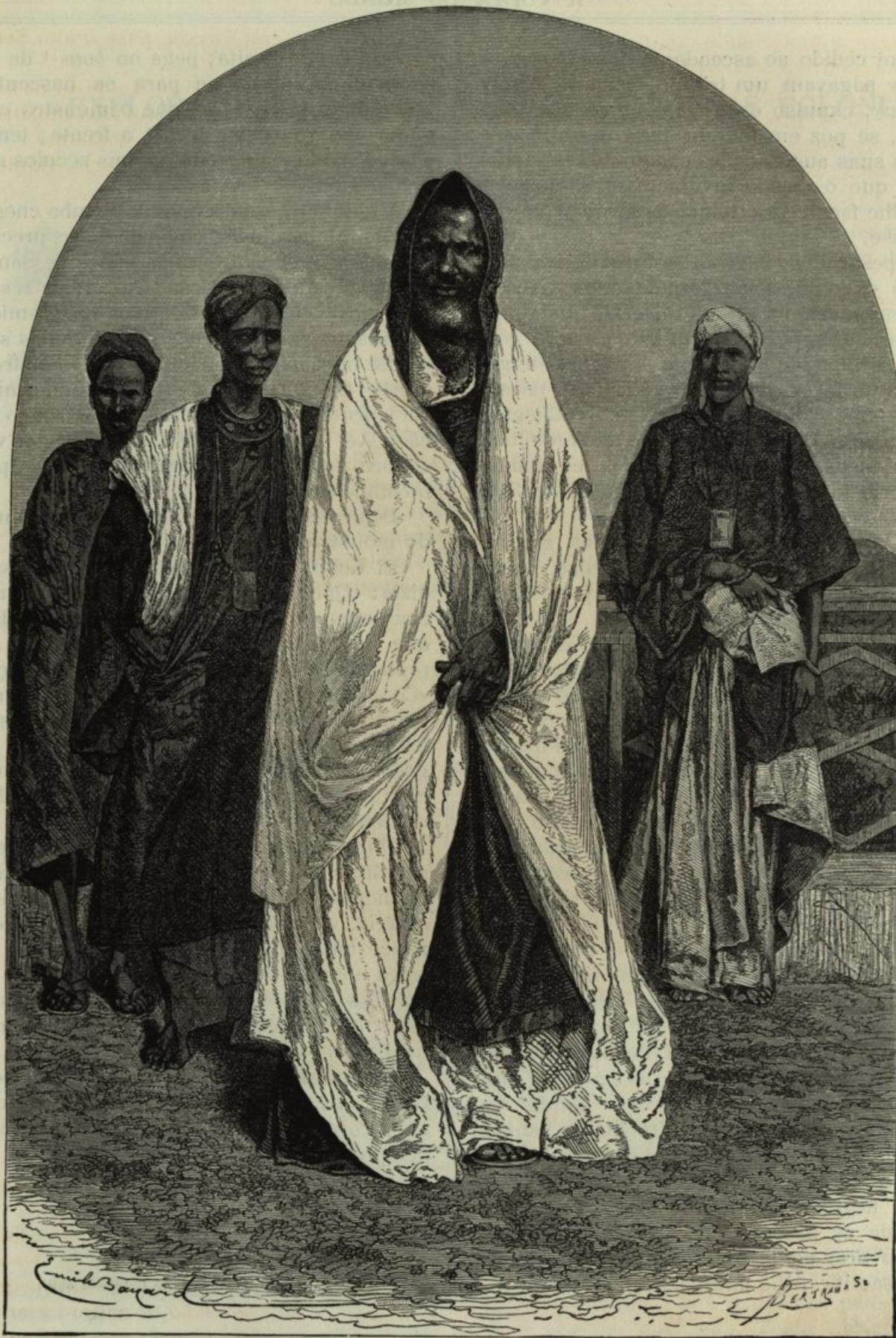
MULHERES DO SENEGAL — Desenho de A. Neuville, segundo uma photographia

Samba, que pertencem á raça de Houba, depois do licenciamento do exercito, lançam fóra as suas armas e tornam-se pastores. A fome surprehende-os no deserto; Hamet aproxima-se do rio para procurar viver, mas no meio d'abundancia esquece-se do seu irmão Samba, que vive no meio dos seus rebanhos em grande penuria. Hamet por fim

volta para junto d'elle e Samba, indignado, expulsa-o do seu campo.

Os Laobé, que vivem nas florestas, fabricando gamellas de madeira, são os descendentes de Hamet; os Griots teem uma origem analoga; os Selbou estão no ultimo grau da escala; uns e outros tornaram-se parias.

Os descendentes de Houba e os Torodos



PHARA PENDA, CHEFE DE RICHARD TOLL — Desenho de Emile Bayard, segundo uma photographia

tinham cedido ao ascendente dos Mouros, a quem pagavam um tributo, quando Kholy Satigny, expulso de Fouladoughou por uma fome, se poz em marcha para o noroeste e pelas suas austeridades conquistou um talisman que o tornou invulneravel, invisivel e que lhe facultava o tomar as fórmas que desejasse.

Apesar do poder sobrenatural do seu chefe, o exercito, tendo esgotado os viveres, estava reduzido á ultima miseria, quando os exploradores descobriram um passaro com uma espiga de milho no bico; os augures eram favoraveis e a ave dirigiu os passós dos companheiros de Kholy Satigny. Chegado á região, que hoje tem o nome de Fouta, bate os Mouros, liberta os Torodos e funda o imperio foulah Siratick, corrupção de Satigny.

A raça Denia é ambiciosa; as guerras intestinas, as traições, as usurpações depressa arruinam o Estado Satigny e os seus idolos cahem no esquecimento.

Samba é o *Anthar* das populações do alto Senegal. Seu tio apoderára-se do poder durante a sua minoridade e elle, para poupar a vida, teve de fugir deante da sua colera. O *Touka* de Ouandi acolheu Samba, dá-lhe festas e este recebe d'aquelle como um deposito sagrado sua mãe, suas irmãs e seus irmãos, que elle livrára dos furores do tyranno.

Samba só respira guerras, vinganças; passa para a outra margem do rio e procura El Kebir, muito afamado pelas suas riquezas e pelo seu poder.

Encontra o campo d'El Kebir; apresenta-se e, sem rodeios, diz-lhe: «Sou Samba, dae-me um exercito!» — «Sê bem vindo proscripto», tal foi a resposta do rei mouro.

Os negros são sempre d'umas grandes exigencias nas suas bebidas e as aguas do campo do rei mouro eram infectas. Samba não pode contentar-se com semelhante bebida; chamou uma escrava do rei e pediu-lhe que lhe trouxesse uma melhor agua.

A negra diz-lhe que o leão Mabardidalo guarda as nascentes e, para que de lá se possa tirar agua, é necessario todos os annos sacrificar-lhe uma virgem.

Samba não hesita; pega no *bous*¹ da escrava e encaminha-se para as nascentes. Nada mais terrivel do que o monstro com quem elle vae estar frente a frente; tem o pescoço d'elephante e ha já dois seculos que assola a terra.

A noite era escura quando Samba chegou á fonte. Mabardidalo, cheio de furor, precipita-se ao seu encontro; mas não leva Samba a sua lança e seu fiel cão? A floresta ressoa com o estrondo da lucta e com os bramidos do monstro; raios terriveis chispam dos seus olhos injectados, medonhos. O monstro é morto; Samba espeta na terra a sua formidavel lança e a ella, com uma correia, ata o seu cão. Ao lado do terrivel inimigo sem vida colloca uma das suas sandalias e volta para o campo de El Kebir.

Depressa alli se espalhou a nova da morte do monstro.

El Kebir, no seu canto da manhã, assim dizia: «Que o valente que tal façanha praticou se faça conhecer, que apanhe a sandalia que lhe pertence, que desate a correia que prende o cão e que pegue na sua lança!» «Como nas nossas côrtes, nos campos mouros nunca falta quem queira attribuir a si os feitos praticados por outrem; a fina flôr dos guerreiros mouros em vão se aproximou do cão; este recebia-os a todos, mostrando-lhes os dentes.»

Durante estas vãs tentativas Samba conservára-se atraz de todos; mas o cão fiel finalmente farejára Samba, e quebrando a correia, viera fazer-lhe festas. El Kebir reconhece em Samba o auctor d'esta acção heroica e enche-o de presentes. D'aqui em deante as estrophes no poema succedem-se mais rapidamente, invariavelmente, terminando com o estribilho: «Samba partiu».

As ambições d'El Kebir vão ter d'este ponto em deante completo desafogo; sujeitar a coragem e a habilidade de Samba a rudes provas.

(Continúa).

1 *Bous* é o ôdre que serve para ir buscar agua.

EXPLORAÇÕES GEOLOGICAS E MINEIRAS NAS COLONIAS PORTUGUEZAS

(Continuado do numero antecedente)

PORQUE sustentamos e povoamos nós o Brazil?

Pela exploração do ouro e dos diamantes.

O Brazil tornou-se famoso em todo o mundo, durante o seculo passado, pela grande riqueza aurifera dos seus territorios.

Não ha informações exactas do valor da sua producção mineral, que no meiado do seculo 18 produzia para a corôa 80 a 90 contos annualmente, do *quinto* da producção, que era então o imposto em vigor; mas é certo que foi enorme, e que a emigração teve, durante muito tempo, por principal incentivo a lavra do ouro e a procura dos diamantes.¹

Se não fora a descoberta das minas de Sofalla as nossas conquistas em Africa não teriam tomado o desenvolvimento a que antigamente chegaram.

A frota de Vasco da Gama descobriu a Terra do Natal, entrou na barra de Quelimane, tocou em Moçambique, visitou Mombaça e Melinde, seguindo depois á descoberta da India.

¹ Depois da minha conferencia na Sociedade de Geographia, o meu distincto amigo o Snr. Luciano Cordeiro transmittiu-me uma nota interessantissima, extrahida da obra do Barão de Eschwege (Pluto Braziliensis — 1833 — Berlin) que passo a transcrever:

•De 1700 a 1820, extrahiram-se da provincia de Minas Geraes 35:687 arrobas de ouro.

De 1720 a 1730 a provincia de Goyaz deu 9:212 arrobas.

De 1721 a 1820 as minas de Matto Grosso deram 3:407 arrobas.

De 1600 até 1820 a provincia de S. Paulo deu 4:650 arrobas.

Acrescentando o extraviado por contrabando, confiscado etc., calcula-se em 63:417 arrobas o ouro extrahido do Brazil desde 1600 até 1820, no valor de 974.329:040 crusados ou 390.931:616\$000 reis.

Este calculo é feito pelo valor do *quinto* pago á corôa, que chegou a perto de 162.000:000 de crusados ou 64.800:000\$000 reis.

Em Moçambique encontrou os arabes do mar Roxo mercadejando na troca de productos da India pelo ouro, marfim, ambar e outras riquezas de Sofalla.

Pouco depois, em 1500, Pedro Alvares Cabral, que acabava de descobrir o Brazil, aportou tambem á ilha de Moçambique e dirigiu logo a sua attenção para o porto de Sofalla, que mandou explorar por Sancho de Toar.

Apesar de havermos descoberto quasi toda a costa oriental d' Africa, desde o Cabo da Boa Esperança para o norte, foi justamente em Sofalla que fundamos a primeira capitania e estabelecemos o centro da nossa actividade conquistadora, levados pela cobiça do ouro, que as noticias trazidas a Portugal por Sancho de Toar aqui tinham despertado. Corriam no reino, com effeito, as mais extraordinarias lendas sobre as riquezas do imperio do monomotapa.

Em 1505, Pero de Anhaya nomeado *capitão de Sofalla*, lançava os primeiros fundamentos da nossa actual colonia de Moçambique, levantando fortes e assegurando de facto a conquista.

Muitos commerciantes foram estabelecer n'aquellas paragens as suas feitorias, e internando-se pelo sertão dentro á procura do ouro, fundaram as villas de Sena e Tete.

Em 1569 partia Francisco Barreto para Sofalla, nomeado *governador e capitão general* dos nossos dominios de Africa oriental, com o titulo de *Conquistador das minas de Monomotapa*.

Levava tres naus e 1:000 homens, que se tinham alistado voluntariamente, havendo entre elles grande numero de fidalgos.

Era a ambição do ouro que os seduzia a todos.

Chegado a Moçambique, prepara-se immediatamente para a conquista das minas, emprehende a sua expedição pelo Zambeze e acampa em Sena. Tenta abrir caminho para Monomotapa, sustentando duras batalhas com o gentio, mas, cançado e sem re-

curso, é obrigado a retroceder para o acampamento.

N'este meio tempo revolta-se a gente de Moçambique, e Francisco Barretto tem de acudir a esta ilha, deixando as suas tropas sob o commando do mestre de campo Vasco Fernandes Homem.

Pacificadas as coisas na ilha, volta o governador a Sena, onde morre quasi de repente.

Succede-lhe Vasco Homem; mas não pode este levar por diante a expedição pelo muito diminuto que era já o numero dos seus soldados, extenuados de fadigas e de febres; regressa portanto a Moçambique, organisa novas forças e parte em seguida para a conquista, dirigindo-se por Sofalla, com uma força de 500 homens; atravessa os territorios de Quiteve, onde não encontra inimigos a descoberto, mas a hostilidade de um paiz abandonado e deserto, e passa depois a Chicanga, cujo regulo põe á disposição dos nossos as celebres minas de Manica.

De posse emfim das desejadas minas, encontra-se sem machinas, sem tempo, sem recursos e sem gente habilitada para as explorar. Volta pois a Moçambique, tendo assentado pazes com o regulo de Quiteve, que as pedira, consentindo este em que os nossos podessem mercadejar livremente n'aquelles sertões.

Organisada a colonia de Moçambique em governo independente, é nomeado em 1609, primeiro governador, D. Nuno Alvares Pereira, que leva ainda o titulo de *General da conquista das minas*.

Continuam as excursões ao territorio do Monomotapa, com o fim de alcançar as minas de prata de Chicova, que afinal nos foram cedidas, senão de facto pelos menos de direito.

Mas desde os fins do seculo XVI que os piratas hollandezes haviam começado a apparecer nos mares de Moçambique, e receiava-se a aproximação d'estes, assim como a dos navios inglezes que exploravam a costa; a attenção dos governadores tinha portanto de dividir-se pela conquista das minas e pelos trabalhos de fortificação.

Iam de Lisboa as ordens mais apertadas para concluir a fortaleza de Moçambique, que em 1607 soffrera apertado cerco dos hollandezes.

Em 1618, comtudo, ainda D. Nuno Alvares Pereira, nomeado pela segunda vez «Governador de Moçambique, Sofalla, Rios de Cuama e Monomotapa», partia para Sena a fim de tomar posse das minas de Chicova.

Em 1622, porém, os governadores cessam, por ordem superior, de procurar as minas para se entregarem sómente aos trabalhos de defeza; pensou talvez, e com rasão, o governo da metropole que da conquista guerreira das minas nenhum resultado positivo poderia advir ao paiz, e que para a sua exploração era necessario enviar expedições technicamente organisadas para aquelle fim; por isso vemos que em 1629 partiu de Lisboa o engenheiro Cristovam Tirado para Moçambique, chegando a Sena em 1633 com uma expedição de mineiros, sendo esta a primeira, e cremos que a unica expedição d'este genero, enviada áquella colonia.

Mas logo depois, em 1645, é auctorizada a exportação de escravos de Moçambique para o Brazil, em consequencia de ter cahido Angola em poder dos hollandezes, e por este commercio, em extremo lucrativo e facil, todos os demais interesses da colonia foram inteiramente abandonados.

Nunca se apagou de todo, ainda assim, o entusiasmo pelas minas; em 1831 foram ainda restauradas á custa do sangue portuguez as minas de Bandire, doadas á coroa pelo regulo de Quiteve em 1750.

Mas depois de tantos annos e de tantos sacrificios o que se sabe d'essas minas e da sua importancia?

Nada. Temos apenas noticia da sua existencia.

Nos *Ensaio sobre a estatistica das possessões portuguezas no Ultramar*, de F. M. Bordalo, encontra-se uma relação das minas officialmente conhecidas nos diversos districtos.

A relação que diz respeito ao commando militar de Sena contém nada menos de 52 minas; a que diz respeito a Tete contém 12.

Mas para que se avalie a sciencia e a consciencia d'estas informações officiaes, bastará citar os dados relativos a algumas d'ellas.

Temos por exemplo:

«*Munene*, districto de Vumba, 40 leguas

de extensão, começando a mina de oiro 160 leguas distante de Sena».

«*Muchanacha*, districto de Binre, mina de oiro de 240 leguas de extensão, longe de Sena 320 leguas.»

«*Danga*, districto de Duma, mina de cobre de 300 leguas de extensão, a 320 de distancia de Sena».

Como se vê, a extensão attribuida a estas minas sae inteiramente fóra das marcas de um disparate supportavel.

Em Angola, o objectivo das nossas conquistas é exactamente o mesmo que em Moçambique, e se não demandado com tanto afnco é porque em fins do seculo xv todo o pensamento dos navegadores portuguezes se fixava em descobrir o caminho das Indias.

Por isso, quando em 1845 Diogo Cam descobriu o Zaire, e um anno mais tarde explorou toda a costa de Angola e Benguella, nem por isso se ligou no reino uma grande importancia a essas descobertas.

Com as riquezas da India, de Sofalla e do Brazil havia já bastante para saciar a ambição dos nossos ousados navegadores.

Em 1574 sómente é que pela primeira vez se trata a sério de povoar Angola, para onde é enviado Paulo Dias de Novaes, como governador e conquistador, com uma armada de 300 homens.

O fim principal de todas as expedições enviadas ao interior, a origem das mais encarniçadas luctas com os indigenas, o objectivo de toda a actividade resume-se, desde logo, quasi exclusivamente na conquista das minas.

Espalha-se a noticia da grande riqueza das minas de prata de Cambambe, nas margens do Quanza, e pretende-se a todo o custo assegurar a sua posse, tenazmente disputada sempre, e algumas vezes com vantagem, pelo gentio.

Em 1582, chega Paulo Dias de Novaes áquellas minas onde se conserva durante 6 ou 7 mezes, sendo por fim obrigado a retirar-se por falta de gente e de recursos; mas apenas recebe alguns soccorros de Portugal volta de novo á conquista em 1584.

Em 1592, D. Jeronymo de Almeida conse-

gue fundar um presidio sobre as minas de sal de Quissama, e caminha de novo para a conquista de Cambambe; os sobas, porém, revoltam-se constantemente; os nossos vão sendo successivamente dizimados pelas doencas do paiz; e a posse das minas não chega a consolidar-se.

Em 1603, o grande capitão Manuel Cerveira Pereira derrota os sobas revoltosos e funda, emfim, um presidio em Cambambe.

Em 1617 parte este capitão a reconquistar Benguella, que se havia perdido em 1584, e volta de novo em 1620 para a descoberta das suas notaveis minas de cobre.

Começa, porém, o commercio dos escravos para o Brazil, e todas as tentativas de industria séria e honesta cessam inteiramente.

A preocupação das minas não é, comtudo, totalmente abandonada; em 1754 estavam em lavagem as alluviões auríferas do rio *Lombiji*, no districto de Golungo, de que vieram amostras para Lisboa, e diz-se que ali enriqueceram alguns. Mas pelo aviso de 13 de novembro de 1761, segundo refere L. de Lima, foram estas minas mandadas «*pôr em perpetuo esquecimento, e que se não consinta que pessoa alguma trabalhe n'ellas*».

Que terrivel calamidade suspeitava o governo d'então que podesse advir ao reino da lavagem do ouro do *Lombiji*, para assim romper no excesso de legislar para a perpetuidade?

Não se pode atinar com os motivos de ordem tão originalmente absurda.

Nos disparates, como na desgraça, é consolador, porém, ter companheiros.

Quando em 1814 o sabio geologo Murchison foi levado a predizer a descoberta do ouro na Australia, prevenia d'isso o conde Grey, ministro das colonias, mostrando-lhe a conveniencia de ordenar explorações mineralogicas na colonia da Nova Galles do Sul.

O conde Grey recusou-se a dar qualquer passo para a descoberta d'essas minas, que foram mais tarde o principal movel da colonisação e um dos mais poderosos elementos da riqueza da Australia, pela razão de que a producção do ouro poderia prejudicar a criação dos carneiros.

(Continúa).

LOURENÇO MALHEIRO.

PELO MUNDO

EUROPA

Como na nossa anterior chronica já noticiavamos, seguiu no dia 5 do actual mez para Bequella, a bordo do vapor do mesmo nome, o distincto engenheiro Lourenço Malheiro encarregado pela *Companhia das minas do Dombro-Grande* de ir estudar uns jazigos mineiros de que esta companhia tem a concessão n'uma zona de terreno visinha da nossa colonia de Benguella.

Dias antes da partida do illustre engenheiro, no dia 3, alguns seus amigos e os seus collegas do *Diario de Portugal* ofereceram-lhe um jantar, em que os mais entusiasticos brindes foram levantados ao corajoso explorador. A bordo do vapor *Benguella*, a despedir-se, foram: Barão de Ferreira dos Santos e Augusto de Mello Gouvêa, directores da *Companhia das minas do Dombro-Grande*, todos os collegas de Lourenço Malheiro na repartição de minas e os empregados de todas as cathogorias da mesma repartição, uma commissão da *Sociedade de Geographia de Lisboa*, muitos seus amigos particulares e os seus irmaos pela affeição que lhe tributam, os redactores do *Diario de Portugal*, Gerardo Pory, Thomaz Cequeira, Carlos Moura Cabral e Abilio Lobo.

Entre Lourenço Malheiro e estes ultimos trocaram-se saudosas despedidas e mesmo algumas lagrimas. Posto que com a confiança n'um proximo regresso, era a partida d'um collega dedicado, intelligente e lealissimo, que ia para regiões desconhecidas expôr-se a sacrificios em proveito principalmente da patria, que lh'os não saberá retribuir.

Como já dissemos, o governo portuguez não soube, ou não quiz aproveitar a viagem de Lourenço Malheiro para officialmente lhe incumbir os estudos da sua especialidade por conta do Estado na zona do territorio africano que ia percorrer. Lourenço Malheiro, engenheiro do Estado, teve de pedir uma licença registada sem vencimento para ir proceder a estudos geologicos e mineiros, a estudos da fauna e flora, que especialmente revertirão em favor do mesmo Estado.

Muito lamentavel é isto, quando por ahi se gratifica abundantemente quem nenhum serviço presta ao paiz.

Por um telegramma recebido em Lisboa no dia 8 soube-mos nós que Lourenço Malheiro chegára á ilha da Madeira, primeiro porto de escala na travessia a fazer por mar, no mais completo estado de saude.

Que assim continue com felicidade e regresse rapidamente aos braços dos seus amigos, que ansiosamente o esperam para o festejar pela gloria que conquistará!

— Apesar das grandes manifestações da opinião publica em contrario, a camara dos senhores deputados approvou no dia 8 o tratado de Lourenço Marques.

Meetings, tumultos nas ruas, que foi necessario reprimir com sangue derramado, propostas d'adiamento apresentadas pela *Sociedade de Geographia de Lisboa*, apoiadas pelas opposições colligadas, a opposição regeneradora, constituinte e avilista, nada teve bastante força para impedir que a maioria, no mesmo dia em que em Lisboa se recebia um telegramma annunciando um começo d'armistício entre os Boers, nossos vizinhos n'aquelle territorio e os inglezes, armistício que felizmente deverá conduzir á paz entre os dois povos, approvasse um tratado, que n'estas circumstancias, pôde ser altamente prejudicial aos interesses de Portugal.

Que o paiz e a consciencia de cada um dos senhores deputados diga quem procedeu patrioticamente: se as opposições, se a maioria.

— A ilha de S. Miguel acaba de ser theatro d'uma assustadora convulsão geologica. A começar no dia 8 de fevereiro successivos tremores de terra derrocaram casas, abriram crateras e apavoraram todos os habitantes da ilha e principalmente os das Villas Franca do Campo e Povoação, onde os terriveis effeitos do phenomeno mais accentuadamente se fizeram sentir.

O snr. Hintze Ribeiro, um deputado regenerador, foi o primeiro a chamar para este desgraçado estado de cousas a attenção do governo no parlamento. O poder executivo, como lhe competia, apresentou um projecto de lei com o fim de attenuar

ás misérias causadas pelos tremores de terra e as camaras, por unanimidade, facultaram ao governo o poder dispendir avultadas sommas para minorar tantas e tão grandes desgraças.

ASIA

Segundo uma correspondencia recentemente dirigida de Ghensantsen para o *Mainitchi Chimoun*, o commercio japonéz tem tendencias para tomar um grande incremento na Coréa; porque o governo d'este paiz, que por fim comprehendeu a importancia das relações internacionaes, parece disposto a animar estas tendencias. Trata-se agora d'abertura de seis novos portos ao commercio do Japão e da China.

AFRICA

Um despacho telegraphico, recentemente recebido na Belgica, dá-nos a noticia que M. M. Ramaeckers e Popelim tinham chegado com muita felicidade ao lago Tanganika: tanto estes como M. M. Vanden Heuvel, Roger e Becker gosavam perfeita saude; unicamente M. Len estava doente em Tabora.

M. Cambier, depois de ter entregado a direcção da estação de Karéma a M. Ramaeckers, dirigira-se para Zanzibar; onde chegou a 10 de fevereiro ultimo.

Muito proximo embarcará para a Europa, mas não vem directamente para a Belgica. Posto que o estado de saude de M. Cambier seja satisfactorio, o *comité* d'Associação Africana julgou que nao seria conveniente que este prestante homem passasse bruscamente do clima da Africa para o da Belgica e instou com M. Cambier para que se demorasse algumas semanas no Egypto.

M. Cambier está ausente da Europa ha mais de tres annos e meio.

AMERICA

Cartas com data de 15 de fevereiro noticiam que os engenheiros do canal de Panamá tinham estabelecido cinco acampamentos de trabalhadores.

Todo o pessoal está já em exercicio.

A estas informações julgamos dever acrescentar umas que transcrevemos da *Independence belge*.

«A primeira expedição do canal de Panamá desembarcou ante-hontem em Colon. A travessia foi má, sobretudo no Atlantico. Na noite de 12 para 13 de janeiro fomos assalteados por uma terrivel tempestade.

«Chegamos saos e salvos.

«Logo que desembarcamos a primeira auctoridade de Colon, rodeada de notabilidades, veio ao nosso encontro e leu-nos um grande discurso em hespanhol, que concluiu por estas palavras: «*Viva la republica de la Francia!*» O que M. Reclus, nosso chefe, agradeceu, dizendo algumas phrases na mesma lingua.

«O entusiasmo é muito grande e traduz-se principalmente pelo estoirar de bombas.

«A população de Colon é todavia muito porca e repellente; a cidade deve ser pouco higienica, visto que está construida sobre um pantano.

«As casas tem uma grande falta de limpeza e comprehende-se perfeitamente que a febre amarella escolhesse para sua mansão favorita este logar infecto. Um comboio especial foi posto ás nossas ordens para nos conduzir a Panamá.

«Que soberba vegetação! Palmeiras gigantes, coqueiros imensos e cobertos de fructos!

«Logares admiraveis, um verdadeiro paraizo.

«Tendo partido ás 9 horas da manhã, chegamos a Panamá á meia hora depois do meio dia.

«Toda a população nos esperava aqui, onde ouvimos novos discursos e nos ensurdecaram com novas bombas, carroagens nos foram offerecidas para nos levarem ao Grand-Hotel.

«Posto que só de relance podêsse ver a cidade, ao atravessar-a pareceu-me limpa e pittoresca. Ouvi fallar o francez, o inglez e o hespanhol.»

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)

Os Velhos Crentes

TINHA apenas o cadaver de Nikon sido depositado no seu tumulo, quando o patriarchado foi abolido: a Igreja era absorvida pelo Estado; a Igreja orthodoxa tornára-se em Igreja politica, governando as consciencias com a ajuda do braço secular. Absoluta e intolerante, ella não consente nem a leitura da Biblia, nem o exercicio do pensamento, nem a liberdade d'opinião. Por outro lado os *Velhos Crentes* soffrem não só as perseguições de que são alvo, mas ainda soffrem tambem o isolamento a que se condemnaram.

Com effeito, impellidos pelas proprias virtudes a dar em tudo a preferencia aos antigos costumes, vivem n'um mundo antigo e recusam reconhecer merecimento na sociedade nova. O reinado do Ante-Christo começou com Nikon: desde esse tempo fatal para elles, todas as acções e as palavras dos homens, não pertencentes á sua fé, são perigosas e más.

Como o Musulmano e como o Judeu, o *Velho Crente* das classes inferiores póde ser conhecido pelo seu aspecto.

«Desejava vêr um *Velho Crente*? perguntava-me um dia um amigo meu, quando nós, n'um pateo d'uma casa de posta, examinavamos alguns peregrinos que comiam e bebiam; pois alli tem um!»

E mostrava-me um homem sentado a uma meza.

«Porque o conhece?

— Attente n'elle e observe-o; não vê como elle, erguendo desdenhosamente os hombros, atira fóra as batatas que tem no prato. Pois isso é já um indício. Não deita assucar no chá; outro indício. É provavel que tambem não fume.

— Um *Velho Crente* abstem-se de tudo isso?

— Nos paizes do Norte, sim. Em Moscou, em Nyni, em Kazan esses habitos não são escrupulosamente seguidos, sobretudo no que respeita a liquidos alcoolicos e ao tabaco.

Os Cosacos do Dom são os que menos observam esses velhos costumes.

— Os Cosacos são *Velhos Crentes*?

— Quasi todos; mas o governo do imperador Nicolau empregou todos os esforços para os chamar a si; como estão sujeitos ao codigo militar, os officiaes tinham mil meios de actuar n'elles. Alguns d'elles foram conformando-se com os desejos do czar; muitos levaram até a sua docilidade a ouvir uma missa official. Comtudo o maior numero resistiu; muitos rapazes do Dom partiram para o Caucaso para não renegarem a sua fé. Além d'isso é bom não confiar nas apparencias, nem mesmo com os Cosacos. Apesar de toda a vigilancia dos *popes* e da policia, mais de metade d'elles conservam as suas velhas crenças.

— Então mesmo nas questões religiosas ha differença entre o norte e sul?

— Nem póde deixar de ser; nas provincias septentrionaes levamos a verdadeira vida russa. Descendemos dos verdadeiros russos e queremos conservar as tradições de nossos paés.

Um cemiterio de Velhos Crentes

Fóra de Moscou, a duas leguas, pouco mais ou menos, da porta Santa e perto d'um pantano ha um campo, em que se vê um grande numero de tumulos; alli repousam os restos de muitos, victimados pela peste ha longos annos. O terreno está fechado por uma paliçada e por um muro. Junto da segunda d'estas defezas ergue-se um hospital e um convento, um á esquerda e outro á direita. Um immenso vestibulo, construido com materiaes tirados d'edificios mais antigos e ornado com formosas pinturas, abre-se deante de nós. Um conselheiro d'Estado, um Inglez meu amigo e eu enviamos os nossos bilhetes de visita ao director e fomos immediatamente recebidos.

«Este cemiterio, disse-nos o nosso guia, tira o nome de *Preobradjenski* (Transfiguração) da aldeia visinha. Quando a peste de 1770 assolou o paiz era uma charneca e os habitantes de Moscou levavam para alli os

seus mortos, atiravam-n'os para umas vallas e pouca terra lhes lançavam em cima. Campeando mais ferozmente a peste, a primeira auctoridade da aldeia obteve da imperatriz Catharina a auctorisação de edificar n'aquelle terreno um estabelecimento, onde os cadaveres fossem sujeitos ás prescripções que a sciencia d'então ordenava, evitando assim as imprudencias, que o medo fazia commetter. O edificio foi construido entre as fileiras das covas. Onze annos mais tarde (1781) um fabricante de tijollo, de Moscou, Elias Kovielin, fundou n'este mesmo lugar, ao lado dos tumulos, uma igreja, um convento para homens e outro para mulheres. Este Kovielin era um homem intelligente, rico de dinheiro e d'amigos; vivia n'um elegante palacio e constantemente recebia á sua meza o director da policia, governadores, generaes e principes. Catharina ignorava que elle fosse *Velho Crente*; mas os ministros e os cortezãos sabiam-n'o perfeitamente. No seu palacio havia um oratorio adornado com quadros, que valiam, dizem, mais de cincoenta mil *rublos*. Os frades temiam-n'o, porque elle tinha influencia na czarina; os padres por elle ser apoiado pelos habitantes da cidade. Além d'isso como accusal-o por elle mandar fazer edificios d'aquella ordem? Era, na verdade, um homem muito intelligente! Conhece a historia do seu pão magico?

— Não!

— Pois bem, vou contar-lh'a. Paulo I, sabendo que este edificio da Transfiguração era uma igreja de *Velhos Crentes*, resolveu mandal-a deitar abaixo. Kovielin correu a S. Petersburgo, mas o czar não o quiz receber e, alguns dias depois, Voiekoff, director da policia, dirigiu-se á Transfiguração com uma ordem do imperador, mandando que se demolissem muros e torres. Feita a intimação Kovielin offereceu ao magistrado policial um pão fabricado no convento.

— Um pão!

— Sim, um pão magico. Voiekoff achou-o tão saboroso que se esqueceu do convento. Diz-se que este pão tinha dentro uma bolsa com cinco mil *rublos* em ouro. Quem sabe? Kovielin era tão intelligente...

O amigo, que nos guia pelo labiryntho de pateos e capellas, não pertence á antiga Igreja russa; é um funcionario publico.

Em 1852 Nicolau apoderou-se do cemite-

rio, confiscou o cofre e entregou a administração do convento á Igreja official. Deixou aos *Velhos Crentes* o hospital por ser custeado por esmolos; o imperador comprehendeu que, se o Estado d'elle se apoderasse, tinha ou de ministrar-lhe meios, ou de pôr no meio da rua os velhos e os doentes. Só se apoderou da igreja e deixou-lhes os enfermos.

«O pão magico, continuou o nosso guia, nem faz honra a Kovielin, nem a Voiekoff. De mais, estes *Velhos Crentes* foram sempre uns patifes. Quando Bonaparte esteve em Moscou mandaram-lhe uma deputação para lhe entregarem uns presentes e fazerem-lhe um discurso; levaram-lhe grandes sommas em ricas salvas de prata e reconheceram-n'o como czar!

— Talvez esperassem que o imperador os libertasse da tyrannia dos frades e dos padres orthodoxos?

— Era um sonho. Napoleão lisonjeou-lhes os desejos e chegou mesmo a visitar o lugar em que estamos. Kovielin tinha já morrido; não seria elle certamente quem felicitaria o inimigo da Russia. O imperador examinou os tumulos, provou o pão e os outros alimentos dos *Velhos Crentes*, mas ainda assim estes não sympathisaram com elle. Elles queriam um czar branco e não um soldado crestado pelo sol dos combates e ennegrecido pelo fumo da polvora. Depois da visita de Napoleão, os covardes começaram a espial-o e a mandar secretamente ao governo russo as informações que colhiam.

— E' possivel que tal tramassem n'este lugar?

— Não acredita! Pergunte-o á policia, pergunte-o aos seus amigos de Moscou, pergunte-o aqui ao snr. conselheiro.

— Causaram suspeitas, respondeu este ultimo, e a igreja foi-lhes suprimida; mas isso aconteceu n'um reinado anterior.

— Que fizeram á igreja? Foi demolida?

— Não; ainda existe. E' muito rica; para a adornar, Kovielin tirára do seu oratorio preciosos quadros e muitos outros negociantes de Moscou a presentearam tambem com magnificas obras d'arte. Depois d'isso purificaram-n'a e fizeram n'ella uma igreja orthodoxa.

— Sério!

— Sim, sim, quasi. A maior parte dos habitantes d'esta parte da Russia são *Velhos*

Crentes apaixonados pela sua fé, muito afeiçoados aos antigos ritos. O numero é consideravel: dez, quinze, vinte milhões, ninguem ao certo o sabe. Por muito tempo oprimidos, perderam o amor á patria e a fidelidade ao czar; uns lançam os seus olhares cheios de esperança para o imperador da Austria, de quem esperam auxilio; outros sonham com um rei de França. E' muito importante para a Russia o chamal-os a outros sentimentos e para isso os ministros de Nicolau conceberam um plano, que se executa perseverantemente ha bastantes annos. Esperam trazer os *Velhos Crentes* a uma reconciliação com o imperio por meio de uma... como direi eu?

— D'uma astucia?

— Sim; qualquer cousa parecida com isso. A capella foi declarada orthodoxa; foi benzi-da por trinta frades e uma duzia de padres; mas estes frades usam o habito feito d'um tecido grosseiro d'algodão e o rito é o que se usava antes da reforma feita por Nikon.

— Quer então dizer que a Igreja official tenciona voltar aos antigos ritos?

— O fim do governo é provar que só o habito, e não as crenças, separam a Igreja antiga da Igreja orthodoxa.

— Mas parece-me que, para se aproximar dos *Velhos Crentes* o Estado faz mais de metade do caminho; porque abandonar o ritual de Nikon é abandonar a differença essencial que ha entre as duas Igrejas. A experiencia deu resultados? Conseguiram attrahir o povo á Igreja purificada?

— Os *Velhos Crentes* dizem que não. Agora a Igreja está separada do hospital por uma barreira moral; a gente das circumvisinhanças não lhe poisa o pé no limiar, não querem cahir no que elles chamam uma cilada. O anno passado os gerentes do hospital pediram licença para construir um muro, afim d'interceptar toda a communicação com a igreja, profanada, segundo elles dizem, depois que se tornou orthodoxa. O ministro deferiu o requerimento, mas o Santo Synodo, a quem a petição teve d'ir a informar, oppôz-lhe uma recusa formal. A Igreja popular nada tem a esperar d'estes frades mitrados.»

Nas regiões officiaes perguntei pelo pretexto de que Nicolau se servira para se apoderar do cemiterio popular. Responderam-me que á sombra d'elle, os *Velhos Crentes*

tinham fundado um collegio destinado a propagar a sua doutrina; d'aqui enviavam para as outras provincias missionarios, que arrancavam o povo da orthodoxia para o lançar nos braços da Igreja dissidente. O numero dos seus adeptos augmentava todos os dias; os parochos favoreciam-os, todas as calamidades publicas lhe augmentavam as suas fileiras. O cholera, dizem, dava-lhe a conversão de mil pessoas por semana. Se este flagello tivesse durado dois annos, a fé orthodoxa ter-se-ia finado, porque nas suas grandes desgraças, nos seus grandes panicos, o povo russo sente uma necessidade irresistivel de abraçar-se á sua antiga religião. E' o grito dos Hebreus afflictos: «As nossas tendas? Voltemos para as nossas tendas!» Todas as nações orientaes teem o intimo desejo da estabilidade e um horror innato pelas innovações.

Estes são, continuou o conselheiro, os verdadeiros motivos da intervenção do governo; mas o pretexto foi o barulho que se fez por causa d'umas notas do banco falsas.

— Mas, com certeza, ninguem deu credito a tal falsidade?

— Pelo contrario todos a acreditam. Estes boatos serviram até para que, ha dois annos, se praticasse um roubo curioso.

— De que modo?

— Um dia d'inverno, ao anoitecer, estando todas as portas do cemiterio fechadas, de repente appareceu um grande numero de homens a cavallo. Um coronel, acompanhado d'um chefe de policia, desceu d'uma carruagem. Quatro gendarmes e quatro paisanos de Moscou escoltavam-n'os. Entram e pedem para visitar a caixa. Vendo o coronel que o empregado que lhe fallava se atrapalhava, com voz severa e ameaçadora disse-lhe:

«Suspeita-se que n'esta casa se fazem notas falsas; o governador geral, o principe Vladimir Dolgorouki, ordenou-me, a mim, official do exercito do czar, que, deante de estas quatro testemunhas e do chefe de policia, aqui presente, dêsse uma busca á caixa.»

«Ditas estas palavras mostra-lhe o seu mandato e exige que lhe entreguem a chave da caixa.»

«Era impossivel satisfazel-o; o caixa estava em Moscou e só no dia seguinte chegaria.»

«Então põe-se sêllos no cofre, disse o co-

ronel, e a policia o guardará. Amanhã, ás dez horas, apresentem-se com as chaves no palacio do principe Dolgorouki, praça Tverskoï.

«Os sêllos foram postos na caixa; os gendarmes metteram-n'a na carruagem e, uma hora depois, todos tinham partido. No dia seguinte o caixa, acompanhado do administrador, foi a Moscou, levando consigo as chaves. Julgue-se agora do seu espanto, quando souberam, da propria bocca do principe, que busca alguma tinha sido mandada fazer áquelle estabelecimento.

— Quem era então o coronel?

— Um ladrão; o chefe da policia, um ladrão; ladrões os gendarmes e ladrões os paesanos.

— E que fizeram?

— O principe Dolgorouki mandou chamar o verdadeiro chefe de policia e contou-lhe o caso: — «muito engenhoso, disse Rebroff estoirando de riso, muito engenhoso! Em Moscou só ha Simonoff capaz de ter imaginado e levado a effeito tão audaz commettimento. Não espalhem a noticia e agarraremos o homem». Tres mezes mais tarde, Simonoff, preso ao sahir d'um estabelecimento de banhos, foi logo depois julgado e condemnado a trabalhos publicos por toda a vida. Os valores, que subiam a duzentos mil rublos, tinham sido divididos e gastos. — «A Siberia, exclamou o refinado patife quando o juiz pronunciou a sentença, é um magnifico paiz! tenho dinheiro e vou lá passar vida regalada». Sem os boatos falsos que haviam corrido a respeito d'aquelle estabelecimento, um roubo, como o praticado por Simonoff, não podia ter-se realisado.

XVII

AS ESTRADAS — A TARANTASSE — PARTIDA D'ARKHANGEL — AS FLORESTAS — OS VAGABUNDOS — CASAES E ALDEIAS

Quem se aventurasse nas estradas russas com uma bagagem ordinaria, achal-as-hia um pouco primitivas, sobretudo se atravessasse as florestas ou as steppes. Aqui os preparativos de viagem demandam um grande trabalho. Mil cousas são necessarias, desde a véla e a almofada até á faca e ao garfo; mas o que principalmente é importante não dei-

xe esquecer, é uma cama de campanha e um *samovar* ¹.

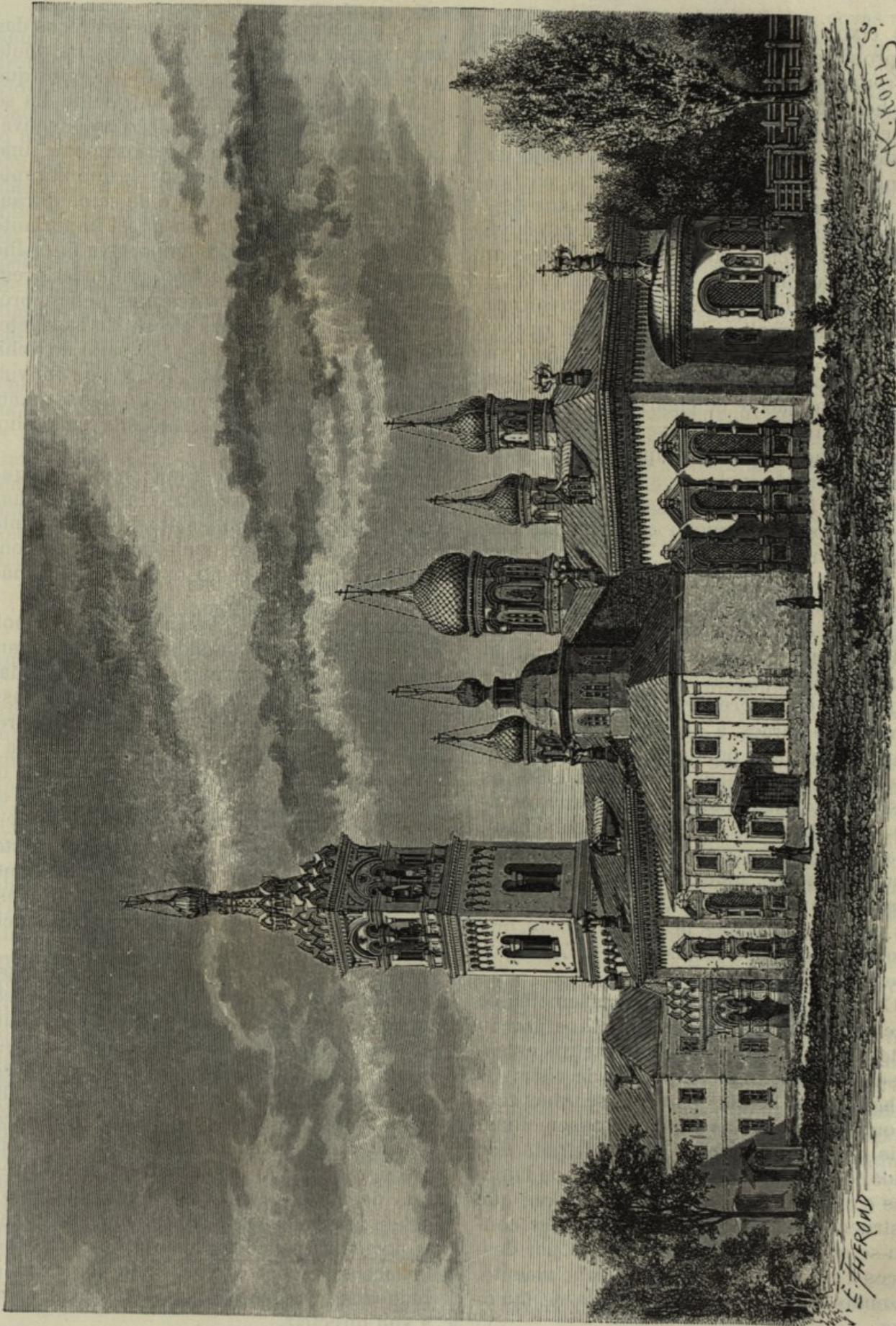
Quando deixei Solovetsk embarquei, á vista de frei João, n'um navio de carga, que se destinava a Arkhangel. Esta travessia foi facil; chegamos no dia marcado. A minha viagem d'Arkhangel a Vietegra tinha de ser feita em cavallos de posta, uma extensão de oitocentas *verstes* atravez d'uma floresta de pinheiros e de betulas. Esta digressão tinha de ser fecunda em tribulações. O *podorodjna*, uma especie de passaporte passado pela policia, confere ao portador o direito de alugar cavallos, segundo um preço determinado. A policia, desconfiada, admirou-se que eu não preferisse subir o Dwina embarcado, como o fazem todos os viajantes, e levantou-me mil difficuldades.

Todavia, depois de muitas explicações, a auctoridade cedeu e assignou o passaporte.

Mas depois ergue-se a questão do vehiculo; carruagem, carroça ou trenó? Aqui não ha malas-postas, nem diligencias, que transportem o viajante á capital; uma pequena carroça, unicamente bastante grande para poder conter um sacco de cartas e um rapaz, faz o serviço do correio. Parte duas vezes por semana, mas ninguem, além do conductor, tem n'ella logar. O viajante tem de organizar os meios de conducção e só para escolha tem a carroça, a *tarantasse* e o trenó. Eu escolhi a *tarantasse*.

A *tarantasse* é uma carroça aperfeiçoada, com um folle, com um guarda-lamas e com estribo. Não tem molas; os eixos são duas enormes travessas de pinheiro, separadas uma da outra por um intervallo de nove a dez pés. Dentro d'estes carros amontoam-se as bagagens, os passageiros e, por fim, atesta-se tudo com palha e fenó. Uma cortina e um avental de coiro preservam os viajantes alguma coisa das chuvas, mas na realidade muito pouco, porque os vendavaes são d'uma extraordinaria violencia. Este systema de carros é, na verdade, extremamente simples; não é preciso um grande talento para os construir nem para os concertar. Se, em virtude d'uma sobre-roda, um eixo parte, para-se na floresta, corta-se um pinheiro, tiram-se-lhe os galhos e a rama, e ahi está um

¹ Utensilio para fazer chá.



O CEMITERIO DA TRANSFIGURAÇÃO, PERTO DE MOSCOU; EGREJA DE VELHOS CRENTES — Desenho de E. Thorond, segundo uma photographia

A. KOHL'S

E. THOROND

novo eixo. Em menos de meia hora tudo fica prompto, como novo.

Trouxeram a minha *tarantasse* para a porta do hotel. Metteram-lhe dentro as bagagens; primeiro os objectos que apresentavam mais resistencia: a caixa do chapéo, o estojo da espingarda, a mala, depois, com feno, encheram os intersticios que os tres objectos deixaram entre si e cobriram tudo com um feixe de palha; por cima collocaram a cama com a respectiva roupa e as pelles. Nos cantos, e n'algum espaço ainda vazio, metteu-se um machado, um molho de cordas, um pacote de fio, um sacco de pregos, um boião com manteiga, um cesto com pão e vinho, um *rosbeef* e um pacote de cigarros.

Como eu pretendia atravessar o Dwina na barca de passagem ao romper do dia, parti ao anoitecer. As patas dos cavallos faziam repuchar a lama de todos os lados e ranger as pranchas que formam o pavimento das ruas d'Arkhangel.

«Adeus! Cuidado com os lobos! Acautele-se dos salteadores! Adeus, adeus! me gritaram uma duzia de vozes».

Toda a noute, debaixo d'um céu sombrio e sem estrellas, seguimos uma estrada d'uma monotonia entristecedora: pinheiraes á esquerda, pinheiraes á direita, pinheiraes na frente, pinheiraes por toda a parte. Chegamos a uma aldeia, onde acordamos todos os cães vadios; chegamos á barca e atravessamos o rio. As rodas da *tarantasse* guincham, rodando sobre as pedras e sobre a areia, toda uma noute, todo um dia e ainda uma outra noute e um outro dia, embrenhando-nos por entre montões de folhas seccas, que revolteam ao sopro furioso dos tufões d'outono.

Cada dia da nossa viagem assemelha-se exactamente ao dia da vespera. Uma porção de terreno da largura de trinta metros estende-se na nossa frente a perder de vista. Os pinheiros e as betulas parecem-se umas com as outras; as aldeias ainda se assemelham mais do que as arvores. Só a estrada não muda, onde a areia se alterna com os lamaças e a relva com os troncos d'arvores que obstruem o caminho. Em mil *verstes* contam-se cem de estrada atravancada por destroços d'arvores, duzentas de terreno areento, trezentas de relva e quatrocentas de lamaças.

Se a areia é incommoda, os destroços das arvores não o são menos. A primeira noute passei-a com certa exasperação; imagino que a bagagem foi mal arrumada, que de dia se lhe poderá dar uma disposição mais conveniente. A mala reclama imperiosamente uma posição differente. Este movel, que durante o dia me serve de assento e de cama durante a noute, representa um papel importante n'esta habitação. Pouco importava fazer-lhe macia cama de palha e feno, pretender prendel-a com os agasalhos, com as pelles, procurar combinações para o resto da bagagem, nada a podia socegar. A cada salto do vehiculo ella, a terrível mala, levanta-se convulsa e despenha-se sobre mim. Tentamos amarral-a com cordas, mas, baldado empenho, nada a socegava.

Mas, o que soffre e se queixa mais do que a minha mala, são os meus rins e as minhas costas. Não lhes agrada nada, absolutamente nada, o serem dia e noute baloiçados, contundidos, batidos como manteiga pela mão vigorosa d'um aldeão.

Emfim! Hurrah! Eis-me chegado a Kholmogory. Esta formosa aldeia, risonha e gentil, com o seu campanario dourado, as suas veredas bordadas de verdura, as suas casinhas brancas e côr de rosa, apresenta-se graciosamente sobre um rochedo que domina o rio; a seus pés, em todos os sentidos, os barcos dos pescadores sulcam, rapidos, as aguas profundas; ao longe estendem-se, sem fim, planicies d'areia amarella; aqui avista-se uma igreja, acolá um convento brilhante de dourados e de pinturas vivas e variadas; as proprias casas teem um ar d'elegancia pouco vulgar nas cidades da provincia.

De Kholmogory a Kargopol e de Kargopol a Vietegra atravessamos uma região povoada de pequenos casaes e aldeias; não ha um unico agrupamento de casas, que se possa honrar com o titulo de cidade. A estrada segue caprichosamente por aqui e por allí, umas vezes pela margem d'um rio, outras embrenhando-se por densa floresta, mas sempre desenrolando a sua estreita fita no sentido de norte a sul. E nenhum obstaculo a detem: atravessa rios, continúa teimosamente por entre penedias, atravez de charcos, de lamaças, escala cerros, salta por cima de rochedos, mas, sempre imperturbavel, segue a sua directriz.

O cocheiro da *tarantasse*, orgulhoso dos seus tres cavallos, que levava atrelados a troncos, devora o espaço, como se n'uma corrida infernal elle quizesse ter mais velocidade que *Chert*, o Espirito das Trevas. Mas o honrado cocheiro não desenvolve tão grande energia, senão na esperança de que lhe dêem uma chavena de chá; de resto é habito velho, nos cocheiros russos, o levarem os seus cavallos a toda a brida, unicamente pela somma de dez *kopeks*. Todos os dias, de manhã e de tarde, faço estas corridas vertiginosas atravez dos pinheirões, por cima de barrancos.

Em parte alguma vejo fossos, sebes, cancellas, muros, emfim qualquer cousa que me indique que aquelles terrenos pertencem a alguem. Com a rapidez d'uma frecha passamos por deante d'uma fogueira, em volta da qual estavam deitados uma duzia d'homens d'aspecto carregado; cortejam-n'os com mau modo, alguns levantam-se e seguem-n'os com o olhar.

— Que gente é esta, Dimitri? perguntei eu.

— São vagabundos, fugitivos.

— Vagabundos, sim; mas fugitivos! De quem poderão elles fugir n'estas solidões?

— São uns patifes excentricos; tem horror ao trabalho, não querem estar sujeitos a ninguem e não vivem um mez seguido no mesmo lugar. Nos bosques encontra-se d'esta gente por toda a parte. São verdadeiros selvagens, senhor. Ouvirá fallar d'elles em *Kargopol*.

Chegando a esta cidade, situada n'uma das margens do rio *Onega*, no districto de *Olonetz*, com effeito soube que aquelles vadios são tidos como muito perigosos; é uma população detestavel e que indica o estado pouco adiantado do paiz. Está espalhada por uma grande parte do imperio russo; nos districtos de *Yaroslavl*, d'*Arkhangel*, de *Vologda*, de *Novgorod*, de *Kostroma*, de *Perm* ha bandos numerosos d'estes seres insociaes, refractarios a toda a disciplina e que desafiam qualquer repressão. São nomadas. Abandonando a sua terra e as suas casas, tendo em grande desprezo os seus direitos civis, estes aventureiros dizem adeus á sua familia e embrenham-se nas solidões das florestas, tendo por unica habitação as esca-

vações feitas pelas torrentes ou covas abertas no solo; do fundo d'estes antros protestam contra o governo, contra a sociedade, contra a Igreja. Alguns são inoffensivos; passam os dias dormitando e as noites resando; os camponeses voluntariamente os sustentam abundantemente. Comtudo, mesmo n'este caso, quando a resistencia á ordem estabelecida é puramente passiva, é desanimador o verificá-lo, porque representam aspirações que é impossivel satisfazer. Recusam-se a respeitar a auctoridade dos magistrados, a curvarem-se ante o poder do imperador: por leis só reconhecem aquellas sob que vivem; a dominação dos czars é, segundo elles, a obra do demonio; é o Principe das Trevas, que está sentado no throno do Palacio de Inverno e os fidalgos da corte são testemunhas da mentira, são anjos malditos. Por isso elles, os precusores d'um estado novo, fogem d'essa sociedade amaldiçoada, como outr'ora *Abrahão* abandonou a *Chaldêa*.

Este estado de cousas é grave. Estes bandos d'aventureiros são para o imperio não só uma causa d'enfraquecimento, mas ainda tambem um perigo, porque o espirito de revolta, de que estão animados contra o corpo social, é o mais perigoso inimigo de qualquer melhoramento ou reforma politica.

O grande drama, que hoje se representa na *Russia*, liga-se intimamente com a grave questão levantada por estes vadios. Será o aldeão slavo capaz de viver sob o regimen da lei? Se a experiencia decisiva dos factos provar que uma grande parte da população rural compartilha esta paixão pela vida errante — como alguns o desejam e como muitos outros o receiam — a experiencia tentada pelo czar dá um infeliz resultado e a liberdade civil está perdida para seculos.

Os documentos colhidos pelas repartições publicas foram submettidos a uma commissão especial, nomeada pela corôa. Esta commissão que ainda funciona, não poude até agora chegar a qualquer conclusão, a propôr um remedio efficaz para o mal que mina as forças da nação.

(Continúa).

ARREDORES DA GOLLEGÃ

TODA a região, que circunda a Gollegã, tendo impresso o character da provincia, em que está comprehendida, offerece um contraste de paisagem, derivado das propriedades, com que a natureza favoreceu as culturas predominantes: o olivedo e a ceara. Delimitado por a villa, o olivedo

abrange algumas leguas de largura e extensão para o norte e para além da serra de Minde, uma elevada montanha, em cuja base assenta a villa de Torres Novas, encimada por as paredes ennegrecidas de um castello em ruinas.

O campo, situado ao sul da Gollegã, limitado por as serras de Minde, por o Matto de



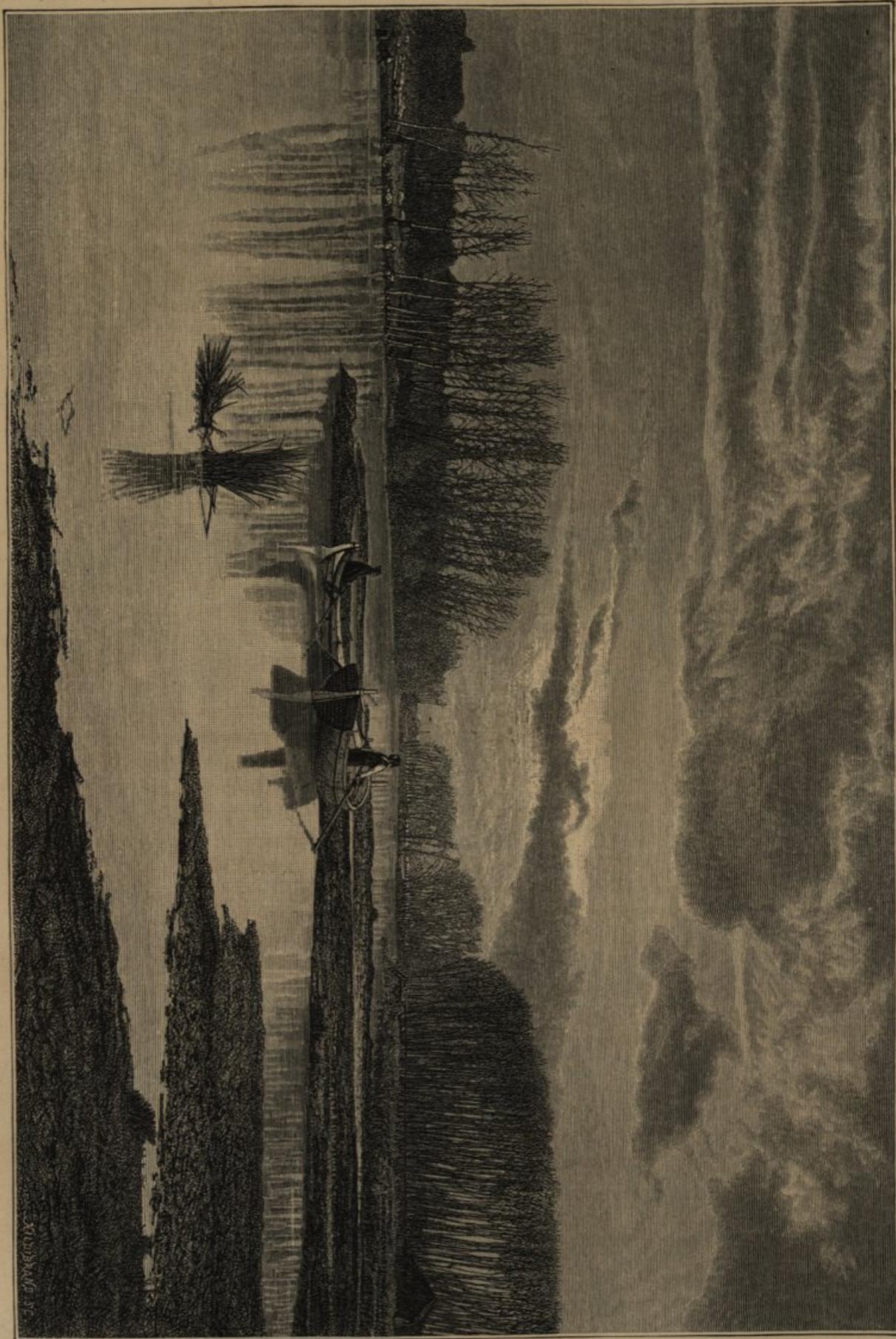
ARREDORES DA GOLLEGÃ — Segundo uma primorosa photographia de mademoiselle Marguerite Relvas

Miranda, por o rio Almonda e por o Tejo, abrange uma immensa área, fecunda e notavelmente formosa. O nivel, que occupa em relação ao Tejo, favorece a invasão das aguas na estação invernosa, quando o rio vem regorgitando, com a abundancia que deve aos seus confluents e ás neves liquefeitas das serras de S. Philippe e da Estrella.

Se o aspecto viçoso dos pastos e do primeiro desenvolvimento dos cereaes imprime

á paisagem um tom suave, um colorido sympathico ao artista, é difficil dizer que belleza é a do mesmo campo, inundado, formando um lago extenso e, direi mesmo, phantastico. De espaço a espaço, sem que se patenteie a terra em que vegeta, vê-se um grupo d'árvores, destacando os seus ramos, despidos da folha, as suas hastes enredadas, no meio de um lago sereno, de um mar tranquillo. Mas nem sempre essa tranquillidade

THE UNIVERSITY OF CHICAGO LIBRARY



ARREDORES DA GOLLEGÃ — Segundo uma primorosa photographia de mademoiselle Marguerite Rolvas

acompanha a forma ephemera, que então reveste o campo; ha momentos em que a invasão das aguas é tão violenta, tão assoladora, que o lago toma o aspecto d'um mar revolto, d'oceano encapellado. E' frequente haver depois a lamentar algum desastre, por a deslocação de terras e alluvião d'areias. Bem presentes vivem ainda na memoria do povo da Gollegã os temporaes de 1876, que, derribando os pontões de vedação das aguas do Tejo, aluiram com correntes impetuosas e com vagas d'areia algumas obras d'arte, revolvendo as terras com violencia tão poderosa, que, succedidos dias mais bonançosos, ficaram contastados desastres quasi irreparaveis.

Aqui véem a propósito das considerações, da maior utilidade para os interesses d'esta região do Ribatejo; a experiencia dos ultimos annos tem demonstrado com uma verdade irrecusavel que a construcção do pontão do campo, sito entre a extremidade léste da villa e o Tejo, é não só inutil para vedação das grandes cheias, mas contraria ao desenvolvimento dos productos agricolas. As condições naturaes, a que estava sujeita a prosperidade dos campos da Gollegã anteriormente ao edificio de vedação, permittiam uma invasão, que, a despeito da falta de plantações nas margens do Tejo, não prejudicava os terrenos, e consentiam ainda pela lentidão, com que escoavam as aguas, o deposito na terra dos residuos favoraveis á sua alimentação. Estes depositos não eram completos por a ausencia das plantações marginaes. As correntes, augmentadas, tornadas por o systema actual de vedação violentissimas, quando os obstaculos são insufficientes para evitar que irrompam para o campo, teem a consideravel desvantagem de não consentirem a deposição do que, na linguagem popular, se chama o *nateiro*, que constituiram e constituem na actualidade, ainda que imperfeitamente, uma riqueza economica para todos os proprietarios.

O systema, que concorreria mais logicamente para o aproveitamento d'esta riqueza natural, não é, a meu vêr, a construcção de muros de vedação, quando muito favoraveis aos terrenos que medeiam entre os pontões.

A plantação de grupos de salgueiros (*marrachas*) marginaes do Tejo, plantação feita em larga escala, resolvia melhor o problema,

de cuja solução depende o futuro da agricultura nos campos da Gollegã.

Se as corporações, a cuja direcção estão entregues os problemas da nossa vida agricola, persistirem em votar uma condemnavel negligencia ás instantes reclamações que o passado tem erguido, o paiz terá a lamentar a inutilisação de uma consideravel extensão de terrenos, perdidos por a ausencia de sollicitudes, que cumpria desenvolver.

Temos no paiz abundantes riquezas naturaes, esterilizadas por desleixo, que, já tão repetido, póde ser considerado por estrangeiros como uma linha saliente do nosso caracter.

E' tempo ainda de remediar erros do passado, fazendo convergir sollicitas atenções para a resolução dos problemas, de que estão dependentes os interesses da classe agricola.

O campo da Gollegã tem uma configuração favoravel a um emprehendimento de largo horisonte; duas quartas partes dos seus limites são banhadas por os rios Tejo e Almonda, e a sua natural disposição facilitaria a irrigação de todo o campo, permittindo o desenvolvimento d'uma industria, a agricultura, cujas vantagens são de facil intuição.

O que actualmente existe, forçoso é regressar a este desengano, aproxima consideravelmente os povos da Gollegã, e suas cercanias, dos agricoltos de remotas civilizações. Pondo de parte os processos de cultura rudimentares em relação ao seu desenvolvimento n'outros paizes, nós estamos ainda em face da natureza como os povos antigos: se as estações succedem na maxima regularidade, os terrenos produzem e patenteiam uma exuberancia de força, que incita o agricultor, mais tarde entregue á desolação pelo abandono com que a natureza o lança nos braços da miseria.

Não terminarei este quadro por alguma forma lutuoso, sem prestar homenagem á intelligencia com que nos arredores da Gollegã é cultivada a oliveira, e ao infatigavel labor com que a actividade d'este povo tem conseguido elevar a sua reputação por forma que alguns dos seus productos estão merecendo os melhores galardões que podem ambicionar: a concurrencia nos mercados e as recompensas nas exposições industriaes. Ainda mais é para encarecer este resultado

o reconhecer-se a agricultura em desvalimento.

A afirmação mais vital e mais popular do meio agrícola da Gollegã reside no campino, o typo de uma classe, sómente representada no Ribatejo. O campino é o producto logico, fatal do seu meio, é um reflexo activo de todos os elementos que o cercam. Póde dizer-se que no campino está a individualisação completa, irrecusavel de todos os factores que concorrem na vida agrícola, como ella decorre nas circumvisinhanças da Gollegã. O seu caracter principal, a linha frizante que o distancia do typo de qualquer outra classe, é uma bravura indomita, um heroismo que se aproxima por momentos, da loucura. O trato habitual com animaes bravos, os touros, tem-o amoldado á resistencia a uma força inconsciente, cega, e tão grande tem sido o poder da lucta, que o campino em conflicto com os companheiros, ou com homens affeitos a energicos exercicios musculares, toma um aspecto novo na lucta do homem com o homem.

É selvagem; n'esses momentos todo o poder do trato domestico, toda a influencia da civilisação local desaparece, e o que se manifesta aos olhos do espectador, é o homem com todos os recursos de uma força gigante, avultada, engrandecida por o habito da lucta. Se todo esse apparatus se desenvolve em proveito do seu amo, a energia, a bravura e a victoria aproximam o campino d'um heroe. Em taes condições relembra o legendario cavalleiro arabe, de que porventura será um remoto vestigio.

Nos habitos pacificos, a responsabilidade de que o investem a vigia das plantações e a integridade dos bens que lhe é confiada, imprime-lhe uma prudencia vigilante e sensata. Tão possuido está da sua missão que é sobrio no gesto e na palavra. Se o habito da lucta desenvolve em momentos d'ira um impetuoso ataque, a profusão de gritos, um descomposto gigante de movimentos, ao revez, na pratica da obrigação que lhe incumbe, é prazenteiro, é cortez, é humilde. O uso, raramente o abuso, de bebidas alcoolicas é justificado por impreteriveis necessidades phisicas.

Assim considerado nas linhas caracteristicas da sua classe, o campino realiza na convicção popular um modelo de bondade na fa-

milia, de perseverança no trabalho, de humildade e dedicação para o seu amo.

Como resultante da sua actividade phisica, dos seus habitos de lucta, o campino apresenta um desenvolvimento muscular que, se muito o auxilia nos trabalhos que tem de desempenhar nas longas e fatigantes corridas a cavallo, não menos concorre para avultar em plastica harmonia as fórmulas exteriores do seu organismo.

Uma das gravuras hoje publicadas por este jornal apresenta-o, guiando uns bois na passagem de uma alverca, situada á beira da Gollegã e no começo do campo. A outra gravura reproduz uma paizagem da mesma alverca. São copiadas de photographias a que a empreza quiz prestar gentil homenagem, fazendo-as reproduzir por Hildibrand, um dos mais conceituados gravadores da França.

As margens d'esta alverca estão revestidas de choupos, salgueiros e eucalyptus, que formam pequenos quadros encantadores, umas adoraveis miniaturas. Todo o desenvolvimento de arborisação de que ellas téem sido alvo, é devido á iniciativa municipal, que reconheceu a prejudicialissima acção das aguas estagnadas sobre a população, e tratou de remediar o prejuizo. A actividade desenvolvida n'este sentido, a completa reforma dos arruamentos da villa e a extincção d'alguns pantanos, téem operado uma sensivel modificação nas condições hygienicas da localidade.

Ainda quando a alverca desenvolvia livremente os seus miasmas, um lavrador¹, cujo

¹ Permitta-nos José Relvas, o companheiro dilecto dos nossos trabalhos academicos e o amigo dedicado de sempre, que commettamos a indiscrição de tornar conhecido o nome do homem que, tendo nascido pobre, simplesmente com a energia dos caracteres honrados e com uma privilegiada intelligencia sã, adquiriu para o seu nome o respeito e a veneração que só os homens, que bem desempenharam uma missão n'este mundo, alcançam.

José Farinha Relvas de Campos, avô paterno do auctor d'este artigo, com o seu incessante trabalhar conquistou para si uma fortuna; mas, muito mais do que para si, trabalhou para a sua patria, dando á agricultura do paiz serviços, que só dispensam os ricos de talento e de sentimentos bons.

Agora que já não ha terras d'infieis, onde se vão conquistar brazões, mutilando o semelhante, é bom, para exemplo, evidenciar estes homens, que se nobilitaram com o trabalho digno e que deixaram aos seus descendentes um nome aureolado pelos serviços relevantes, prestados aos seus concidadãos.

nome é respeitado na Gollegã por as tradições que o circundam, um homem que até á velhice fez do trabalho a lei da sua vida e que sempre usou de uma incansavel actividade em proveito da sua familia e dos seus concidadãos, esse homem, que representa na agricultura portugueza um padrão de gloria para ella, quiz tomar a iniciativa de um melhoramento, cujo alcance era consideravel: a extincção das alvercas do campo, fronteiras á villa. Este projecto denuncia uma intelligencia clara, uma previsão lucida das necessidades economicas futuras do campo.

Acceitando a difficuldade de uma empreza já grandiosa, pretendia evitar a ligação d'essas alvercas, cuja terminação exigiria um avultado capital e uma inicialiva poderosa.

Mais de vinte annos são decorridos depois que o problema foi formulado; o receio actual da realização d'aquella suspeita está fazendo justiça á intelligencia e previsão d'esse homem, dotado de raras aptidões. Hoje, porém, cumpre estudar este facto, resolvendo-o por utilisção do que existe, applicando o capital na abertura de vallas, que communicassem as alvercas com o Tejo e com o Almonda, transformando uma causa anti-hygienica em fonte de riquezas e manancial de beneficiós. Dar-se-hia por esta fórma solução a duas reclamações populares, egualmente instantes: a sua economia e a sua hygiene.

Gollegã, 4 de fevereiro.

JOSÉ RELVAS.

CRUZEIROS NA COSTA D'AFRICA

(Continuado do numero antecedente)

O REI dos Peuls possui bois brancos, que enchem de inveja El Kebir; nunca os exploradores d'este poderam illudir a vigilancia dos pastores peuls.

A expedição deixou o campo: os cavallos do deserto, de ventas fumegantes, vôam. Biram Gorour acautela-te, guarda bem os teus rebanhos! Samba partiu! Mas Samba não é um ladrão; o filho de Galadeghi, filho d'El-toli, o descendente de Denia, não se esconde para ferir, bate-se, corpo a corpo, em campo raso, como seus paes.

Os Mouros, os covardes, rodearam os rebanhos; já tocam alguns bois para o campo d'El Kebir.

Samba, esse envia ao rei dos Peuls negros um cartel e espera-o no logar designado. Samba partiu! Biram Gorour, montado n'um cavallo branco, apparece á frente do seu exercito: Samba lança-o a terra com um golpe. Samba mostra-lhe os dois companheiros, que com elle fizeram frente ao exercito; Biram Gorour confessa-se vencido e dá metade do seu rebanho a Samba, que o ajuda a montar. Samba partiu! Os mouros chegam ao campo d'El Kebir sem despojos; accusam Samba de traição.

«Morte ao traidor! disse El Kebir; que seja lançado ás hyenas esfaimadas! Samba partiu!»

As filhas d'El Kebir ouviram a sentença do rei; uma d'ellas propõe ás irmãs o salvar Samba, que as livrou do tributo de sangue que ellas pagavam a Madardidalo.

As filhas do rei agarram pelas crinas os cavallos que passeavam em liberdade; voam em busca de Samba. Samba partiu!

Os bois brancos de Biram Gorour estão em volta da *tata*¹ do rei; no ar resoam gritos d'alegria. Samba, os seus dois companheiros e o seu cão tornaram a levar os bois. Samba partiu! Ewe e suas irmãs seguem-n'o «Detende-vos, exclama El Kebir, filhas ingratas, filhas imprudentes, esperanza de Ouled Khomir. Volta, Samba, torna a trazer as filhas do deserto, que seguiram a tua lança.»

Samba voltou para a *tata*; as filhas do deserto continuaram a cercal-o; El Kebir, emfim, pensa em cumprir as suas promessas.

Os guerreiros foram convocados para a guerra; deante de El Kebir são collocados sete immensos troncos d'arvores. Logo que as patas dos cavallos tiverem esmagado os troncos das arvores será então sufficientemente numeroso o exercito de Samba. A descripção do desfilar é feita em termos pomposos. «Parte!» disse El Kebir.

¹ Tata significa campo entrincheirado.

Samba dirige-se para Ouandi, a fim de procurar sua mãe e suas irmãs. Uma mendiga, velha, apresenta-se ante elle: «O' infeliz mulher, não te posso socorrer; vou procurar minha mãe»; e deu um empurrão na ve-

lha. «Samba partiu!» — «Por Deus misericordioso, Samba, carne da minha carne, osso do meu osso! Samba, esqueceste tu tua mãe e estou eu tão transformada, que te faça horror?» Samba reconheceu a esposa preferida



GUÉDÉ — Desenho de A. Bar, segundo uma photographia

por Gualadeghi; «Mãe, perdôa; mãe, serás vingada!» As pirogas transportam os guerreiros para a margem esquerda do rio; a *tata*

é levada d'assalto; ao *Touka* esmigalharam-lhe os ossos com um golpe de maça; os seus filhos foram mortos; Samba mette no seu ha-



N'DIOUM — Desenho de A. Bar, segundo uma photographia.

rem as mulheres d'elle; a mãe do heroe governa Ouandi.

Grande e nobre é a cidade usurpada por Abou Moussa. Um cão magro, de ar feroz, apparece no largo em que Abou Moussa faz justiça. «Será um principe, será um rei que tomou esta fórma? exclamou ao vêr aquelle cão; que o tratem com bondade!»

O rei retira-se para os seus alojamentos. A noite estendeu os seus negros véos por cima do deserto; os gritos das hyenas, o rugir do leão avisam o homem de que está rodeado d'inimigos. Um cão, tendo nos dentes um sacco de coiro, apparece junto do divan em que Abou Moussa repousa; já não tem duvidas: é o mesmo cão que viu de tarde.

O cão desaparece e em seu lugar apparece Samba irritado, que lhe mostra o corno d'ouro de Kholi, que elle acaba de reconquistar.

Vozes humanas se ouvem na floresta: Para o dia seguinte a vingança! O exercito de Samba surprehende a população adormecida; os *tamtams* tocam; a lucta é terrivel.

Samba escala a *tata*, penetra na vivenda

d'Abou Moussa. Um duello terrivel, em resultado do qual Abou Moussa succumbe, entrega a cidade a Samba; o tyranno jaz sem vida. Anjo da morte, apodera-te da tua preza, conduz sua alma para o logar em que Israfil tocará a sua trombeta fatal.

(Continúa).

EXPLORAÇÕES GEOLOGICAS E MINEIRAS NAS COLONIAS PORTUGUEZAS

(Conclusão)

No districto de Golungo, durante o governo de D. Francisco de Sousa Coutinho, entre os annos de 1764 e 1772, levantou-se a fabrica de ferro de Oeiras, que parece ter sido construida em boas condições.

Em 1820 o governador Tovar enviava como amostra para o Brazil 34 tinas de petroleo.

Em 1839 quiz-se tentar de novo a fabricação de ferro em Oeiras e muito modernamente deu-se começo á exploração das minas de cobre do Bembe.

Hoje é que tudo se encontra em abandono completo.

Lopes de Lima, nos seus *Ensaio sobre a estatistica das possessões portuguezas no Ultramar*, dando uma curta noticia da riqueza mineral de Angola refere:

«As minas de sal gemma de Quissama, na margem esquerda do Quanza.

«As minas de enxofre no Dombe Grande, em Benguella.

«As minas de cobre de Encoge e Bailundo, em Benguella.

«As minas de cobre nas montanhas de Pemba, na margem direita do Ambriz.

«As minas de Sumba-Ambale, nas margens do rio Cubo e a 5 leguas acima da sua foz.

«O salitre das terras de Golungo Alto.

«As fontes de petroleo de Dande, nos morros de Libongo.

«As minas de carvão de pedra, na foz do Dande.

Na Secção do Museu colonial que figurou

na «Exposição Universal de Philadelphia» vi e observei amostras dos seguintes minerios:

Ferro magnetico — de Gambos.

Ferro oligisto — de Mossamedes.

Cobre nativo — de Ambaca, Novo Redondo e Mossamedes.

Malachite — de Bembe, e Mossamedes.

Carvão de pedra — de Mossamedes.

Enxofre — de Benguella.

Sal-gemma — de Benguella; Mossamedes; Quissama; e Golungo Alto.

Viam-se alli tambem os productos metalurgicos da industria do negro, representados por lingotes, barras, chapas e folhas de ferro, procedentes de Benguella, Casengo e Mossamedes; e lingotes de cobre, procedentes de Casengo, Mossamedes, e Bembe.

A' amabilidade dos directores da *Companhia das minas do Dombe Grande* devo eu um as amostras do enxofre, que aquella Companhia se propõe explorar, e bem assim algumas amostras de carbonato de cobre, e cobre metallico, producto metallurgico obtido pelos indigenas.¹

Devo fazer notar que o cobre nativo de Angola, tem um *facies* particular muito semelhante ao do cobre nativo do Lago Superior.

Nas minas de cobre de Portugal, como n'um grande numero de minas da mesma natureza na Europa, encontra-se algumas vezes o *cobre nativo*, mas apenas como mine-

¹ Estas amostras foram expostas na Sociedade de Geographia na noite da conferencia.

rio accidental, em fórma de pequenas laminas ou filamentos; nos jazigos do Lago Superior o *cobre nativo* é o minerio normal, e tem uma structura compacta e em massa de caracter particular.

São muito notaveis as *malachites* do Bembé, — compactas, adquirindo um bello polido, com o aspecto e as qualidades das famosas malachites russas do Ural, e podendo talvez, como ellas, ter um grande valor nas artes de ornamentação. Uma pequena mesa com uma pedra de malachite russa de um diametro de 30 a 60 centímetros vendia-se na Exposição de Philadelphia pelo preço de 400 a 500\$000 réis. E' claro que um minerio d'esta natureza supporta grandes despezas de transporte, mesmo ás costas do negro, podendo dar ainda lucros importantes.

Diz-se que em Benguella não longe da costa ha uma grande quantidade de *enxofre*. Ahí está outro minerio, cuja lavra poderia offerer grandes vantagens para uma empreza.

Conheço grande porção de amostras vindas de lá e muito boas.

A descoberta de uma bacia carbonifera em boas condições de lavra seria por certo uma excellente garantia para o futuro desenvolvimento da provincia de Angola.

Mas de que valem amostras quando se desconhecem as condições do jazigo para poder julgar-se do seu valor industrial?

Não ha ruim mina que não tenha uma amostra boa, dizem os mineiros; e isto significa que não é por taes indicios apenas que se póde julgar da importancia de um deposito mineral.

Mas se as amostras são ricas tanta mais razão para que se observem e se estudem os jazigos d'onde proveem.

As explorações geologicas dos nossos territorios d'Africa, são não só uma necessidade de primeira ordem, mas condição indispensavel, imprescindivel para o seu desenvolvimento agricola e industrial.

Sem o conhecimento dos recursos do solo colonial, nem póde haver um systema racional de administração, nem uma corrente natural de colonisação, nem emigração facil de capital, nem progresso economico sensivel.

Assim o entenderam todas as nações que, senhoras de extensos territorios deshabitados e desaproveitados, tratam a sério de os valorisar e utilizar.

A industria mineira, que foi o motivo determinante da rapida colonisação dos novos Estados da União Americana, do continente Australiano, das republicas hespanholas da America do Sul, e do imperio do Brazil; que foi o movel principal da nossa actividade conquistadora em Africa nos seculos xvi e xvii, seria ainda hoje a mais forte alavanca para uma rapida transformação economica e social dos nossos dominios d'Africa.

E' indubitavel que a descoberta de uma ou mais regiões mineiras productivas e ricas, poderia exercer sobre os capitaes uma attracção, que nenhuma outra industria é capaz de despertar.

Posto isto, indicaremos a largos traços o modo como entendemos que deve proceder-se na exploração geologica dos nossos territorios d'Africa.

Sendo a provincia d'Angola aquella em que o reconhecimento geographico está mais completo, o primeiro reconhecimento geologico devera fazer-se n'esta provincia.

Terá por fim:

— Estudar as condições economicas das principaes regiões mineiras, indicando-se os meios practicos de as explorar e valorisar.

— Determinar nos territorios do estado as zonas geologicas susceptiveis de melhor aproveitamento agricola.

— Proceder de um modo geral ao estudo dos recursos do solo para o desenvolvimento das industrias extractivas.

Na execução d'este trabalho serão sempre um magnifico modelo a seguir as *Explorações geographicas e geologicas dos Territorios dos Estados Unidos*, executadas sob a intelligente direcção do sabio geologo americano o dr. Havden.

Do relatorio geral d'esta exploração devera fazer-se um resumo, indicando os resultados uteis a que se tiver chegado, tanto sob o ponto de vista mineiro como agricola, formando um pequeno livro para ser traduzido em francez, inglez e allemão, e distribuido por via dos nossos consules em todos os paizes. Esse livro, especie do *Guia do emigrante*, será um poderoso elemento de propaganda para a colonisação.

E' este o primeiro passo a dar; mais tarde será necessario proceder á medição dos terrenos do estado, promulgar uma lei geral de venda e aforamento de terrenos nas nossas colonias, e entregar a direcção do serviço de colonisação a uma repartição especial, que dê aos emigrantes todas as informações de que careçam, e administre especialmente os terrenos baldios das nossas possessões ultramarinas.

E' absolutamente necessario que as informações dadas pela exploração sejam de uma authenticidade incontestavel, sobre tudo no que respeita ás condições dos jazigos mineiros já conhecidos ou que venham a descobrir-se, e forem estudados.

Seria na verdade lamentavel que uma indicação menos exacta e reflectida arrastasse para um desastre certo os primeiros capitaes que se arriscassem a tentar uma empresa mineira, pois que d'ahi resultaria uma desconfiança, que só o decorrer de muito tempo seria capaz de apagar, e produziria assim antes um mal do que um bem.

Os funcionarios ao serviço do *Land Office* dos Estados-Unidos, que têm a seu cargo medir os terrenos e dar sobre elles certa ordem de informações, são obrigados a prestar juramento solemne em como executarão o trabalho que lhes é commettido com toda a exactidão e o melhor que é possivel segundo as suas habilitações. E um acto do *Congresso* determina que seja perseguido pelo crime de perjurio todo o funcionario que por má fé ou negligencia tenha errado, sofrendo todas as penas e multas correspondentes áquella offensa. Esta disposição é, além de justa, extremamente conveniente e salutar porque imprime credito ás informações emanadas d'aquella repartição; facilmente applicavel em questões de facto, não poderia de certo ter equal applicação em objectos de apreciação scientifica; citamol-a, comtudo, para pôr bem em relevo a minha idéa de que as informações obtidas sobre os recursos das regiões exploradas devem ter um grande cunho de exactidão e de verdade, para que possam ser um elemento positivo do desenvolvimento das nossas colonias; mais tarde, porém, quando haja de proceder-se á medição dos terrenos da corôa, entendemos que aquella disposição deve ser posta em pleno vigor entre nós.

Falla-se muito das riquezas mineiras de Africa e eu conheço com effeito muitas amostras que provam a existencia de jazigos metalliferos. E' necessario porém estudal-os para que se saiba quaes são as suas condições economicas e quaes as garantias que elles podem offerecer; sem isso, estou convencido que ninguem arriscará os seus capitaes em taes emprezas.

O reconhecimento geologico resolverá definitivamente a questão. Se a existencia d'essas riquezas fôr comprovada de um modo bem seguro, as despezas occasionadas por um tal serviço serão largamente compensadas pelo desenvolvimento industrial que necessariamente deve promover.

Mas dada mesmo a hypothese de não poder constatar-se a existencia de jazigos metalliferos em condições uteis, ficaria sempre o reconhecimento geologico-agricola, como elemento indispensavel para os progressos da agricultura das nossas colonias, e, além d'isso, uma somma importante de dados e informações de grande valor pratico para a criação e desenvolvimento de muitas industrias que tiram da terra as suas materias primas.

Julgamos sufficiente o que deixamos dito para demonstrar a necessidade de se mandar proceder á exploração geologica e mineira dos nossos dominios d'África.

Para demonstrar a sua urgencia bastará dizer que nada havemos feito ainda n'este sentido; e sendo de primeira intuição que só um justo amor de lucro pôde levar ás nossas possessões do Ultramar os capitaes necessarios para explorar as suas riquezas, assim como os colonos que os devem administrar, torna-se absolutamente indispensavel para isso que o capitalista e o colono saibam primeiro que tudo para onde devem dirigir a sua attenção e como podem applicar mais productivamente o seu dinheiro e a sua actividade.

Parece-nos, além d'isso, pouco prudente continuar a traçar estradas e caminhos de ferro no interior dos nossos vastos territorios de Africa, sem que um estudo prévio dos recursos industriaes e agricolas das suas differentes regiões forneça o criterio para a melhor escolha dos traçados a seguir, e sobre tudo para a preferencia na execução das diversas obras.

LOURENÇO MALHEIRO.

PELO MUNDO

EUROPA

Uma nova crise politica, que lançou por terra o gabinete progressista, presidido pelo snr. Braamcamp, deu lugar a que subisse ao poder um ministerio regenerador, presidido pelo snr. Antonio Rodrigues Sampaio.

Dos factos politicos, que motivaram a mudança ministerial, não nos é dado inquerir n'este periodico e, se mencionamos este caso de vida constitucional, é apenas para levarmos ao conhecimento dos nossos leitores que um novo ministro da marinha e ultramar vae gerir esta pasta importantissima, se não hoje a mais importante na difficil tarefa d'administrar o nosso paiz.

Chama-se Julio Marques de Vilhena o novo ministro que tem de velar pelo nosso patrimonio colonial. Se uma extraordinaria intelligencia cultivada por assiduo estudo, um grande amor pela sua patria e uma louvavel ambição de gloria são garantias sufficientes para que o novo ministro esparja sobre os nossos dominios d'além-mar os bens que elles urgentemente reclamam, sem duvida Julio de Vilhena dará ás colonias a vida que lhes falta e, na sua gerencia, se cobrirá de gloria e ao paiz de beneficios.

— Do jornal *L'Exploration* transcrevemos a seguinte noticia, que deve ser extremamente agradável para os portuguezes.

Serpa Pinto, o intrepido explorador portuguez, que atravessou a Africa equatorial em toda a sua largura, da costa da Guiné á costa de Moçambique, está ha pouco tempo em Londres, com o fim d'assistir á publicação da narrativa das suas ultimas viagens: mas os trabalhos da revisão do seu livro tem estado demorados pelo mau estado da sua saude. Com effeito o benemerito viajante tem soffrido novamente das dôres, que ao voltar d'África o atormentaram e que o obrigaram, ha um anno, a trocar o seu viver em Lisboa pelo viver no campo.

Felizmente, segundo recentes noticias, o snr. Serpa Pinto passa actualmente melhor de saude e espera terminar a impressão do seu livro, que muito proximo será posto á venda.

— As ultimas noticias de Lourenço Malheiro, o engenheiro explorador, que vae em viagem para a Africa, são de S. Vicente. O nosso illustre amigo continuava gosando excellente saude.

— Os jornaes de Vienna e de Lemberg tem annuciado que nas cercanias de Kolomea, em Slobodka Rungurska, isto é n'uma região, onde até aqui nenhum indício de petroleo tinha apparecido, se descobriram ricas nascentes, que produzem diariamente uma grande quantidade d'este oleo. Affirma-se mesmo que a produção é extraordinaria e difficilmente se pôde fazer ideia da immensa riqueza que isto representa.

N'aquella localidade não só se encontrou o petroleo, mas tambem immensas camadas de *erdwachs* (cêra vegetal). Até aqui só se conheciam d'estas camadas em dous logares da Galicia, em Boryslaw e em Stazania; todavia, parece que as camadas agora descobertas são muito mais ricas.

As novas nascentes de petroleo são as mais importantes que se tem descoberto na Galicia: produzem de 500 a 600 pipas por dia e mais dariam, se se podesse colher todo o oleo que rebenta da terra: mas não ha pipas, posto que as tancoarias trabalhem noute e dia.

ASIA

M. Leão Cahun, que o anno passado partira para a Asia encarregado d'uma missão pelo ministerio d'instrução publica francez, acaba de regressar com sua esposa, que o acompanhou em toda a viagem. O viajante pôde explorar logares pouco conhecidos da Mesopotamia do norte e descobrir um grande numero de minas. Entre as mais interessantes encontram-se as de uma fabrica de louça estabelecida em Rakka no anno 1108 pelo sultão Mahmoud-Abon-Al-Kacim, ruínas parthos descobertas em Djaber e uma cidade romana absolutamente intacta em Ressafta, a antiga Sergiopolis, entre Palmyra e o Euphrates.

O viajante encontrou o melhor acolhimento entre os turbulentos e os temidos Arabes da tribu dos Anezek, na dos Chammar e mesmo entre o Kurdos Chekhanlu.

AFRICA

Recentemente noticiamos aqui a doença do tenente Alberto de Leu, que falleceu em Taborah em consequencia d'uma grande dysenteria e hoje vamos dar algumas noticias a respeito da causa d'essa enfermidade, dos seus desastrados effeitos e do malogrado explorador.

Alberto de Leu fazia parte da ultima expedição d'officiaes belgas, enviada á Africa central sob o commando de M. M. Ramackers e Bekers. Estes dois ultimos tinham sabido de Taborah com o capitão Popelin para irem ao lago Tanganika, deixando Alberto de Leu, já doente, em Taborah. Segundo o que agora se affirma foi bebendo agua estagnada que o joven official d'artilheria alcançou a enfermidade, que lhe deu a morte. Em Africa, durante os mezes de secca, muitas vezes os exploradores apenas tem para beber as aguas dos pantanos, causa das mais graves enfermidades. Alberto de Leu tinha apenas trinta annos. Era um valente soldado, um bom camarada que tinha deixado na Belgica, principalmente em Liège, grandes sympathias e pertencia a uma familia considerada de Gand.

É mais uma victima a acrescentar na lista, já infelizmente grande, dos mortos nas expedições africanas.

— O tenente-coronel Van deu Bogaert, que fôra com uma missão enviado ao Congo junto de Stanley, está já de volta na Belgica. Chegou a Lisboa no dia 5 de março.

Era curioso e importante saber se Stanley já deixou Vivi, se principiou a passar as cataratas e a fazer reconhecimentos no grande rio. Talvez que um dia nos cheguem ao nosso conhecimento informações completas a respeito dos intuitos, tão mysteriosos até hoje, d'esta expedição.

Cartas de Zanzibar datadas do dia 5 de fevereiro, diz o *Times*, annunciam que Stanley continúa a occupar-se da criação d'um serviço de vapores no Congo superior e da abertura d'uma estrada para além das quedas do Yeuala, de maneira que seja possível alcançar a parte navegavel d'este rio.

O celebre explorador foi encarregado pela Companhia commercial belga, da qual o rei dos Belgas é o principal accionista, de contractar em Zanzibar, por muitos annos, trabalhadores indigenas, que serão empregados no Congo.

Setenta e dous arabes embarcaram já em Zanzibar para o Cabo, d'onde um navio os transportará á embocadura do rio. Vae-se estabelecer em Manyema um a feitoria, onde o commercio de marfim, até agora dirigido para o lado de Zanzibar, será desviado para a costa occidental.

— Uma carta de Loanda dá-nos a noticia de ter partido para S. Salvador do Congo uma missão portugueza, composta de tres missionarios e dois officiaes, um do exercito e outro da marinha, acompanhados por alguns trabalhadores.

Esta missão tem por fim a restauração da igreja de S. Salvador, que está em ruinas, a fundação d'uma escola e a organização d'uma vasta propagação civilisadora.

AMERICA

M. Page, representante do Estado da California no congresso de Washington, apresentou áquelle parlamento a seguinte proposta, assim fundamentada:

«Considerando que Christovão Colombo descobriu a America a 12 d'outubro, anno *Domini* 1492, e considerando que é justo que um tal acontecimento seja perpetuado por um reconhecimento condigno no seu anniversario, proponho que o senado e a camara dos representantes dos Estados-Unidos, reunidos em Congresso, resolvam emendar os *statuts* do Estado de Colombia de fórma que o dia 12 d'outubro seja considerado dia de gala para este Estado».

Para explicar a redacção d'esta proposta, é conveniente observar que o congresso federal não pôde constitucionalmente decretar um dia de gala geral para toda a republica: n'este assumpto só tem poder de legislar para o Estado de Colombia: mas comprehendendo-se que, dado o exemplo pelo Estado da capital nacional, os corpos legislativos dos diversos Estados lhe seguirão o exemplo e que o dia 12 d'outubro será um dia de gala para a Confederação.

Lisboa, 25 de março de 1881.

A. L.

A RUSSIA LIVRE

(Continuado do numero antecedente)



ALDEIAS e aldeias continuam a desfilar ante mim.

As cabanas russas são todas construídas segundo um plano uniforme; quem viu uma, viu milhares; quem viu duas, viu-as todas. Pouco importa que o espécimen seja grande ou pequeno, feito de madeira ou de terra, escondido n'uma floresta ou edificado n'um esteppe; as disposições e o aspecto d'um grupo de casas são as disposições e o aspecto de todos os grupos. Na realidade ha só duas especies de habitações: as da Grande Russia, cujo typo mais completo se encontra nos arredores de Moscou, e as da Pequena Russia, cujos modelos se encontram nas cercanias de Kiev.

Os grupos d'habitações da Grande Russia compõem-se de duas fileiras de cabanas, separadas umas das outras por uma rua larga e porca. As casas são isoladas. Uma aldeia algumas vezes não tem mais do que dez casas; muitas vezes tem sessenta, oitenta e mesmo cem. Feitas de troncos de pinheiros absolutamente semelhantes, talhados da mesma fórma e unidos entre si pelo mesmo modo, todas as casas são eguaes, salvo as dimensões. A cabana do Ancião distingue-se pelas suas proporções mais vastas ou, antes, menos apertadas que as das outras; depois d'esta, em tamanho, segue-se a do taberneiro. Quatro muros grosseiros com portas e janellas; um rez do chão e um andar, eis a sua apparencia exterior. Interiormente o primeiro pavimento tem por soalho o chão, por tecto traves de pinho. A pintura é um luxo desconhecido e os troncos, que formam a fachada do edificio, depressa se tornam negros pela acção das chuvas e do fumo.

O intervallo que separa, uma d'outra, cada casa, não é coberto: é um chiqueiro nauseante, onde os porcos fossam com grunhidos de delicia e onde os cães se mordem uns aos outros, ladram e uivam lugubrememente. Excepcionalmente algumas casas mostram com orgulho uma varanda, um curral e mesmo um segundo andar.

Perto da aldeia está uma capella, igual-

mente feita de madeira, mas soalhada e com alguns vestigios de pintura e ás vezes mesmo com dourados. Os muros são caiados, o tecto pintado de verde e, se a communa tem algum habitante rico, este mostra ordinariamente o seu zelo e a sua orthodoxia, mandando dourar a cruz do templo.

Por de traz d'estas cabanas de triste aspecto estendem-se os campos de mais triste aspecto ainda, que os seus habitantes agriculturam. São planos, sem accidentação de terreno, sem mêdas de palha, sem pomares, sem tudo aquillo que traz á lembrança o *home*, o suave lar domestico.

Na Pequena Russia, isto é: nas velhas provincias polacas do sul e do oeste, as aldeias apresentam outros caracteres. Em vez dos troncos de pinheiro, ennegrecidos, vêem-se as paredes alegremente pintadas de branco e verde; em lugar de filas de casas regulares, monotonas, ha grupos de cabanas á sombra d'arvoredos. As habitações aqui são feitas d'adobos e cannas, os tectos cobertos de colmo, os muros caiados. Um muro formado de cannas e de silvas limita a aldeia. Todas as casas são muito pequenas, mas cada uma está situada entre um pateo e um jardim, que a ella só pertence. Na aldeia não ha ruas: unicamente ha duas aberturas feitas na palissada, que a circumdam: uma ao norte, outra ao sul; quando se caminha d'uma d'estas entradas para a outra, é preciso atravessar um dedalo de viellas, orladas por cannas verdejantes e guardadas por cães bravos. Qualquer pôde edificar a sua cabana onde lhe aprouver, comtanto que a habitação e o seu jardim estejam sob a protecção do muro limitador.

Aldeias assim edificadas, sem especie alguma de plano e em que cada casa está dentro d'um jardim, occupam necessariamente uma grande extensão de terreno; algumas são tão grandes como cidades. Escusado é dizer que todas estas aldeias teem uma igreja de flexa elegante e da qual as côres brilhantes mais poetica tornam a formosa paisagem.

Desde a cidade de Kiev nas margens do

Dnieper, até á de Kalatch, nas margens do Dom, as aldeias que o viajante encontra pertencem a este segundo typo, extraordinariamente differente do primeiro pelo aspecto das casas e pelos jardins, cujas disposições

indicam nos seus habitantes uma dessemelhança profunda de educação, se não de raça. Os aldeões da Grande Russia são meigos, tímidos, gostam de se agrupar, de reunir em commum todos os seus recursos, de viverem



NIKON (ÉLÉAZAR D'ANZERK) — Desenho de E. Therond, segundo uma lithographia russa

muitos debaixo do mesmo tecto. Os da Pequena Russia, ao contrario, são aventureiros, energicos, decididos; cada um quer estar em sua casa e unicamente trata do que lhe diz respeito; nada mais quer do que o espaço necessario para o desenvolvimento da sua actividade.

O habitante da Grande Russia leva a es-

posa para a casa paterna; o da Pequena Russia só casa quando a póde levar para a casa que lhe pertence.

Atraz de mim desaparece a floresta.

Aldeias, mais aldeias e sempre aldeias. Encontramos um pequeno troço de cavallaria, escoltando um preso deitado em cima d'uma carroça; avistamos um lobo escoan-

do-se por entre o arvoredó; ao nosso lado passa um peregrino, que vae para Solovetsk; encontra-se comnosco um grupo de creanças andrajosas e porcas; por um triz não vamos esbarrar com um vehiculo que jazia na estrada com o eixo partido; estremeço ao ou-

vir os uivos horriveis d'alguns cães, e de novo seguimos mil curvas por entre as florestas silenciosas. Uma brisa d'uma frescura virginal acaricia e suavemente agita o arvoredó. O ar está puro. Se ha monotonia em tudo que nos cerca, ao menos o céo está azul e o



LEONIDAS, PATRIARCHA DE MOSCOU — Desenho de Émile Bayard, segundo uma photographia

sol nascente resplandece formosissimo por entre ondas de purpura e ouro. Algumas arvores apresentam esplendidos tons d'ambar; a brisa da manhã, atravessando as florestas e afagando o arvoredó, desfere uma musica suave. Um aldeão, que passa seguido d'uma matilha, arrasta o meu pensar para as scenas familiares do condado de Kente. Aqui e alli, no horisonte, avista-se um mosteiro. Um

incendio devora uma parte da floresta; linguas de fogo d'um rosa pallido resaltam da massa escura e erguem-se por cima d'um manto de fumo sangrento. Uma clareira, aberta por algum incendio, está esmaltada de flores do outono. Um limpido regato susurra meigamente por entre a folhagem cahida no chão. Uma fresca creança, de formosos cabellos d'ouro anelados, d'olhos azues

e meigos, estava na estrada e diz-nos adeus com uma gentileza quasi oriental. A mãe segue-a levando a sua vasilha de leite. Um raparigas lavam roupa em agua corrente sob a protecção da Virgem Maria, ou de qualquer santo da sua devoção. Apesar da sua rudeza, os habitantes d'esta região teem uma devoção profunda; edificando capellas e erigindo cruces nas clareiras das suas florestas, assignalam as suas crenças religiosas; d'este modo transformam abominaveis estradas em caminhos illuminados, que levam ao céo.

Chegamos a uma aldeia situada proxima d'um lago d'aguas sombrias.

XVIII

A VIDA PATRIARCHAL — UMA BODA CONDIÇÃO DA MULHER

— Então não se podem arranjar cavallos antes d'esta noite?

— O senhor bem vê que não, disse o Ancião d'aldeia; é um dia de bodas, o patriarcha Daniel dá uma festa para solemnizar o casamento de Vanka e Nadia.

— Nadia! É um lindo nome. Mas teremos cavallos esta noute? Quem é esta gente? Ah! são os padres. Vá lá, sigamos o cortejo e assistamos á cerimonia. O tal Vanka é esbelto?

— É, ou melhor, ha-de sel-o. Não tem senão desesete annos, mas dão-lhe desoito, a idade legal. Mas o rapaz pouco importa para o caso.

— Então porque se casa?

— Porque isso convém ao patriarcha. Daniel tem necessidade de quem o ajude em casa. O velho Dam é o pae de Vanka; a mãe tem trabalhado tanto, que já não tem mais do que a pelle e o osso. E' mais velha que o marido e o patriarcha quer uma mulher nova que possa mandar á sua vontade, que seja desembaraçada, viva, capaz de mugir as vacas, accender o lume, preparar o chá.

— Então é uma boa criada que o velho procura?

— Exactamente e encontral-a-ha em Nadia.

— Então não é um casamento por amor?

— É como todos os outros. Vanka, ainda que moço, já tinha dado o seu coração; por-

que aqui, se os rapazes são ingenuos, as raparigas são azougadas; mas aquella que elle amava não é com quem vae casar.

— A preferida é d'aqui, da aldeia?

— É, chama-se Louscha, uma endiabrada rapariga d'olhos azues e de labios grossos, mas sem um *rublo*, em quanto que Nadia possui cinco *samovars* de cobre e quinze colheres de prata.

— E Vanka que diz ao casamento?

— Nada; que poderia elle dizer? O patriarcha arranjou todas as cousas; verificou o titulo da propriedade das colheres, gostou da noiva, preparou a cerimonia e marcou o dia.

— Ah! a Russia é um magnifico paiz para os paes de familia!

— Todos tem a sua vez para mandar: o pae primeiro, o filho mais tarde. Um dia Vanka será patriarcha. Ninguem faz caso dos homens em quanto teem o pae vivo.

— Mesmo quando se trata de escolher esposa?

— Sobretudo quando se trata d'isso. Os nossos costumes são antigos e simples como os da Biblia. Um patriarcha é o rei em sua casa, e não só reina, mas até governa. Onde leu o senhor que, durante o periodo patriarchal, os rapazes andassem a correr mundo á procura d'esposas? Isso pertence ao patriarcha; a elle só e á *mulher de virtude*.

— *Mulher de virtude!* que sêr é esse?

— Uma mulher que habita n'esta cabana; uma pobre velhinha, que adivinha o futuro, que diz a cada um a sua sina, que serve de agente matrimonial para as raparigas e que todos temem como bruxa.

— Ha *mulheres de virtude* em todas as aldeias?

— Não. Algumas aldeias são muito pobres para lhe poderem pagar. As mais sábias d'estas mulheres habitam as cidades, onde podem ensinar aos homens cousas mais transcendentas. As bruxas das nossas aldeias unicamente deitam cartas, as das grandes cidades lêem nos astros.

— Acredita que ellas tenham realmente esse poder?

— Quem sabe? Bem vê que ellas dirigem os homens e as mulheres; comtudo, todos teem a sua estrella e o seu anjo da guarda. As raparigas, que vão consultar a bruxa, entregam-lhe uma lista do que levarão em dote: tantos *samovars*, tanto em roupas, tan-